NYPL RESEARCH LIBRARIES
3 3433 07437988 8

NCT

NOT

CARLOS MALHEIRO DIAS

Cartas de Lisboa

SEGUNDA SERIE

(1905)

LISBOA
Livraria Classica Editora de A. M. TEIXEIRA & C.TA
20, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 20
1905

Malheiro Dias

CARTAS DE LISBOA

A

BENTO CARQUEJA

EM

TESTEMUNHO AFFECTUOSO

Quando a primeira serie d'estas cartas despretenciosas e quasi familiares foi publicada em volume, a pedido do seu actual editor, este podia calcular-lhe um grande exito de venda, com grande surpreza e incredulidade minhas, mas o que elle nunca, com certeza, suppozera e eu nunca poderia ter previsto, eram os dissabores abundantes que d'esse facto haviam de derivar para mim.

Em Portugal, onde todos nos conhecemos mais do que é consentido ás conveniencias sociaes, uma opinião isolada, por mais innocente que ella seja, attinge uma repercussão quasi escandalosa. Ter uma opinião é peor do que ter uma macula. E se quem ousou a petulancia de formulal-a, se atreve ao descaramento inaudito de a tornar publica, é então certo que não poderá fugir ao castigo severo reservado aos inconfidentes e melhor lhe será, aproveitando a lição, não reincidir na imprudencia. Não é este o meu caso. Eu sou, de natureza, incorrigivel e aproveitam-me pouco as lições que a minha consciencia desapprova. Por

isso reincido. Mas não aconselho a ninguem que siga tal exemplo, que accusa mais desprendimento do que valor, e quando muito mais teima do que coragem.

Uma das caracteristicas da contemporanea sociedade portugueza consiste na unanime reprovação de todas as manifestações individuaes. A cada um é permittido murmurar em segredo, ao visinho, uma monstruosidade, mas a ninguem é consentido proclamar em voz alta uma opinião. D'esse vicio resultam todos os perigos de um regimen social defeituosissimo, que irremediavelmente deteriora o caracter e faz da creatura humana, nas relações com os seus similhantes, um animal perfido e pusilanime.

Já resumida, a sociedade portugueza procurou ainda reduzir-se mais por um estreito espirito de classe. A falta de confiança no valor individual produziu as associações de interesses. Cada homem que sobe, arrasta comsigo, na ascensão, o seu grupo. Póde dizer-se mesmo que o triumpho de cada homem não é mais do que a

resultante dos esforços do grupo a que elle pertence ou preside. Ao esforço pessoal substituiu-se o esforço collectivo. O individualismo foi declarado um vicio. É hoje extraordinariamente difficil saber-se, de antemão, aquelles a quem desagrada ou lisonjeia uma palavra nossa. Elogiar é, em regra, uma acção mais perigosa do que diffamar, n'um meio assim constituido de pequenos interesses em encarniçada lucta, mascarados sob uma apparencia de cordealidade extrema. Conquistar um amigo é um euphemismo que corresponde, na pratica, a crear cem inimigos.

Se por um momento nos detivermos a pensar no que resultaria se todos, de commum accordo, pozessemos os nossos actos em harmonia com os nossos pensamentos e praticassemos a vida em conformidade com a intima noção que d'ella possuimos, soffremos a sensação nitida, exacta, de uma verdadeira revolução social, tão profundo é o abysmo que hoje separa as nossas ideias dos nossos actos!

Ignoro até onde poderá ir, arvorada em sys-

tema, uma tamanha corrupção da verdade, uma tão progressiva dissimulação da consciencia. Mas é licito suppôr, que do abuso resultará a reacção e que a sinceridade terá ainda o seu reinado, mesmo que fugaz e ephemero, como um armisticio n'esta fatigante e inclemente lucta da mentira.

A publicação d'estas cartas, onde são systematicamente limadas todas as asperezas da penna, no proposito de não as desvirtuar, de commentarios e descriptivos innocentes, em pleitos perigosos de vaidades offendidas, serviu para pôr ainda em evidencia esse prodigioso conluio de interesses divergentes, disfarçados em affectuosidades unanimes, que constitue hoje a trama onde a vida de Lisboa borda as suas mil peripecias, dignas de merecerem as attenções moralistas e severas de um historiador. O successo que ellas obtiveram — e que nunca a minha vaidade poderia attribuir ao seu valor litterario — exclusivamente se deve, forçoso é confessal-o, a essa pequenina virtude, tão diffamada, que vulgarmente se chama a coragem da opinião. Do

exito me derivou, consequentemente, o dissabor. Cada palavra innocente foi pesada em balanças sensibilissimas de má fé e a collaboração dos leitores tornou-se tão prodigiosamente consideravel, tão intrusamente abusiva, que a mim me referiam, como passagens do livro, phrases inteiras que não estavam n'elle!

De toda a parte me iam chegando revelações confidenciaes, com que fazer, d'esta vez, a mais escandalosa chronica de costumes com que poderia sonhar a phantasia ambiciosa de um chronista inconfidente e sem escrupulos! E não eram as minhas censuras que determinavam esse alvoroço. Eram os meus elogios! A minha indulgencia foi despiedosamente suspeita da cumplicidade. Houve adjectivos que mereceram prelecções nas salas, diante de auditorios numerosos. Mas tout casse, tout passe, tout lasse... *Aos poucos, a tempestade foi, finalmente, serenando. O copo de agua voltou á sua serenidade primitiva. Creio não ter morrido ninguem fulminado pelos raios. Graças sejam dadas a Deus!*

Um dos assumptos mais familiares a estas ligeiras e despretenciosas cartas, fôra a vida mundana de Lisboa. A escolha de tal assumpto traduzia menos a minha competencia e predilecção por elle do que o reconhecimento da sua importancia na historia dos costumes, unica em que se deve exercitar a actividade laboriosa de um chronista. Não me competiam, no jornal para que habitualmente as escrevo, as graves dissertações de caracter politico, ou as ponderadas apreciações do movimento economico. Mas a vida não se reduz a essas duas grandes manifestações do talento e do esforço humanos. O que menos se vê *na vida e o que menos espaço occupa n'ella são esses formidaveis geradores de energia social, que imprimem e regulam o movimento aos factos.*

Assim como a fabrica é constituida mais pelo machinismo do que pelo motor, d'onde lhe deriva a vida, assim tambem as sociedades humanas não se podem julgar constituidas apenas pelas razões economicas e politicas, que imperam no seu desenvolvimento e até certo ponto dirigem os

seus destinos. Que ideia nitida seria possivel ligar a qualquer periodo da historia, quando d'elle apenas nos restassem relações de factos politicos e de factos economicos?

Tomando para exemplo o Portugal do seculo XVIII, *facil será demonstrar que nem a sua politica, nem a sua economia bastariam para o descrever, já não digo com approximação, mas com fidelidade.*

Mais do que aos acontecimentos d'essa natureza, é indispensavel ir procurar á historia dos costumes, das artes e das lettras as fontes d'onde derivaram todas as caracteristicas d'esse periodo.

Nunca os historiadores do seculo XXX *suspeitariam o que foi a sociedade do reinado de D. José se tivessem de suppôl-a concorde com a politica de Pombal, nem fariam ideia approximada do caracter de D. João* V, *se o derivassem do seu cesarismo diplomatico.*

Por acaso, o nosso olhar attinge, no espectaculo da natureza, esse drama colossal, mas todo

intimo, que é o despertar da seiva, ou apprehende, visualmente, as grandes leis physicas que governam o universo? Limitamo-nos a vêr os successivos e variados aspectos, que ella toma, sob a influencia d'esses factos reconditos, da mesma maneira que conseguimos noções exactas da vida humana sem que se torne possivel ou necessario vêr o coração da mulher que nós amamos ou o cerebro do homem que estimamos. Como a raiz, que não é a arvore, os acontecimentos economicos e politicos não são a vida, no seu aspecto objectivo. Quando muito o são na sua synthese.

Eu quizera, se isso fosse possivel, que o chronista produzisse entre nós a obra que ninguem mais se dará á canceira de compôr, e que constituiria, para de futuro, no seu conjuncto, uma verdadeira collecção animatographica dos diversos aspectos da vida portugueza, como subsidio valioso para a historia dos costumes. E não pelo relato arido de factos, de que são hoje repositorios incomparaveis os jornaes, mas pelo conceito a extrahir d'elles, pela impressão toda subjectiva

por elles produzida, por um trabalho de investigação conscienciosa, o que permittiria integral-os na vida ambiente, collocando-os no seu logar, como n'um ensaio geral de peça historica.

A minha orientação, na escolha dos assumptos, tem obedecido a esse desejo de contribuir, embora com um subsidio modesto, para essa historia dos costumes contemporaneos, descrevendo as variadas apparencias da vida de Lisboa e avultando-as, sempre que isso se torna necessario, pela comparação de épocas differentes, d'onde presumir se possa da decadencia ou progresso que ellas significam.

Foi assim que ao longo da primeira serie d'estas cartas, onde tão abundantes referencias se faziam á vida elegante das altas classes, frequentemente pozemos em confronto essa sociedade espirituosa, alegre, infatigavel, de 1840, e as suas inclinações de arte, a sua cultura litteraria, com a tenue *ceremoniosa e hirta, a ruptura de relações com os artistas, a falta de inventiva e de vivacidade, que caracterisam a sociedade*

de 1900, tentando em vão explicar essa decadencia na fantasia, na sociabilidade, na graça, por outros motivos que não fossem uma inferioridade de cultura e uma egoista noção da vida moderna, o que estaria em contradicção manifesta com a verdade.

Ignoro até que ponto esse incessante confronto poude influir na transformação que está alterando, nas suas manifestações recentes, a vida elegante de Lisboa. Mas o facto é que não appellamos em vão para os exemplos d'esse concilio de mulheres espirituosas, que nas salas de baile, nos concertos e nos palcos improvisados, imprimiam no tempo de Garrett, ás festas de Lisboa, um cunho de tão graciosa intelligencia.

Não queremos attribuir, bem entendido, ás nossas exhortações, essa reviravolta inesperada aos tempos do theatro Thalia. Antes de nós, outros com mais sciencia e mais arte, como Bulhão Pato e Pinto de Carvalho, evocando as gerações de 1840, as compararam com desanimadas palavras ao simulacro de alta sociedade, que hoje se

diverte quasi exclusivamente em S. Carlos e commette ses petits vices *com uma galanteria equivoca.*

Lisongeamo-nos, sim, de haver animado, ainda que debilmente, o reatamento de relações entre os mundanos e os artistas, com mais vantagem para aquelles do que para estes, e de havermos chamado sobre nós algumas coleras, com que aprendemos a avaliar melhor o espirito dos homens contemporaneos. Mas não é d'essas coleras — incendios de pouca dura, que só servem para alumiar os que estão na sombra — que resolvo occupar-me, n'uma liquidação summaria de alguns attritos provocados pelo primeiro volume d'estas cartas. De entre elles avulta a troca de cortezes explicações com o sr. Carlos Quintella a proposito de uma referencia a seu illustre pae, o conde de Farrobo. Alguem, a proposito de uma carta onde eu transcrevia de uma antiga correspondencia do sr. Silva Pinto para a Voz Publica *uma anecdota tão pittoresca como inoffensiva, de que era protagonista um*

fidalgo do norte, velho amigo de minha familia, me observava que era, com essa, a quarta inconveniencia que eu praticava n'um curto periodo de tempo. As outras tres vinham a ser um artigo sobre os srs. Hintze Ribeiro, João Arroyo e José Maria de Alpoim, a carta indisciplinada a proposito da morte de João Roby e finalmente a referencia ao conde de Farrobo. Da primeira resultou um marquezado, o que lhe dá um singular merito nobiliarchico, da segunda umas baboseiras n'um jornal agricola, da terceira algumas palavras inolvidavelmente affectuosas da unica pessoa a quem podia em rigor desgostar a minha indisciplina e finalmente da ultima uma carta do sr. Carlos Quintella nas Novidades. *N'essa carta, que o sr. Espirito Santo Lima acompanhava de um commentario inutil, com a desvantagem de trazer á memoria do leitor a concordancia das minhas opiniões com as de Oliveira Martins, o sr. Carlos Quintella dizia gostar de saber em que me fundara para alcunhar de frivolo o conde de Farrobo. Res-*

pondi que as minhas palavras não envolviam uma censura posthuma a essa figura, entre todas sympathica. do homem opulento e prodigo, que tão grande influencia exerceu na sua época, limitando-me a deplorar que o conde de Farrobo, dispondo de uma fortuna enorme, alliada á força não menor de uma intelligencia d'élite, *com inclinações de arte, habitos de ostentação incorrigiveis, uma generosidade sem egual no seu tempo, um desejo ardente de ser util e de nobilitar o seu ouro e o seu nome, não podesse deixar de si, para a gratidão dos vindouros, memoria mais concreta, fóra da chronica mundana, de que elle foi, durante trinta annos, o principal ornamento.*

Farrobo foi victima da sua época e do meio escandalosamente frivolo onde, de preferencia, se fez sentir a sua influencia de millionario. A sua vida foi uma dissipação, e não só de fortuna, como de salutares e nobilissimos intuitos. Ao prazer dos outros sacrificou, mais do que os seus bens, a propria grandeza da sua memoria.

Lamental-o é ainda fazer-lhe justiça, em terra onde a fortuna serve tão pouco e mal, aos que d'ella dispõem, como instrumento de cultura e de progresso social.

Não se limitava porém o sr. Carlos Quintella a formular o desejo de saber em que eu me fundava para alcunhar de frivolo o conde de Farrobo. Fez-lhe a apologia calorosa. Seria impossivel contrapôr ás opiniões respeitaveis, ainda que suspeitas, de um filho, as opiniões, totalmente desembaraçadas de influencias affectuosas, de um critico. Abstive-me por isso de as discutir, reservando-me para, em occasião mais opportuna, fazer sobre o caso as considerações de ordem geral que elle impunha. Eu tinha quasi como certa a interpellação do sr. Carlos Quintella e isso por dous motivos. Quando a carta, que effectivamente a provocou, appareceu pela primeira vez em folhetim no Commercio do Porto, *escreveu-me o sr. Julio Mardel a perguntar quaes as affrontas que eu fizera á memoria de Farrobo, pois alguem appellara*

para o seu talento satyrico para tomar um violento desforço d'essa injusta aggressão, fazendo publicar n'um jornal de Lisboa um artigo refutando sem clemencia as minhas opiniões. O sr. Julio Mardel, cujo espirito mordaz não ha quem não conheça, como eu lhe reproduzisse as referencias que no folhetim se encontravam ao conde de Farrobo, limitou-se a escrever-me uma extensa carta exaltando, com uma convicção sincera, a vida de benemerencia, de bizarria fidalga, de amor pelas artes, de generosidade e de altruismo do 2.º barão de Quintella. Gorara assim o desaggravo encommendado, que não é meu proposito attribuir ao sr. Carlos Quintella, cujos sentimentos de filho não careciam da graça e do espirito alheios para tomar a defeza da memoria de seu pae, quando lh'a ultrajassem.

Um anno antes, quando o sr. Julio Dantas fizera representar em D. Maria a sua comedia Um serão nas Laranjeiras, *o filho do conde de Farrobo sahira tambem com declarações nos*

jornaes. Ora a verdade é que a figura do conde só apparecia na comedia para dizer uma phrase de espirito e quando a peça fosse uma satyra aos costumes de 1850, não podia de boa fé attribuir-se ao conde as responsabilidades da corrupção galante da sociedade d'essa época. Ambos estes precedentes me habilitavam a aguardar, como infallivel, a declaração inevitavel das Novidades, *que eu poderia ter aproveitado para abrir um debate, que só chamaria a attenção sobre o meu livro. O respeito que me merecem, como a todos os homens de coração devem merecer, as reivindicações de um filho, e o meu horror á publicidade excessiva, que só prejudica a reputação de um escriptor, quando este não é, como eu não sou, um jornalista profissional, abstiveram-me de fazel-o. O incidente está fechado e se o lembro, não é tanto para o esclarecer como para affirmar, em nome do direito irrecusavel do historiador e do chronista, que na historia dos acontecimentos politicos e dos costumes sociaes, não dispensamos a mais com-*

pleta liberdade de apreciação. Se cada homem celebre deixasse um filho na terra com a missão exclusiva de vigiar a opinião dos vindouros, Oliveira Martins e o sr. Barbosa Colen não teriam podido escrever uma pagina das suas historias contemporaneas. A celebridade tem os seus deveres para com a posteridade. Ninguem perde tempo em discutir os homens mediocres, os caractéres vulgares e as creaturas anonymas. Seja dito de uma vez para sempre que esta obra, meritoria ou não, é a de um homem bem intencionado, que nunca pretendeu tornal-a um despejo de mexericos, de retaliações ou de intrigas.

C. M. D.

I

O palacio Palmella — Catalogos da galeria do Calhariz — Um muzeu de pintura portugueza — A obra de Sequeira, de Vieira Portuense e de Vieira Lusitano — Os Sousas Calharizes — Uma dynastia intellectual — Academicos, diplomatas e amadores de bellas-artes — Palacios do Rato, do Calhariz e da Arrabida — As cartas do conde de Raczinsky — Uma maravilhosa collecção de esmaltes de Limoges — Um quadro de Raphael e de Julio Romano — O S. Miguel Archanjo, de Grão Vasco — O S. Paulo Eremita, de Guido Reni — Santa Rosa de Viterbo, de Balestra — As quatro grandes telas de Sequeira — Um quadro de Teniers — Os dois retratos de sir Thomas Lawrence — O gabinete do sr. duque de Palmella — As porcellanas e as faianças — A baixella do conde da Povoa — Um presente de Luiz Filippe — A sr.ª duqueza de Palmella esculptora e ceramista.

Por uma noute d'este inverno, em que reunira no meu gabinete de trabalho quatro amigos, occupados mais gloriosamente do que eu em sustentar com honra a sua profissão de homens de lettras, a conversa recahiu, depois de percorrer veredas sinuosas, por onde a imaginação de cada um seguira aos acasos da aventura, sobre a ausencia quasi completa de informações em que nos deixaram historiadores e chronistas no que se póde chamar, pela equivalencia entre o theatro e a vida, a *mise-en-scéne* e o scenario da historia. E um de nós recorreu

a um exemplo decisivo: foi o paço da Ribeira, durante prolongados annos, em éras de incomparavel esplendor, morada dos reis de Portugal, que n'elle habitaram até 1755, em que o destruiu o terremoto. Que sabemos nós d'esse paço real? Nada, ou quasi nada. O soberbo palacio mandado levantar por D. Manoel, o pavilhão, chamado *Forte*, que Filippe II fez construir, o annexo que D. João V addicionou ao edificio, a capella patriarchal, o theatro da opera, concluido por D. José I cinco mezes antes do terremoto, tudo desappareceu, sem que ficasse na historia um descriptivo amplo e municioso de tantas maravilhas. Não ha um inventario dos bens sumptuarios da nobreza, soterrados por occasião do mesmo cataclismo. D'esse passado de esplendor e de fortuna pouca memoria resta. O historiador tem de proceder por conjecturas, quando pretenda evocar a vida dos seculos preteritos, em quadros picturaes de *interior* e de costumes. Esta lacuna far-se-ha sentir muito menos para as futuras gerações, povoadoras de futuros seculos, no que se refira á nossa vida contemporanea. A photographia e a imprensa incessantemente estão a documental-a n'um archivo sem fim de *clichés* e depoimentos. Mas convinham os meus quatro amigos em que a litteratura portugueza, depois de haver contribuido grandemente para a elaboração critica da historia dos costumes, parecia querer abando-

nar entre mãos menos habilitadas a honra de servirem de guias á curiosidade das longinquas gerações, na apreciação das sociedades do seu tempo.

Foi n'essa noute de conversa, entre mil planos edificados e logo arruinados, que ficou resolvido o ensaio de uma serie de pequeninas monographias ou memorias, em despreoccupado estylo epistolar, com descripções das grandes casas de Portugal, que representassem um subsidio, ainda que modesto, sobre a moderna sumptuaria portugueza.

É no proseguimento d'esse ensaio, que me occuparei hoje de uma casa, que a todas as da côrte e do reino sobreleva em categoria e esplendor, depois dos paços reaes, e que justamente logrou fama de abrigar os mais esplendidos thesouros de arte: a casa Palmella.

Um catalogo, hoje rarissimo, da galeria opulenta do Calhariz, impresso na Imprensa Nacional, com o titulo de *Catalogo dos quadros e mais objectos de Bellas-Artes, que se acham no palacio do duque de Palmella* (1) quando da sua reedificação pelo duque D. Pedro; o catalogo

(1) Este catalogo é dividido em sete secções, a saber: Pinturas; Estatuas e outras esculpturas antigas; Estatuas e esculpturas modernas; Objectos diversos; Vasos etruscos achados em Italia, Sicilia e Grecia; Louça antiga denominada de Leão x; Mezas de mosaico e marmore.

da Exposição retrospectiva de artes ornamentaes, de 1882, onde os srs. duques de Palmella expozeram parte das suas admiraveis collecções de esmaltes e de louças da China, do Japão, da India, de Sévres e de Saxe; a enumeração succinta publicada a p. 142, 153 e 166 do t. IV da 2.ª serie da *Revista Universal Lisbonense* (1851-1852); as referencias de Raczinsky, o celebre ministro da Prussia, insigne amador de bellas-artes, a quem devemos um volume de cartas no genero das de lord Beckford e um Diccionario historico e artistico de Portugal (1); e finalmente, as duas pequenas monographias, não isentas ainda de infidelidades, do sr. Gabriel Pereira, eruditissimo inspector das bibliothecas e archivos nacionaes, em que se acham compendiadas e reproduzidas as descripções dos antigos catalogos, — parece-me ser tudo o que existe publicado sobre esse verdadeiro muzeu, reunido pelo gosto e pela opulencia de uma familia, que ascendeu no seculo XIX, com a implantação do regimen liberal, á mais alta gerarchia entre a nobreza do reino.

Dos artistas que teem frequentado, com mais

(1) É datada de 26 de novembro de 1844 a carta em que Raczinsky, depois de haver visitado com Cinnati o palacio do Calhariz, que este andava decorando, aprecia as *collecções* da casa Palmella.

ou menos assiduidade, o palacio do Rato, na sua maioria esculptores, áparte o depoimento unanime e verbal sobre a quantidade e qualidade das maravilhas que elle encerra, não existe um unico documento de vulgarisação. E entretanto essa riqueza artistica, que a casa Palmella tem resguardado da gula dos mercadores estrangeiros, constitue, não só o justo orgulho de uma familia, mas uma honra insigne para o paiz, que viu perdida, com o terremoto, as invasões, a transferencia da côrte para o Rio de Janeiro, a venda dos bens conventuaes e as luctas politicas, a maxima parte do seu patrimonio de arte, amontoado em tres seculos de predominio e de grandeza.

O melhor da producção artistica de Portugal nos principios do seculo XIX está enthesourado no palacio do Rato. O maior pintor do seculo, o grande Sequeira, só lá póde ser dignamente admirado nas quatro telas prodigiosas — *A visitação dos Reis Magos, A Descida da Cruz, A Resurreição do Senhor* e *O Juizo Universal*, as duas primeiras concluidas, as duas ultimas por acabar, infelizmente, e cujos projectos, em carvão, ninguem ha que não conheça da famosa sala P, do muzeu nacional das Janellas Verdes [1].

---

[1] Comprados pelo governo ao sr. marquez de Sousa Holstein por mil libras.

Vieira Portuense tem lá duas paizagens magnificas — das melhores que conhecemos d'elle, — além dos esboços magistraes para a illustração dos dez cantos dos *Lusiadas;* uma *D. Filippa de Vilhena armando os filhos;* um *Vasco da Gama na ilha dos Amores,* soberbo de movimento e de composição; uma copia esplendidissima de Albano, *O toucador de Venus,* e a copia do *S. Jeronymo,* de Corregio, reproduzido em horas de inspiração vehemente e n'uma fluidez, n'uma transparencia luminosa de tintas, com que só os apaixonados cultos podem animar o pincel, ainda que emerito, de um copista.

De Vieira Lusitano possue a casa Palmella um *Christo na cruz,* de grandes dimensões, creio que primitivamente destinado á capella da legação de Portugal em Londres, e um *Santo Antonio prégando aos peixes.*

Não é um estudo minucioso sobre essas obras e as muitas mais, de summa grandeza, que adiante se verá — algumas d'ellas sublimes, — que eu intento fazer, preenchendo a lacuna, cuja responsabilidade pertence aos competentes. Mas parece-me que estas cartas se animarão singularmente com o descriptivo d'esse palacio, obstinadamente fechado aos curiosos, verdadeira fortaleza, que o *parvenu* ainda não conseguiu tomar de assalto, e que apenas uma sociedade familiar e resumida frequenta.

Por muito tempo, a casa do Rato foi centro

mundanissimo de reunião. As festas que a actual sr.ª duqueza ali deu ficaram registradas entre as mais sumptuosas do seculo. Do seu ultimo baile dizia ainda ha poucos dias um chronista — dos raros que podiam escrever, senão com o estylo brilhante de um Goncourt, com conhecimento perfeito do assumpto, as memorias da vida elegante de Lisboa nos ultimos trinta annos, — que fôra o mais grandioso concerto da opulencia e do requinte, digno de realçar um florilégio das festas portuguezas.

«Para a ceia, que foi servida n'esse baile, as ostras vieram dos viveiros de Ostende, os faisões das florestas da Escocia, a fructa dos pomares que os duques possuem na Italia e na ilha de Malta; e para que a dansa fosse mais animada e irresistivel, tinha chegado expressamente da Hungria um sexteto de tziganos, que, durante a noute, tocou as mais lindas e estonteadoras valsas de Strauss (1).»

Mas a decadencia da sociabilidade, provocada principalmente pela confusão das classes, fructo das revoluções democraticas, attingiu por sua vez o palacio Palmella, que cerrou as suas portas á mediocridade triumphante.

Familia de artistas e politicos, d'essa nobre

(1) De um artigo do sr. Alberto Braga no *Brasil-Portugal*.

casta do patriciado romano, de onde sahiam os governadores e os consules, os senadores poderosos e os amigos acolhedores dos poetas e dos philosophos, os Sousas do Calhariz mantiveram sempre as tradições da mais alta cultura intellectual. O duque D. Pedro era um espirito cultissimo e penetrante, um diplomata do mais alto talento e um homem de côrte, elegante e senhoril, «que até como poeta em lingua estrangeira conquistou merecido applauso ([1]).» De seu pae, D. Alexandre de Sousa Holstein, 10.º capitão da guarda real dos archeiros — guarda tudesca ou allemã, como ainda ao tempo era conhecida, — ministro plenipotenciario em Copenhague e Berlim, embaixador em Roma, apreciador apaixonado das bellas-artes, herdara D. Pedro os eximios talentos de diplomata e essas tendencias elegantes do espirito, que eram o apanagio e tradição da familia, perpetuada até hoje. Os Sousas Calharizes constituem uma das raras estirpes intellectuaes da nossa nobreza. Em 1726, vê-se um D. Francisco de Sousa, 6.º capitão da guarda tudesca, fidalgo dos mais eruditos do seu tempo, socio da Academia Real de Historia Portugueza aos vinte e seis annos, encarregado de escrever as Memo-

---

([1]) Visconde de Castilho, *Lisboa antiga,* vol. III, p. 154.

rias historicas dos reis D. Pedro I e D. Fernando. Bluteau denuncia á posteridade um outro D. Francisco de Sousa, como «cavalheiro em toda a materia aulica consultado como oraculo; cuja presença inspirava respeito e cuja ausencia ainda hoje martyrisa a nossa saudade.» Este foi o pae de D. Manoel Caetano de Sousa, celebre clerigo theatino, iniciador da Academia Real de Historia, socio da Arcadia de Roma, com o nome de Telamo Luzitano, e da Academia Portugueza e Latina, fundada em 1696 pelo conde da Ericeira. Ainda á gentileza do porte e á scintillancia do espirito devera o 7.º capitão da guarda real, D. Manoel de Sousa, a amisade do imperador da Allemanha e a mão da princeza de Holstein, D. Marianna Leopoldina, filha primogenita de Frederico Guilherme, duque de Holstein, neto por varonia de Christiano III, rei da Dinamarca, e da duqueza Maria Antonia Josepha, filha do conde de Sanfré, da casa de Isnarde, no Piemonte.

A auctora do *Diogenes*, do *Fiat Lux*, da *Santa Thereza de Jesus*, tem assim, na tradição de sua familia illustrissima, as fervorosas inclinações pelas artes e o cultivo nobre da intelligencia, como uma verdadeira arvore genealogica do talento, de onde bracejou e floriu o seu genio inspirado de esculptora.

As collecções de arte do palacio do Rato são o mais luminoso documento d'esse secular

cultivo das artes, a resultante do gosto esmerado de gerações successivas, como as collecções dos Urbinos, dos Malatesta e dos Médicis, reunidas pela munificencia das familias principescas de Italia, protectoras das bellas-artes e principaes instigadores da Renascença.

Não é a casa do Rato, onde hoje residem os srs. duques de Palmella, como o palacio do Calhariz, edificado nos fins do seculo XVII por D. Francisco de Sousa, 4.º capitão da guarda real allemã dos archeiros, e como o magnifico e sumptuoso solar do Calhariz, na serra da Arrabida, um velho lar da familia; antes só o habitaram os Palmellas depois do casamento do marquez do Fayal, D. Domingos de Sousa Holstein, filho do 1.º duque D. Pedro, com D. Maria Luiza de Sampaio de Noronha, filha dos 1.os condes da Povoa, barões de Teixeira, Henrique Teixeira de Sampaio e D. Luiza Maria José Rita Balthazar de Noronha.

O palacio do Rato foi edificado nos ultimos vinte annos do seculo XVIII por Manoel Caetano de Sousa, coronel de artilheria (1), architecto da Casa do Infantado, da congregação camararia da Santa Egreja Patriarchal, da meza da consciencia e ordens e escrivão da Junta da Sere-

(1) Ou, segundo os almanachs, sargento-mór de infanteria, com exercicio de engenheiro?

nissima Casa do Infantado, em cujo cargo succedeu a Matheus Vicente, sendo na direcção das obras publicas o successor de Reynaldo Manoel. Este Manoel Caetano de Sousa, que foi o reconstructor da egreja da Encarnação e da capella real da Bemposta e ainda superintendeu nas obras da real basilica da Estrella, obtivera, por mercê da rainha D. Maria I, um terreno pertencente á Casa dos Jesuitas da Cotovia, ou Casa do Noviciado, depois Collegio dos Nobres, e um auxilio pecuniario do erario regio, para construir um predio, que substituisse o que herdara de seus paes, á esquina das ruas dos Jasmins e Patriarchal Queimada, demolido para a projectada edificação do Erario Novo, que nunca passou dos alicerces, e onde o visconde de Villa Nova da Cerveira enterrou perto de tres milhões de cruzados.

Á nova casa foram ainda concedidos, por alvará de 25 de agosto de 1794, os sobejos do chafariz do Rato. Estas repetidas mercês, reunidas a tão numerosos cargos, deixam presumir que Manoel Caetano de Sousa fosse homem importante no seu tempo. Ignoro se occupava, emquanto viveu, todo o seu enorme predio. Em 1817, seu filho e herdeiro, o architecto Francisco Antonio de Sousa, vivia na sobreloja. O edificio era então habitado por diversos inquilinos.

Manoel Caetano falleceu subitamente, em 1802, com sessenta e quatro annos, quando,

«perante o principe regente D. João, o ministro presidente do Real Erario, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, lhe fazia certas accusações (1).» Seu filho, Francisco Antonio de Sousa, implicado na conspiração de Gomes Freire, foi preso, no dia 26 de maio de 1817, e condemnado a degredo perpetuo para Angola e á confiscação dos bens.

No seu palacio do Rato, avaliado em trinta contos de réis, installou-se a Intendencia Geral da Policia (2). A *Gazeta* de 1818 publicava, successivamente, os annuncios de que na casa do Juizo do Fisco por Inconfidencia, na rua Nova do Carmo, 7-G, se procederia á arrematação da casa nobre da rua da Fabrica da Sêda, pertencente aos herdeiros do architecto Manoel Caetano de Sousa e de que se tinham posto editaes chamando os crédores com direito ao preço das casas do réu e mais herdeiros de seu pae. Um irmão de Francisco Antonio de Sousa e sua mulher, requereram aos governadores do reino para que se declarasse que a existencia da secretaria da Intendencia Geral da Policia na casa que haviam herdado de seu pae e sogro, e de cuja propriedade era comparte o réu confiscado,

(1) Pinto de Carvalho (Tinop), *Lisboa de outros tempos*, vol. II, p. 295.

(2) A mudança das repartições para ali e as obras da installação constam de documentos do ministerio do reino, agora na Torre do Tombo, masso n.º 318, fl. 247.

não obstasse a qualquer lançador, que a houvesse de arrematar para sua habitação. O pedido obteve deferimento em portaria de 17 de fevereiro de 1818 e o palacio foi arrematado no dia 18 de março de 1822 pelo barão de Teixeira, depois 1.º conde da Povoa, cuja filha casou com o 2.º duque de Palmella, passando assim a propriedade aos Sousas Calharizes.

Mais tarde, Francisco Antonio de Sousa, que fôra perdoado, com os réus sobreviventes, reclamou do governo constitucional a restituição da sua casa, sem o conseguir.

O conde da Povoa procedera n'ella a obras dispendiosissimas, afim de transformal-a em vivenda digna do seu fausto. A actual escadaria do palacio e a harmoniosa sala de jantar, do andar nobre, datam d'este primeiro periodo de reformas, as quaes por varias vezes se repetiram e duravam ainda em 1841, como o indica o facto de haver nascido a actual sr.ª duqueza no palacio do Loreto, situado entre as ruas do Thesouro Velho e do Outeiro, onde hoje se acha installada a Liga Naval e onde morou o general Lannes, quando ministro da republica franceza junto ao principe regente D. João (1).

(1) Este palacio, a que se refere o sr. visconde de Castilho no 2.º volume da *Lisboa antiga*, é hoje propriedade da sr.ª viscondessa de Valmôr e foi edificado por José Ferreira Pinto Basto.

Concluidas que foram as obras, o duque D. Pedro veio habitar, com seu filho, sua nora e sua neta, o palacio do Rato, onde falleceu a 12 de outubro de 1850. Esta morte como que vinculou á familia illustre a casa do director das obras publicas de D. Maria I. Os seus espaçosos jardins, sombreados de arvores quasi seculares, e a sua privilegiada localisação, a poucos minutos do centro da cidade, no resguardo de importunos ruidos, explicam a preferencia, que sobre o palacio do Calhariz, tão opulentamente restaurado pelo duque D. Pedro, lhe deram os Palmellas.

A não ser a esplendida capella e alguns tectos, como os das salas vermelha e amarella, que conservam pinturas do mais puro estylo Luiz XVI, no genero das que ainda hoje se vêem no convento da Estrella e no palacio de Queluz, póde dizer-se que a casa do Rato não tem primores architectonicos de subido apreço, tendo sido improficuos os esforços e a fortuna do conde da Povoa para a transformarem radicalmente. Mas, se ao palacio faltam as architecturas grandiosas e bellas, dignas dos thesouros que encerra, e da gerarchia da familia que n'elle habita ha mais de meio seculo, a verdade é que em nenhuma outra casa de Lisboa o visitante sente a impressão d'essa solemnidade discreta, tranquilla e grave, com que sempre se reveste o luxo authentico. Quer de dia, na penumbra

dos seus *stores* e na profunda calma ambiente, quer de noute, illuminado pela luz dôce das lampadas Carcel, o palacio do Rato, com os seus silenciosos criados de calção de velludo vermelho e meias de sêda côr de carne, a sua escadaria decorada com esculpturas de Soares dos Reis e de Teixeira Lopes, com pinturas de Giorgione, de Vieira Lusitano, de Claudio Coelho, de Ticiano, de Christovão de Utrecht, as suas enormes talhas de porcellana da China, de fundo azul ferrete coberto de ornatos de ouro, com cães de Fó dourados nas tampas, os seus reposteiros brazonados nos patamares, os seus corredores de mosaico de marmore, apparece como modelo de austera elegancia, de luxuoso conforto, de um apparato rigoroso, sem maneirismos e — cousa hoje rarissima! — sem scenographia. Nada, n'este nobre conjuncto harmonioso, que faça lembrar os palacios theatraes dos banqueiros megalomanicos, dos colleccionadores por ostentação, dos bric-à-braquistas maniacos, dos israelitas pomposos.

Sente-se por toda a parte o luxo herdado e mantido em todo o seu esplendor sereno; e, quando o lacaio de libré nos corre o reposteiro de um pequenino gabinete vermelho, fica-se, por um instante, ao lado das maravilhas, que elle encerra, sem a plena consciencia de que nos deixaram sósinho ante um thesouro. Pelas duas portas, que communicam a minuscula ante-

camara com as salas, o olhar, attrahido pela luz, incide involuntariamente sobre duas grandes telas de prodigiosa belleza: a reproducção do *S. Jeronymo* de Corregio por Vieira Portuense (1) e a *Sacra familia* de Raphael e de Julio Romano. Não se sabe ainda ao certo o que ellas sejam e já se lhes sente vagamente o sortilegio. O gabinete é todo forrado de damasco vermelho. São de damasco as cortinas, de damasco os dous divans, que a ornamentam. Nas paredes, placas de crystal antigo, para velas, em estylo Luiz XVI. Ao fundo, na penumbra, uma *vitrine* de grandes laminas de crystal, com molduras metallicas, assente n'um buffete de talha Renascença. E ha como que um fulgor de joias, de mil cambiantes, a illuminar a sombra discreta da *vitrine:* está ali toda a surprehendente collecção de esmaltes de Limoges, que o catalogo do Calhariz denomina *louça antiga de Leão* X e que o 1.º duque de Palmella comprou, com o palacio do Lumiar, á casa de Angeja, para onde a trouxera de Roma, nos fins do seculo XVIII, o irmão do marquez pre-

(1) Francisco Vieira Portuense, o émulo de Domingos Antonio de Sequeira e depois d'este o maior pintor portuguez do seu seculo, estudou em Roma, para onde partiu em 1789, subvencionado pela Companhia Geral de Agricultura do Alto Douro.

sidente do real erario, então embaixador junto da Santa Sé.

Esta collecção contém os mais preciosos especimens de esmaltes antigos existentes em Portugal, depois do famoso triptico da Bibliotheca de Evora, representando scenas da Paixão de Christo, e para o qual el-rei me chamava, ha dous annos, a attenção, quando tive a honra de o acompanhar n'uma das suas visitas á capital do Alemtejo. O muzeu das Janellas Verdes possue poucos exemplares de esmaltes, sem grande merito, inferiores aos da mitra de Leiria.

A todas as collecções, tanto officiaes como particulares, sobreleva em raridade e riqueza a da casa Palmella, superior á que o barão Fernando Rothschild legou, em 1898, ao British Museum, e considerada como uma das mais celebres da Europa, não tanto pelo numero das peças que a compunham, como pela sua belleza excepcional.

Consta este inapreciavel thesouro de vinte e cinco peças magnificas, ás quaes a actual sr.ª duqueza juntou mais cinco, de sua acquisição, senão tão bellas como as primeiras, porque os maiores primores a seu lado empallidecem, com certeza notaveis e raras todas ellas, sobresahindo um pequeno triptico, identico — talvez o mesmo? — ao exposto por Fernando Palha, em 1882, na Exposição de Arte Ornamental.

A maior parte dos maravilhosos esmaltes da

collecção dos srs. duques de Palmella remonta ao seculo XVI, ao periodo aureo do esmalte, quando as dynastias dos Courteys e dos Reymond, tendo levado ao apogeu a sua arte e inspirados pela Renascença italiana, começaram reproduzindo as composições dos grandes mestres das escolas de Florença e de Bolonha.

De Jehan Courteys são os seis pratos em cobre, com o diametro de $0^{m},24$, representando o Presepio, a Adoração dos Reis Magos, a Fuga para o Egypto, a Circumcisão, a Visitação de Santa Isabel e a Morte da Virgem, com as legendas: *Nativitas. Jesv-Christi. — Trivns. Regum. Oblatio. — Fvga in Ægyptvns. — Christi. Jesv. Circvmcisio. — Divæ Mariæ et Elisabethæ. — Obitvs. Divæ Virginis*, cujas orlas representam um friso archictectonico, no mais sumptuoso estylo da Renascença, ornado de carrancas e fechado por um escudo enramalhetado de louros. O reverso d'estes seis pratos — verdadeiros monumentos da arte do esmalte no seculo XVI, pela opulencia do adorno, pela riqueza do colorido, pela minucia da composição — são decorados com fachos accêsos e bustos romanos; todos elles marcados pelas iniciaes J. C. (Jehan Courtois ou Courteys), constituindo uma serie de extraordinario valor, que só na Cathedral de Chartres e nos muzeus do Louvre e de Cluny póde encontrar rival. Pierre Reymond está representado na collecção por duas peças exce-

pcionaes: uma taça ou fructeiro, tendo no fundo pintada uma allegoria da Sapiencia, representada por um ancião — figura evidentemente inspirada em Miguel Angelo — sustendo na mão direita um coração, com um galgo estendido aos pés e por legenda o verso do Ecclesiastes: *Cor Sapientis in dextra eius cor stulti in sinistra illius;* e uma travessa, em claro-escuro e ouro, representando o consorcio de Peleu e Thetis e a discordia entre Venus, Pallas e Juno pela adjudicação do pômo, sendo o reverso recoberto de ornatos fazendo moldura a um busto de homem com gorra de pluma. O fructeiro, que mede de diametro $0^m,23$, tem na base do pé um escudo com a data de 1558 e na face opposta as iniciaes P. R. A mesma data e a mesma assignatura se vêem na orla da travessa, que mede $0^m,49$ no seu maior diametro. O anno de 1558 vê-se ainda datando uma bandeja com os fragmentos de um tinteiro, cujas pinturas representam batalhas da historia sagrada e timbrada por um escudo com leão rompante, coroado por um capacete de perfil, com paquife, tendo no reverso a legenda: *Laudin émailleur — au faubour de Magnine à Limoges, I. L.* (Jean Laudin).

Esta repetição da mesma data em algumas das peças mais importantes da collecção suggere desde logo a hypothese de haver sido ella reunida, tal como se encontra ainda hoje, por um

amador opulento do seculo XVI, o que até certo ponto explicaria a denominação do antigo catalogo do Calhariz, não porque ella tivesse feito parte dos thesouros artisticos de Leão X, o protector de Raphael, de Julio Romano e de Leonardo de Vinci, já morto a esse tempo, mas porque, á similhança de Pericles, elle legou o seu nome ao seu seculo. Facto é que a collecção é toda do seculo XVI, não differindo sensivelmente do estylo das restantes peças o fructeiro assignado Pierre Nouailher e a bandeja assignada Jean Laudin, que vejo no catalogo da Exposição de 1882 classificados como do seculo XVII, quando é certo existirem já no seculo anterior Nouailhers e Laudins esmaltistas em Limoges.

Ainda sob este ponto de homogeneidade chronologica, a collecção Palmella é notabilissima, sendo para lastimar que aos archivos da casa de Angeja se não possa ir buscar a confirmação da hypothese presumivel de uma collecção de esmaltes conservada intacta — ou, pelo menos, um nucleo importante d'ella — desde os meados do seculo XVI até ao seculo XX.

Como os fructeiros de Pierre Nouailher e de Pierre Reymond, a collecção Palmella possue mais seis taças de pé, em esmalte de Limoges, dignas de servirem em mezas reaes as mirificas fructas das Hysperides e serem apenas tocadas por mãos ungidas.

A Italia, muito mais do que a França, era a cliente d'esses luxos profanos, fabricados pelos artistas limoginos. A opulencia das familias principescas, protectoras das artes, o gosto requintado que a Renascença desenvolvera e propagara, a intimidade dos grandes pintores e esculptores, cujo genio ascendera gradualmente, desde Botticelli e Donatello até Raphael e Miguel Angelo, fizeram da Italia o grande mercado productor e consumidor das artes no seculo XVI. Era sobretudo á pintura italiana que os esmaltadores de Limoges iam buscar os seus themas predilectos. Na collecção Palmella esse facto mais uma vez se verifica. A época é maravilhosamente caracterisada pela alliança, em quasi todas as composições, do assumpto sacro e do assumpto mythologico. E é assim que n'um fructeiro, em esmalte claro-escuro e ouro, se vê o julgamento de Páris; n'outro David explicando os psalmos; ou ainda, sob a divisa *Non e presa miglior*, um Cupido prende pelos cabellos uma Venus semi-núa, que navega n'uma concha de nacar com a vela enfunada. As restantes tres taças representam a destruição de Sodoma e a sahida de Rabeca da casa paterna; a batalha dos israelitas e amalecitas, Adão e Eva colhendo o pômo prohibido, a expulsão do Paraizo; medalhões com os bustos de Venus e de Páris. Como dizer, sem o estylo de um Théophile Gautier e sem os mais longos

vagares, que são antithese d'estes descriptivos apressados, toda a belleza, nunca depois attingida, d'esses esmaltes, onde as côres perpetuas brilham com o mesmo esplendor primitivo, com os seus ouros, as suas purpuras, as suas carnações roseas de deusas, as suas folhagens viridentes, os seus azues radiantes!

Um tinteiro com medalhões representando as sete virtudes; dous saleiros hexagonos com assumptos mythologicos; um par de castiçaes octangulares, tendo cada um, na base, quatro medalhões com bustos de mulheres; uma urna ou repuxo, de ornamentação riquissima, figurando incidentes da passagem do Mar Vermelho: Moysés fazendo brotar agua do rochedo, córos de musas, combates de cavalleiros, medalhões, grupos de nymphas lavando-se, anjos sustendo grinaldas, figuras núas, onde se ostenta toda a pompa sensual da Renascença; um pequeno cofre de toucador, com o Hercules e a Dejanira; uma travessa de $0^{m},53$ de diametro, representando em fundo preto o rapto da Europa, com as orlas revestidas de ornamentos no estylo de Raphael e representando bustos e animaes fabulosos; um jarro de fórma grega, onde se vê o encontro de David, rodeado dos seus guerreiros, com Abigail, mulher de Nabal, na descida do monte Carmelo, completam o nucleo da famosa collecção de esmaltes limoginos, cedida pelos Angejas aos Palmellas.

Ao alto da *vitrine* em que está guardado o esplendido thesouro, e cujo supporte é do entalhador Leandro Braga, um maravilhoso prato de faiança de Urbino, com o diametro de $0^m,46$ e a marca n.º 1 de Orazio Fontana, rebrilha com as mais vivas côres, em que predominam o azul, o verde e o amarello. O assumpto allegorico do prato parece figurar a Austria dominando a Italia. No primeiro plano, a figura classica do rio — provavelmente o Tibre — encostada á sua urna e tendo uma cornucopia cheia de fructos ao hombro, symbolisando a abundancia da Italia, contempla melancolicamente uma figura gigantesca, deitada e encostada igualmente a uma urna, a quem muitos homens nús e armados de raios vibram seus golpes. Um segura-a pelos cabellos e fere-a com um feixe de tres serpentes; outro agita a bandeira amarella com a aguia preta da casa da Austria. Ao lado, atropellam-se os vencidos, uns mortos, outros ainda vivos, mas fugindo com terror. Ao longe vê-se uma cidade, cujas chaves emblematicas um dos vencidos entrega, de joelhos, a uma personagem núa, que levanta na mão as tres serpentes. Este é o prato diante do qual, por duas vezes, o rei Affonso XII parou, na visita que fez á exposição organisada em sua honra nas Janellas Verdes.

Que mais póde haver na minuscula salinha de damasco vermelho, ao lado de tanta

maravilha? Muito pouco; apenas o necessario para fazer a felicidade e a fortuna de um amador de bellas-artes! Quinze pequenas télas de Vieira Portuense: duas paizagens das visinhanças de Roma, os dez esboços para as illustrações de uma edição dos *Lusiadas*, um *Vasco da Gama na ilha dos Amores*, uma *D. Filippa de Vilhena armando os filhos* — estudo do quadro pertencente aos condes de Anadia —, uma cópia reduzida do *Toucador de Venus*, de Albano; uma tela de Vieira Lusitano: *Santo Antonio prégando aos peixes;* seis obras de Domingos Antonio de Sequeira: um retrato de Pina Manique — estudo, presumo eu, para um painel allegorico á fundação da Casa Pia —, um esboço de uma allegoria á partida de D. João VI para o Brasil — onde o pintor genial da *Descida da Cruz* e da *Adoração dos Magos* se revela já o prodigioso compositor de multidões com o talento de um Rembrandt na distribuição da luz —, mais dous esboços de dous quadros nunca executados: uma *Suzana* no estylo de Rubens, um *Loth e as filhas*, de poderosa intensidade dramatica, e, finalmente, um *Santo Antonio com o menino ao collo*, em cobre, da primeira maneira de Sequeira, executado em Roma. Todas estas pinturas acham-se agrupadas em tres unicas molduras, repartidas por cruzetas douradas, que fazem caixilho a cada uma, reunindo assim, fraternalmente, a obra dos

tres maiores pintores portuguezes do principio do seculo XIX.

Na parede do fundo, sobre a *vitrine* dos esmaltes, vê-se ainda um alto relevo de bronze dourado sobre lapis-lazuli, moldurado em prata e pedra venturina, representando a Sacra Familia, no mesmo sumptuoso estylo da capella de S. João Baptista, no templo de S. Roque.

Entretanto, o gabinete não tem mais de tres metros de largo por quatro de comprido. Não passa de uma pequenina ante-camara, quasi modesta dentro de um palacio. Um millionario passaria por ella sem erguer os olhos para as paredes, sem suspeitar que deixava atraz de si um thesouro, que todos os muzeus da Europa cobiçariam. Esta feição de esplendor sereno, de conscienciosa grandeza, que não procura chamar as attenções, antes parece esquivar-se ás phrases exclamativas dos *badauds*, continúa e permanece em todas as salas. Este vasto muzeu de maravilhas ficou sendo uma casa onde se habita, sem tomar o aspecto de uma grandiosidade, que se exhibe.

A surpreza cresce, quando se passa d'esse pequeno recinto, onde tantas preciosidades foram discretamente, n'uma quasi meia sombra, reunidas, para a sala contigua, onde ha apenas quatro telas, que não deslustrariam o *Salon Carré* do Louvre, onde se encontra o mais glorioso conjuncto de pinturas.

É, á direita, o *S. Paulo eremita*, de Guido Reni, o auctor dos tres *Hercules*, do *David vencedor de Golias*, da *Magdalena*, da *Antiope*, da *Déjanira*, o discipulo de Dominiquino e dos Carrachio, a gloria da escola de Bolonha, que se envaidecia «de conhecer duzentas maneiras diversas de fazer olhar o céu a lindos olhos», que os cardeaes acolhiam á entrada da *cidade eterna* com o ceremonial reservado aos embaixadores e a quem o Papa auctorisara a permanecer coberto na sua presença!

D. Alexandre de Sousa Holstein, que era um amador exigente e entendido, conhecedor de pintura como o sabiam ser os grandes diplomatas e os grandes senhores do seculo XVIII, e que levava a sua paixão pelas artes ao extremo de ordenar escavações na Italia por sua conta, adquirindo o *S. Paulo eremita* de Guido Reni sabia apreciar todo o valor da sua acquisição. O *S. Paulo* é evidentemente do periodo mais brilhante do pintor da *Aurora*, do celebre tecto do palacio Rospigliosi e da *Madona della Pietà* da Pinacotheca de Bolonha, quando já o artista, liberto da influencia de Caravagio, adoptara esse colorido azulino, prateado e claro, que ia fazer a sua fortuna. Em frente ao *S. Paulo eremita* ergue-se outro quadro admiravel: a *Sagrada Familia*, desenho de Raphael e pintura de Julio Romano. Salvo pequenas variantes nas attitudes, o quadro é a reproducção

da joia da galeria de Dresden, authenticada por Vicari e Madrazo e sobre cujo valor original criticos severos como Raczinsky não estabelecem a menor duvida.

Um quadro onde trabalhou Raphael é um titulo de verdadeira nobreza para uma galeria de pintura, e esta *Sagrada Familia* affigura-se-me modelo d'essa sciencia emerita e nunca ultrapassada até hoje, attingida pelo pintor nos derradeiros annos da sua curta vida. Toda a composição está equilibrada n'um rythmo harmonioso, quasi musical. São inexcediveis a belleza do desenho, a nobreza das imagens e a pureza dos contornos. N'esta obra prima, o espiritualismo christão parece ter idealisado a perfeição plastica da antiguidade classica. Não são apenas bellos corpos que enchem a maravilhosa tela, mas almas celestiaes. Nenhum pintor soube, como Raphael, dar á mãe de Jesus esta belleza, ao mesmo tempo idealista e material, esta pureza de olhar, este sorriso encantador, que vem mais da alma que dos labios. Tirou-lhe a tristeza, a amargura e a fealdade da Edade Media; revestiu-a de todas as deliciosas perfeições da ladainha. Fez d'ella a Rosa Mystica, a Estrella da Manhã, a Torre Eburnea, deixando-a mãe e mulher. Adivinha-se que o discipulo trabalhou sob o olhar vigilante do mestre.

Raczinsky notara, em 1844, que o estado

de conservação da esplendida tela deixava muito a desejar. Uma posterior restauração meticulosa reintegrou-a, porém, em todo o seu esplendor primitivo.

Que outros quadros poderão acompanhar dignamente estes monumentos da Renascença italiana? Os retratos do duque D. Pedro e da duqueza D. Eugenia, por sir Thomas Lawrence, o successor de Reynolds e de Grainsborough, o genio precoce, que arruinou, ao apparecer, todas as velhas glorias e todas as reputações estabelecidas, para quem se inventava, aos vinte e um annos, o titulo de socio honorario da Academia Real! São conhecidas as reproducções d'estes dous retratos, insertas na *Vida do Duque de Palmella*, da sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho. São duas pinturas theatraes e magnificas, na maneira decorativa, romantica e expeditiva do pintor predilecto dos reis e das rainhas de 1815. A figura do duque, embrulhado no manto de arminhos, com o Tosão de Ouro ao pescoço, é de uma grande belleza. Lembra o retrato celebre de lord Byron, com quem madame de Staël lhe encontrava parecenças.

Duas grandes taças de alabastro com azas de grypho, seis bustos em marmore e algumas peças de porcellana da China e do Japão, completam o adorno d'esta sala sumptuosa, cujo tecto é no mais puro estylo Luiz XVI.

Como os salões e salas do palacio do Rato estão dispostos em redor da escadaria, essa disposição permitte passar de aposento a aposento e, entrando pela esquerda no gabinete vermelho dos esmaltes, sahir de novo ao vestibulo pelo salão de jantar. É assim que da sala de Raphael, de Guido Reni e de Lawrence se passa immediatamente ao salão amarello, onde o *S. Miguel esmagando o dragão* espera ainda a sentença auctorisada de um critico de arte. Esta notabilissima pintura em madeira, adquirida ao mosteiro de Odivellas, é vulgarmente attribuida a Vasco Fernandes, o mysterioso Grão Vasco da Sé de Vizeu.

Raczinsky viu este quadro, em 1844, em casa do restaurador italiano Tiniranzi, que restaurou com escrupulo e competencia algumas das melhores telas da Ajuda. Ao contrario dos seis paineis representando a *Vida de Nossa Senhora,* que pertenceram á casa dos marquezes de Valença, attribuidos, quer a Christovão de Utrecht, quer a Grão Vasco, o catalogo da galeria do Calhariz não estabelece duvidas sobre a procedencia do *Archanjo S. Miguel* e attribue-o sem hesitação a Vasco Fernandes.

O ministro da Prussia auctorisa-lhe essa procedencia illustre, affirmando que de todos os quadros que viu em Portugal é o que mais se approxima, pelo estylo, pela execução e pelo colorido, da obra do famoso pintor da Sé de

Vizeu, encontrando-lhe analogias flagrantes nas pequeninas figuras de religiosas ajoelhadas nos pratos das balanças e nos monstros aos pés de S. Miguel. Não é para aqui abrir um debate sobre este assumpto, por certo o mais attrahente de entre todos os que se relacionam com a arte portugueza, e que tanta tinta tem já feito correr em dissertações e memorias as mais variadas. Penso eu que só pelo estudo methodico e comparativo de todos os quadros de escola flamenga, existentes no paiz, se poderia chegar a conclusões, onde a logica substituisse o arbitrio. É de presumir que um dia, cedo ou tarde, esse estudo consciencioso se faça, afim de estabelecer em bases seguras a identidade do grande pintor portuguez do seculo XVI (?). Mas é indiscutivel que na instauração d'esse processo artistico, o *S. Miguel esmagando o dragão*, do palacio Palmella, constituirá uma das mais culminantes provas para a investigação e sentença dos peritos, juntamente com o espantoso *Calvario* da Sé de Vizeu.

É n'esta sumptuosa sala, cujo *plafond*, mal reconstituido por Carlos Reis, representa uma scena de golfinhos escabujando na agua, que está tambem a magnifica copia do *S. Jeronymo*, executada em 1792, em Parma, para onde Francisco Vieira, depois de obter em Roma o 1.º premio da Academia em *pannejamentos*, fôra de proposito estudar Corregio. Essa sua paixão

pelo pintor a quem a Italia denominou *O Dia*, valeu-lhe ser eleito director da Academia de Parma. Este simples facto serve de garantia á fidelidade de reproducção da radiosa tela, onde se vêem reunidos S. Jeronymo — que viveu no IV seculo! — a Magdalena — que conheceu Christo um anno antes da sua morte! — a Virgem e o menino Jesus. A figura do terrivel anachoreta, rustico e bravio, faz resaltar a belleza da Magdalena e a fragilidade rosea de Jesus. Um anjo risonho mostra á divina creança a pagina ainda branca do livro santo, onde será escripta a historia de Maria de Magdala. A deliciosa peccadora inclina-se para Jesus, que lhe pousa a mãosita no cabello louro, com um gesto de reconhecimento, de caricia e de abandono.

Dous soberbos retratos da escola hollandeza, adquiridos pelo sr. duque de Palmella á casa de Lafões, completam o adorno mural da sala.

Seriam necessarias dez longas cartas para descrever as louças preciosas da China e Japão, as porcellanas excellentes de Sèvres e de Saxe, expostas nas credencias e nos tremós, profusamente espalhadas tanto n'esta sala como por todo o palacio, constituindo uma collecção sem rival entre nós, onde se vêem exemplares raros de faianças de Genova, de Savona, de Napoles, de Rouen, de Nevers, de Moustiers, de Delft, de Marieberg, de Talavera, de Alcora e do Rato e admiraveis porcellanas orientaes — algumas

peças da archirara familia verde, da China — de Vincennes, de Clignancourt, de Saxe-Meissen, de Berlim, de Vienna, de Wedgwood, de Crown Derby, de Capo di Monte. Apenas, se é possivel destacar uma joia d'esse thesouro, notaremos á passagem o maravilhoso vaso azul e branco de Sèvres, ornado de altos relevos, dádiva do rei de França Luiz Filippe, ao duque de Palmella, D. Pedro. E já na sala contigua uma nova surpreza nos espera: os dous quadros de Sequeira, *Adoração dos Reis Magos* e *Descida da Cruz*, comprados em 1845 ao genro de Sequeira, ministro em Roma, pelo duque de Palmella, que deu por elles quarenta mil francos. Estas duas telas, que medem $1^{m},33$ por $1^{m},08$, e foram pintadas, a primeira no verão de 1827 e a segunda no de 1828, em Castello Gondolfo, quando Sequeira contava já sessenta annos, constituem a maior obra que Portugal produziu em pintura, digna de ser divulgada no estrangeiro para gloria e honra da arte portugueza. Uma monographia, acompanhada de reproducções photographicas, e cuja publicação se promova em Paris, incluindo-a n'uma collecção de vulgarisação artistica — a da casa Renouard, por exemplo — impõe-se sem demora.

Sequeira só póde ser apreciado á altura do seu genio no palacio do Rato. Esses dous quadros collocam-o, de repente, entre os maiores pintores dos seculos XVIII e XIX. A impressão

com que se volta do palacio Palmella é de que Portugal tem criminosamente conservado occulto e ignorado um artista com direito á admiração universal e fica-se attonito de que até hoje, um espirito generoso e apaixonado pelas artes não tenha ligado o seu nome a essa obra de justiça, de reivindicação e de patriotismo.

Ha poucos dias ainda, um escriptor dos mais illustres e dos mais cultos que enriquecem a moderna litteratura portugueza e a quem demoradas peregrinações pelos muzeus da Europa dão uma singular competencia em critica de arte, appellava para mim, animando-me a cumprir esse honroso dever, que os outros não teem querido ou sabido desempenhar. Mas Teixeira Gomes — é esse o escriptor — ignorava, ao escrever-me, o pintor genial que eu encontrei n'uma pequena sala do palacio Palmella e deante de cuja grandeza fallecem todas as audacias da minha incompetencia. Como eu, todos tinham accusado Sequeira de haver sujeitado o seu espirito arrojado e livre a fórmulas de escola, ao maneirismo academico e decadente da pintura italiana do principio do seculo passado, enamorada de apologias e apotheoses, lastimando que, á similhança do seu contemporaneo Bocage, tivesse feito tributo da sua inspiração original e do seu genio revolucionario ao convencionalismo do seu tempo. Penitencio-me hoje d'essa injustiça. A visão d'esses quadros sublimes

dá-me o arrojo de qualificar de inferior toda a sua obra restante de pintura, sem que já me escandalise a opinião auctorisada de Teixeira Gomes, ao dizer-me: «O seu conhecimento dos quadros de Sequeira, tão abundantes como *mediocres* — em relação, bem entendido, á personalidade que os produziu — facilitará a explicação dos seus desenhos, dos seus retratos a lapis, nos quaes foi prodigioso e um dos primeiros, senão o primeiro artista da sua época. Esses romanticos retratos dos deputados ao congresso de 20! O elegante Filgueiras, o romano Borges Carneiro, o minaz conego Castello Branco, o Peixoto optimista e o descontente Xavier de Araujo, o admiravel Durão, o general Travassos! E entre outros, perfeitissimos, o marechal, general, caricatural Beresford e o delicioso busto de D. Maria, mimoso mas falho de meninice, como na realidade o modelo seria! Que riqueza de elementos para uma illustrada monographia do artista, que reproduzindo tambem a obra prima do branco e negro, *A Adoração dos Magos*, tornaria universal a reputação de um portuguez de genio!»

De genio, sem duvida, mas não só como desenhista prodigioso, mas tambem como pintor sublime n'estes dous quadros, de descriptivo impossivel, para os quaes a sabida denominação de *Gustavo Doré portuguez* parece repentinamente mesquinha e quasi injuriosa! A com-

paral-o com alguem, é indispensavel remontar ao Rembrandt da *Mulher adultera* e ao Rubens da *Kermesse* e do *Rapto das Sabinas*. De um, tem os phantasticos effeitos luminosos, a visão flagrante dos tempos biblicos do Velho e Novo Testamento, o intensissimo poder da dramatisação, o talento miraculoso de valorisar as sombras, enchendo-as de intenção e de mysterio; do outro possue a paixão, o movimento e a violencia, o segredo de amontoar formigueiros humanos, de encher de figuras todas as superficies, com a abundancia de um rio de luz que trasborda e tudo alaga. Não seria difficil, n'um estudo circumstanciado, a approximação do pintor portuguez com os mestres das escolas flamenga e hollandeza, de quem elle conheceu apenas uma insignificante parte da obra, tendo tratado, como na *Fuga de Loth* e na *Suzana sahindo do banho*, alguns dos seus themas predilectos, por uma fascinação irresistivel de discipulo (1).

---

(1) Quando este artigo foi publicado em folhetins, no *Commercio do Porto*, ignorava que, no seu diccionario artistico, Raczinsky dedicara aos dous quadros da collecção Palmella um artigo enthusiastico, comparando, como eu, Sequeira a Rembrandt. Não era essa a sua opinião expressa nas *Lettres sur les arts en Portugal*, onde, referindo-se ao desenho a tinta de nankin, *O Calvario*, pertencente a el-rei

Mas é preciso vêr estes dous quadros para encontrar esse Sequeira dos prodigios, para se ter a revelação d'esse artista extraordinario e para se sentir toda a intensidade da perda que representou para Portugal e para a Arte a sua morte. Essa sua mesma inclinação para as apologias, tanto no sabor da sua época, é necessario talvez explical-a, não já como uma abdicação á moda, mas filial-a n'essa attracção do seu genio phantasmagorico e theatral, pela obra apologetica do Rembrandt da *Concordia do Paiz* e do Rubens da *Apotheose de Guilherme o Taciturno* e do *Triumpho de Julio Cesar.*

Quando mesmo a collecção de pinturas da casa Palmella contasse de valioso apenas estes dous quadros, elles bastariam para a collocar no primeiro logar entre todas as collecções portuguezas.

É fóra de toda a duvida que os dous quadros de Sequeira, *Adoração dos Magos* e *Descida da Cruz,* terminados aos sessenta annos,

---

D. Fernando, o ministro da Prussia punha em duvida que fosse Sequeira o auctor d'essa maravilha, que tanto lhe fazia lembrar as composições do grande mestre hollandez. Receava exprimir uma opinião audaciosa. Longe de me desgostar o vêl-a emittida, antes de mim, por outro julgador, cuja competencia, valorisada por um temperamento reflectido e frio, ninguem póde pôr em duvida, antes me alegra e lisongeia.

e os outros dous, principiados já perto dos setenta, *Resurreição* e *Juizo Universal*, representam a culminancia do seu genio. Mas, infelizmente, a critica portugueza não está habilitada para julgar com consciencia a restante obra do extraordinario pintor. Afóra os quatro carvões das Janellas Verdes, comprados ao marquez de Sousa Holstein, a collecção de desenhos adquirida a seu sobrinho José da Costa Sequeira, e o vigoroso desenho a nankim, na posse da familia real, tudo o que d'elle resta no paiz é manifestamente inferior ao seu talento, incluindo as telas do Muzeu Nacional: a *Instituição da Casa Pia*, o esboço do quadro commemorativo *Promulgação da Carta Constitucional*, a *Conversão de S. Bruno*, os *Santo Antão* e *S. Paulo* eremitas, o *Santo Onofre no deserto* e o *S. Bruno prostrado em oração*, pintados na Cartuxa de Laveiras; o *S. Bruno em meditação*, do muzeu da Academia do Porto; o *Martins de Freitas entregando as chaves do castello de Coimbra a D. Affonso*, tela de 3^m por 2^m de alto, pertencente á casa de Anadia; os dous quadros do santuario do Bom Jesus do Monte; o retrato equestre de D. João VI do paço da Ajuda e o pouco mais que de Sequeira conhecemos e possuimos.

Em Paris, onde esteve exilado desde 1824 a 1826, pintou Sequeira duas grandes telas, de que alguns emigrados vieram contar maravilhas,

e que ambas se acham no Brasil. São a *Morte de Camões* e a *Fuga para o Egypto* (1).

No Brasil devem tambem existir ainda os retratos, que a tradição affirma serem notabilissimos, dos viscondes de Pedra Branca, as telas que Sequeira pintou para uma das salas da Ajuda, a que serviam de assumpto passagens da vida de D. Affonso Henriques, levadas pelo principe regente D. João, em 1807, e o grande quadro allegorico á partida do mesmo principe, que ha vinte annos estava ainda no palacio de S. Christovão, no Rio de Janeiro. Para o duque de Braciano pintou Sequeira um *Baptismo do Senhor* e uma *Crucificação*. Lembro que este ultimo seja talvez o quadro a que serviu de estudo preparatorio o desenho do *Calvario*. Se assim fôr, deve pertencer á ultima maneira do poderoso artista e será provavelmente uma obra prima de inestimavel valor. A granduqueza Helena da Russia possuia tambem d'elle um quadro de allegoria sacra, *A Fé*, que é de suppôr se conserve na posse da casa imperial. Sequeira pintou ainda um tecto para o palacio do marquez Hercolani, em Roma. Os seus quadros de concurso, *Milagre da*

(1) Na edição das obras de Camões pelo visconde de Juromenha, vol. I, p. 424, encontra-se a descripção do primeiro d'estes quadros.

multiplicação dos pães e dos peixes e *Degolação de S. João Baptista*, o primeiro dos quaes obteve o segundo premio da Academia Pontificia de S. Lucas e o segundo valeu a Sequeira a nomeação de academico de merito, estão tambem em Roma ([1]). Ignoro o destino dos dez quadros de batalhas, pelos quaes o conde de Valle de Reis recusou a Sequeira mil moedas, — se é que, com effeito, elle os chegou a pintar, o que duvido — e que eram destinados a decorar as paredes do gabinete do conde.

Os periodos de maior actividade artistica passou-os Sequeira no estrangeiro. Em Portugal, no seu regresso de Roma, só o aguardavam decepções e amarguras, pouco favoraveis á ideação e factura de grandes trabalhos. O seu desalento tomou taes proporções, que se refugiou, como um eremita, no Bussaco, decidido a abandonar a sua arte, e chegou a tomar o habito de noviço na Cartuxa, d'onde o arrancou a protecção de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, depois conde de Linhares, e ao tempo presidente

---

([1]) O marquez de Sousa Holstein, no fragmento do seu estudo sobre Sequeira, publicado na revista *Artes e Letras*, 3.ª serie, n.os 5 e seguintes, e que é a mais notavel monographia, apesar de incompleta, escripta sobre o grande pintor portuguez, declara ter visto estes quadros em Roma, na galeria onde estão reunidos todos os trabalhos premiados da Academia de S. Lucas.

do Real Erario, recommendando-o a D. João VI, que o nomeou primeiro pintor da côrte, com o vencimento de cinco mil cruzados. Vêmol-o em 1806 mestre de desenho e pintura da princeza D. Carlota Joaquina, do infante D. Pedro e da infanta D. Maria Thereza, cargo inherente ao seu logar de *primeiro pintor da camara e côrte de Portugal*, como a si proprio se intitula na proposta que apresentou ao principe regente D. João, para que fosse escolhido Archangelo Fuschini para o auxiliar nas decorações da Ajuda. Um anno depois, a invasão franceza vem perturbar a sua vida de artista (1). A contar d'essa data, Portugal é um tumultuoso campo de batalha e de luctas civis e politicas. Com raras e nobres excepções, o homem politico, em Portugal, é iconoclasta por educação e por indole. A época era de dominação para os politicos. Que podia fazer entre similhante gente um artista de genio? Sequeira, como o seu contemporaneo David, entrou na politica. O pintor da côrte, o mestre dos principes, transforma-se n'um revolucionario! Reconstituido o absolutismo, Sequeira exilou-se, foi para Paris, d'onde passou a Roma. Isto explica, melhor do que todas as divagações, a relativa pobreza da obra

(1) Sequeira pintou para Junot um quadro allegorico, cujo destino ignoro.

que deixou na patria. Ella não lhe merecia mais. Sessenta e oito annos depois da sua morte, ainda não lhe fez justiça completa! Sequeira morreu em 7 de março de 1837 (1). Os decretos que o nomearam director honorario da Academia de Bellas-Artes de Lisboa e o agraciaram com a commenda de Christo teem a data de 9 de fevereiro do mesmo anno. É provavel que nem d'elles tivesse tido conhecimento! Essas mesmas mercês, quasi posthumas, deveu-as mais ao valimento de seu genro, ministro em Roma, do que ao reconhecimento official e publico do seu genio.

Os quatro grandes quadros da casa Palmella, comprou-os o duque D. Pedro, com os restantes esboços e pequenas telas, ao genro de Sequeira. Exclusivamente á generosidade do duque, que herdara de seu pae o amor das bellas-artes e conhecera Sequeira em 1791, quando era ainda creança, devemos o possuir hoje em Portugal a obra mais importante do maior pintor portuguez e um dos mais extraordinarios que produziu a Europa, depois do fecundo e incomparavel periodo da Renascença.

Ao Estado pouco se lhe deve como protector e dirigente do genio de Sequeira e como

(1) Nascera em Belem, a 10 de março de 1768, e era filho de um barqueiro, Antonio do Espirito Santo.

acquisidor da sua obra. O grande artista, protegido de Pina Manique, foi enviado a Roma, em 1788, pela familia dos Marialvas, com uma pensão de trezentos mil réis. Depois da sua morte, o Estado não empregou a menor diligencia para adquirir o seu precioso espolio. A acquisição dos carvões não o absolve. Foi-lhe quasi imposta. E para que se fundasse em 1884 o Muzeu Nacional, tornou-se necessario que um principe allemão, el-rei D. Fernando, tomasse essa iniciativa, que encontrou, felizmente, em Sampaio e no conselheiro Hintze Ribeiro, a esse tempo ministro das obras publicas, duas nobres vontades postas ao serviço da execução do seu projecto.

Mas que importa? Ficam bem essas surprehendentes óbras primas no palacio do Rato. D. Alexandre de Sousa Holstein fôra em Roma um amigo desvelado de Sequeira, durante a sua mocidade. Protegera-o abertamente, com a influencia do seu nome e da sua alta situação diplomatica (1). Foi talvez pela mão de Sequeira,

(1) Quando Sequeira, pensionado pelos Marialvas, chegou a Roma, hospedou-se em casa do embaixador, D. Alexandre de Sousa Holstein, no palacio Cimarra. Foi ainda D. Alexandre de Sousa, pae do 1.º duque de Palmella, quem fundou a aula de desenho para os pensionistas portuguezes, confiando-a á direcção de João Gherardo de Rossi.

que o joven D. Pedro visitou pela primeira vez os muzeus de Roma. Quarenta annos mais tarde, já duque, ao seu gosto esclarecido e porventura tambem ás saudades affectuosas da mocidade não pareceram demais os quarenta mil francos que o genro do pintor lhe pedia pelas quatro telas: preço consideravel para o tempo, tratando-se de um pintor contemporaneo, quasi desconhecido nos mercados artisticos da Europa.

Por certo, eu estimaria mais que essas quatro obras primas pertencessem á nação. Mas desde que o Estado as não adquiriu, justo é reconhecer que em parte alguma ficavam melhor do que ali, onde se encontram. No palacio do Ratò, Sequeira está em casa de uma familia amiga: duplamente amiga, porque só ao seu culto perduravel de admiração devemos hoje o poder fazer justiça completa ao seu genio.

D'essa pequena sala reservada a Sequeira passa-se, por um pequeno corredor mobilado com antigos contadores de charão, á sala de jantar do palacio, no mesmo estylo Luiz XVI.

O seu mais esplendido adorno é constituido pela famosa baixella de prata, mandada fazer a Londres pelo conde da Povoa e assignada pelos ourives Stor and Mortnner, considerados entre os melhores de Inglaterra. Tem um defeito essa baixella sumptuosissima, e esse capital: o de não ter sido fabricada cem annos antes! A época é o seu vicio de origem. Resente-se e toda ella

soffre do estylo pesado de Luiz Filippe. Nem sequer ha n'ella vestigios do neo-classissismo do Imperio. Reflecte bem o espirito do tempo. Foi feliz o duque de Wellington por existir entre nós um artista como Sequeira, que lhe desenhasse a baixella com que o presenteou Portugal! Não encontrou o conde da Povoa, por infelicidade, um Sequeira na Inglaterra para lhe desenhar a sua. Apenas a peça central consegue ser esbelta, pela escolha da palmeira, como motivo de decoração. O resto é magestoso, sem duvida, mas falta-lhe a elegancia e a graça, que não eram apanagio da arte n'essa era de politica. Fizeram-a riquissima, mas não conseguiram tornal-a bella. Os discipulos de Apelles triumphavam em 1830. A democracia terminara com as dynastias e as pequenas realezas dos artifices, quebrando a maravilhosa evolução dos seculos XVII e XVIII. A doutrina egualitaria, que nem por isso tirou a fome aos pobres e se satisfez em transferir o exercicio do poder do fidalgo para o burguez, levara a banalidade a toda a parte. Não foi o conde da Povoa o culpado d'esse estado de cousas. Não lhe teria custado mais cara a baixella, se tivesse sahido das officinas Germain. Mas já não havia na Europa artistas como Germain. A Liberdade dizimara-os!

Entretanto, a reputação dos ourives inglezes affirma-se merecida pela minucia quasi invero-

simil do trabalho de cinzel, que é, em toda a baixella, um prodigio de consciencia e de paciencia. A composição das grandes peças, onde devem ter collaborado esculptores, é sólidamente equilibrada. Justo é ter em linha de conta que a tradição determinava para as peças de apparato: sopeiras, terrinas, travessas cobertas, etc., proporções quasi architectonicas. Esta obedece integralmente á tradição. É digna da meza de Cresus. Duvido que agradasse ao requintado Petronio. Servem-lhe de principaes motivos decorativos exemplares da fauna maritima, em cuja execução, ao talento insigne de modeladores emeritos, ha a juntar a mais escrupulosa sciencia anatomica e o mais delicado lavor a que póde attingir a pericia de cinzeladores, como já não existem!

Áparte os defeitos originarios, a baixella do conde da Povoa é, como factura, notabilissima, e não conheço outra, como riqueza intrinseca, que se lhe avantaje ou compare entre nós, depois da da casa real. Um jornalista, descrevendo o baile dado pelos srs. duques de Palmella, por occasião do casamento de el-rei D. Carlos, attribuiu-a, n'um arroubo de admiração, a Benvenuto Cellini! O absurdo de semilhante dislate só é comprehensivel e desculpavel pela ignorancia a mais modesta. O mesmo jornalista descreve-a como de ouro, e fico eu em duvida se elle teria feito juizo pelos talheres, que são de prata dou-

rada, formosissimos, com assumptos venatorios em baixos relevos nas duas faces... O certo é, porém, que a lenda de uma baixella de ouro, cinzelada por Benvenuto Cellini, se espalhou, e que a encontrei algumas vezes em meios onde a credulidade e a ignorancia se costumam a refugiar, mascaradas com apparencias graves e eruditas.

Sahindo da sala de jantar, encontra-se novamente o vestibulo da escadaria. N'um unico aposento do andar nobre nos falta entrar: o gabinete do sr. duque de Palmella, onde estão os dous quadros, por concluir, de Domingos de Sequeira: a *Resurreição* e *Juizo Final.* A morte, sobrevinda aos setenta annos, impediu o pintor genial de terminar as duas telas. Estamos assim de posse do processo de Sequeira. É como se entrassemos no seu *atelier,* durante a sua ausencia, e contemplassemos os quadros no cavallete. Ha mesmo um momento em que cuidamos que elle vae entrar, envelhecido pela edade e pelos desgostos, pela desventura e pela injustiça, e retomar a paleta para continuar a obra interrompida... Os trechos incompletos das duas telas parecem reproduzir o sonho, a visão toda espiritual do artista. Apenas falta que o seu pincel os anime. São como paisagens vistas á luz indecisa da aurora, antes do nascer do sol. Mas tudo lá está, quasi diaphano, quasi immaterial. É a alma da obra, antes de encarnada.

É possivel que Sequeira propositadamente demorasse a conclusão, a precisão das pinturas, para ter por mais tempo presente essa amortecida, aerea, impalpavel realidade, como que feita de luar e de nevoas e que era o reflexo puro do seu pensamento ou a exhalação directa do seu genio. As azas da morte já adejavam sobre a sua fronte de inspirado quando a mão pintava lentamente e firmemente esses quadros espantosos. Não são dous themas terrivelmente apropriados a uma derradeira tarefa: o *Juizo Final* e a *Resurreição?*

Descrever esses dous quadros é quasi impossivel e totalmente impraticavel aqui, dado o caracter ligeiro d'estes apontamentos. Seria necessario analysar as figuras uma a uma, e são centenares d'ellas, tendo as dos primeiros planos de $0^m,25$ a $0^m,33$ apenas! Falta-lhes talvez o vigor da rembrandtesca *Descida da Cruz,* mas as luzes que as banham e illuminam, como fluidos ethereos, a assombrosa disposição das perspectivas, o movimento das multidões teem qualquer cousa de mysterioso, que não parece ser já d'este mundo, como se a presciencia divinatoria da eternidade tivesse dirigido as mãos geniaes do artista agonisante.

No gabinete do sr. duque de Palmella encontra-se a maior parte da obra de esculptura da senhora duqueza, desde o seu primeiro trabalho até á admiravel *Santa Thereza de Jesus,* pre-

miada, como o *Diogenes*,—estatua fundida em bronze, que está no primeiro patamar da escadaria,—pelo jury do *Salon* de Paris. Quanto a mim, a *Santa Thereza* é o mais bello trabalho da sr.ª duqueza de Palmella, como esculptora. Pena é que, á similhança da *Negra*, não se encontre no mercado de bronzes artisticos a reproducção d'esse busto, tão superiormente concebido e tão virilmente executado. O busto do marquez de Sá da Bandeira e o da *Varina* são ainda dous trabalhos magnificos. A minha incompetencia não póde, infelizmente, tributar, sem suspeita de gentileza, o elogio merecido á esculptora, que conserva longe das vistas indiscretas de toda a gente a sua obra, e que, reunindo-a no gabinete de seu marido, parece ter querido significar o seu horror de fidalga ás felicitações dos profanos.

Á esquerda da secretária do sr. duque de Palmella vê-se um busto de Alexandre Herculano, obra de Calmels, que é porventura a mais authentica e veridica reproducção physionomica do grande historiador. O sr. duque de Palmella, quando se convenceu da morte proxima e inevitavel do seu amigo dilecto, encarregou Calmels da missão de modelar a mascara do glorioso escriptor, em seguida á sua morte. Foi essa mascara de cêra que serviu ao artista para a reconstituição integral da figura, na sua passagem ao marmore.

Seria agora occasião, ao evocar essa nobre amisade, de traçar o perfil do intrepido official voluntario da armada britannica, condecorado com a *Baltic-Medal* durante a guerra da Criméa e que assistiu, a bordo da fragata *Arrogant* e das naus *Prince Regent* e *Neptune*, aos bombardeamentos de Viborg, de Friederickshann, de Bomarsund e Sweaborg, se a intenção d'este artigo se podesse ampliar n'uma monographia sobre a familia Palmella e se não resumisse a um rapido inventario de obras de arte.

Entre as preciosidades, que ornam o gabinete, seria inadmissivel não destacar os dous exemplares de faiança do *Ratinho*, modelados pela senhora duqueza e pintados pela ultima condessa de Ficalho. São objectos artisticos do mais extraordinario valor pela sua belleza e raridade. A existencia, ainda que ephemera, de um forno de ceramica, installado nos jardins do palacio do Rato, é para a maior parte uma surpreza.

Sei que em breve o sr. José Queiroz, um dos mais cultos colleccionadores de Lisboa, espirito requintado de artista e pintor de merecimento, publicará um extenso trabalho, primeiro no seu genero, sobre a faiança portugueza, onde terá o logar de honra, que lhe cabe, a historia d'essa fidalga officina de ceramica, unica no mundo, onde trabalharam uma duqueza e uma condessa. Não lhe quero tirar o interesse das

revelações, por certo sensacionaes que esse capitulo da obra terá para os leitores. Deixarei, por isso, de descrever as duas peças, que conheço, com a marca do *Ratinho*, lastimando, de passagem, que o Muzeu Nacional — cuja orientação dirigente é merecedora das mais severas e asperas censuras, que um dia e com vagar não deixaremos de fazer-lhe — não possua nem se tenha esforçado por adquirir um especimen d'essa faiança portugueza, da qual, dentro de um seculo, não restarão talvez vestigios.

No primeiro andar — antiga sobre-loja, onde vivia em 1817 Francisco Antonio de Sousa, filho do architecto do palacio, — tem a sr.ª duqueza de Palmella os aposentos onde habitualmente passa o dia e que communicam directamente com o jardim. Na chamada bibliotheca estão a *Santa Rosa de Viterbo*, de Ballestra, dous pequenos quadros de Meulen, representando batalhas de cavallaria, quatro pinturas em cobre de Breughel (avelludado) — o mais celebre da dynastia dos Breughel, e cujas paizagens, que parecem desvanecer-se em longinquos horisontes de um azul ideal, povoadas por toda a fauna do Paraizo, são tão encarecidas pelo espiritualista Ruskin, — um quadro admiravel de David Teniers, o tão espirituoso realista flamengo, de cujos quadros, hoje pagos a peso de ouro, dizia Luiz XIV desdenhosamente: *Tirez de devant moi ces magots;* e, finalmente uma

Velha avarenta pesando moedas de ouro, que o antigo catalogo do Calhariz attribue com apparencias de veracidade a Rembrandt, mas que Raczinsky e outros depois d'elle querem que seja de Dietrich, seu discipulo. É uma questão difficil de esclarecer. Na *Mulher adultera* e no *Christo falando aos Phariseus*, Dietrich elevou a sua arte quasi á altura da do seu mestre. O quadro do palacio do Rato, a ser de Dietrich, tem que incluir-se entre os seus melhores trabalhos. A propria tonalidade betuminosa da côr dá-lhe todo o aspecto de um Rembrandt.

No seu gabinete de trabalho, tem a sr.ª duqueza de Palmella o retrato de sua filha, a actual sr.ª marqueza do Fayal, por Carolus Duran, um dos mais felizes que o famoso pintor francez deixou em Lisboa, na sua curta e laboriosa permanencia entre nós, melhor, em minha opinião, do que o retrato da rainha D. Maria Pia, actualmente em uma das salas da Ajuda. Carolus Duran pintou tambem o retrato da sr.ª duqueza de Palmella, em que foi infelicissimo, a começar pelo preparo das tintas, que se corromperam, e a acabar na execução, que é defeituosa.

O excesso de quadros, que compunham a collecção do Calhariz, e que não poderam obter logar nas salas do palacio do Rato, foi collocado na escadaria, onde se torna mais difficil, pela profusão das telas e sua proximidade, analysal-as detidamente. Mas andaria mal avi-

sado quem suppozesse que para adorno da escada tinham sido exilados os quadros mediocres da opulenta galeria. É ali que estão *O encontro de Santa Isabel com Nossa Senhora*, de Giorgione (Giorgio Barbarelli), o admiravel pintor da escola de Veneza, émulo de Ticiano e morto aos trinta e tres annos, a cujo quadro, *Concerto campestre*, o muzeu do Louvre reservou um logar de honra no *Salon Carré*; o *Christo na columna*, de Bernardo Luini, que muitas vezes teve a gloria de ser confundido com Leonardo de Vinci; os seis paineis representando a vida de Nossa Senhora, attribuidos a Christovão de Utrecht; o *Christo na Cruz*, de Vieira Lusitano; o *Retrato de el-rei D. Sebastião*, de Claudio Coelho; o *Retrato do duque de Ferrara* (Affonso d'Este), que figura no catalogo do Calhariz, como um original de Ticiano; *Uma nympha dando de comer a seis Cupidos*, de Gagnereau; *Um satyro*, da escola de Lucas Giordani; *Uma sybilla*, de Boldrini... Levariamos muitas horas a descer os degraus da escada, se nos detivessemos no descriptivo de cada quadro, de cada estatua, de cada talha formosissima do Japão, que adornam, com uma sumptuosidade unica em casas portuguezas a magestosa entrada do palacio do Rato, e que só por si constituem um segundo muzeu, enriquecido pelas esculpturas antigas encontradas nas excavações romanas dirigidas pelo embaixador D. Alexandre de

Sousa, por cópias excellentes de Canova — *As tres Graças, Hebe, Psyché, Dançarinas gregas,* — de Bartolini; da *Venus,* de Médicis; do *Apollo,* de Belvedére; pelas obras originaes dos melhores esculptores portuguezes contemporaneos, onde avultam *A infancia da arte,* de Soares dos Reis e *Um busto de creança,* de Teixeira Lopes.

Ao terminar esta carta extensa, que ameaçava tornar-se infindavel, quantas maravilhas agora nos recordam que ficaram por descrever, desde a capella do palacio, mais bella, pela sua harmonia e admiravel conservação, do que a de Queluz, — ambas da mesma data: ultima década do seculo XVIII, e talvez dos mesmos entalhadores, — até ao *Christo* de Van Dyck e ás paizagens de Poussin e de Salvator Rosa, e invade-nos a tristeza ao pensar que um dia, mesmo remoto, todas essas obras primas, reunidas ha já um seculo na posse da mesma familia, se dispersarão, como as collecções de el-rei D. Fernando, dos marquezes de Borba, de Angeja, de Penalva, do Louriçal, de Marialva, de Tancos e da Foz, como as do duque de Lafões, do visconde de Daupias, de Zéa Bermudes, do barão de Alcochete; como se hão de dispersar as collecções dos Rothschild; como se dispersaram as collecções dos Médicis, dos Urbinos, dos Sforza, dos Malatesta, dos Braamcamp, dos Vandreuil, dos Brissac, dos Rochefoucauld!

A casa Palmella é, entre nós, a unica que ainda resiste, e resistirá por muito tempo, devido aos acasos de um morgadio natural e aos alicerces solidissimos de uma fortuna principesca. Em volta d'ella vão porém crescendo as ruinas das collecções de arte, constituidas pelo gosto ou pela fortuna de uma familia ou de um homem, dispersas pelos seus herdeiros ou desbaratadas por considerações de utilidade. Hontem, eram as collecções Daupias, Teixeira de Aragão e marquez da Foz, que desappareciam. Ámanhã caberá a vez á do sr. conselheiro João Arroyo, cujo leilão se annuncía para breve.

As confrarias vendem ao estrangeiro os ultimos tapetes da Persia, que nos restam, como os morgados de provincia venderam os ultimos Arrázes que possuiamos. Tudo quanto é precioso e bello nos deixa e nem sequer nos fica a esperança de nos podermos consolar com as palavras orgulhosamente resignadas com que o marquez de Pombal, respondendo ao embaixador de França, que lhe transmittia, depois do terremoto, as offertas de auxilios pecuniarios de Luiz XV, se felicitava pela perda de tantas maravilhas, confiado em que a nação voltaria á sua antiga simplicidade, as terras passariam a ser melhor cultivadas pelos fidalgos, Deus seria adorado com mais fé em egrejas despidas de toda a pompa!

Estranhas palavras estas, na bocca de um

homem que construia o palacio de Oeiras, que colleccionava apaixonadamente louças da India e fazia erigir ao seu rei, em frente ás ruinas do paço da Ribeira, a pomposa estatua equestre de Machado de Castro!

II

Hugo Mac-Donell — Uma figura excentrica — O antigo secretario da legação de Inglaterra — A elegancia ingleza — O *gentleman* — As civilisações latina e anglo-saxonica — O principe de Cariatti — A proposito de Botticelli — Lady Mac-Donell — O reinado victorino — A supremacia da Inglaterra no mundo moderno — A arte ingleza — Burne-Jones e Ruskin — A nobreza e o povo — Um antagonismo secular — Hugo Mac-Donell poeta, desenhista e gravador — Um typo superior de homem moderno — Uma poesia inedita.

Uma das figuras predilectas ao meu affecto, que a minha saudade se compraz em evocar com frequencia, é a de um homem, que pelos seus talentos, pela sua excentricidade, elegantissima cultura e excepcional situação na sociedade de Lisboa, chamou sobre si, durante alguns annos, a attenção dos proprios indifferentes.

Filho do ministro de Inglaterra, acreditado junto ao governo portuguez, Hugo Mac-Donell exercia na legação de Lisboa as funcções de terceiro secretario.

Primogenito dos Mac-Donell — velha nobreza da Escocia, alliada ás mais fidalgas familias da Inglaterra e da Bretanha, com parentes proximos na aristocracia de França — o terceiro secre-

tario da legação britannica era o mais perfeito exemplar d'esses fidalgos inglezes, representantes de uma civilisação requintada, especie de Brummels artistas, insensatamente prodigos, exasperantemente correctos, do mais superior cultivo mental e da mais subtil sensibilidade esthetica: verdadeiros romanos da decadencia no amor pelo luxo, nas inclinações de Arte, no cultivo dos exercicios musculares, na concepção sceptica da vida, que representam, na sua maxima parte, os papeis de heroes nas novellas de Hope e se confundem, na sua indolencia ociosa de principes intellectuaes, sybaritas, dissipadores e desdenhosos, com os patricios, discipulos de Epicuro, e já atacados de *spleen*, do tempo de Trajano.

Ninguem, melhor do que o inglez, nos seus typos superiores, representa a civilisação moderna na suprema elegancia de que se revestiu a vida do homem contemporaneo. Fundamentalmente diversa da elegancia do seculo de Luiz XIV, que consistia em fórmulas exteriores de cortezia e belleza decorativa, mixto de etiqueta e de moda, a elegancia é hoje um dom eminentemente intellectual, que resulta de um conjuncto harmonico de perfeições e de uma intima relação entre os aspectos e as ideias.

Esse criterio da elegancia é ainda um producto da civilisação ingleza, que já no seculo XVIII realisava em lord Beckford o modelo do homem

mundano superior, encarnado no principio do seculo XIX em Brummel, o amigo intimo de Jorge IV. A elegancia, que outra cousa não é mais do que uma das modalidades da Arte, ou a propria Arte applicada á vida, requer, para se desenvolver radiantemente, uma atmosphera propicia e certas preparações seculares de terreno, que a vontade do homem não póde, só por si, supprir por completo.

Assim, a pomposa elegancia franceza do seculo XVII é resultante da introducção da etiqueta e do luxo italianos, realisada por Catharina de Médicis, desenvolvida mais tarde pela pragmatica e pela ostentação hespanholas, introduzidas com as allianças matrimoniaes. A cada supremacia historica, como adorno e distinctivo da raça victoriosa, corresponde uma realeza de Arte, quer ella se symptomatise em maiores requintes de vida social, quer incida, mais propriamente, em manifestações de inventiva e genio creador.

A prosperidade agricola da idade-média, nos paizes onde alcançou, como na França, proporções gigantescas, produziu a cathedral, que á sua similhança os povos da peninsula levantaram, no periodo da sua supremacia maritima. Os unicos monumentos de Arte, dignos d'esse nome, que possue a patria portugueza, são memoria de acontecimentos culminantes na sua historia politica. Como na vida do individuo, a

vida dos povos só attinge o esplendor depois de conquistado o triumpho. Isto explica, na sua immutabilidade de lei historica, o motivo essencial por que a Inglaterra, preponderante no mundo, produziu na civilisação moderna os mais perfeitos exemplares do homem contemporaneo. A superioridade, como unidade social, do anglo-saxão, é hoje um facto incontroverso. A sua formidavel energia na conquista da fortuna é corregida pela grandiosidade no esbanjamento. Á sua inegualavel capacidade de absorpção correspondem não menos notaveis faculdades de disseminação. O inglez é hoje, na Europa, o homem que melhor sabe ganhar e mais esplendidamente sabe gastar. Esse o segredo da sua dominação entre os que trabalham e da sua supremacia entre os que desperdiçam.

A accumulação hereditaria de culturas intellectuaes, de habitos ininterruptos de opulencia, de esmeros de vida, de permanentes contactos com objectos bellos, confundiram na nobreza de Inglaterra o artista e o seu secular e generoso cliente, creando um sêr com a duplicidade de um mundano e de um estheta.

Attingida a sua culminancia civilisadora, tendo cumprido na historia do mundo uma missão de progresso, só comparavel á distribuida pelo destino ao imperio romano, dominando largamente no universo pelas qualidades de energia, de vigor, de tenacidade e de iniciativa do

seu povo, a Inglaterra, como a Grecia dos commerciantes e a Roma dos agricultores, começou a desenvolver a capacidade, eminentemente civilisadora, de gastar, que corresponde na natureza humana ao grau de maturidade cerebral, caracterisado pela faculdade de abstrahir.

É assim que a Inglaterra de hoje é, por excellencia, o paiz da elegancia, da cortezia e do luxo, e aquelle onde as artes decorativas, apropriadas aos prazeres da vida, mais se desenvolveram, evolutindo no sentido da belleza absoluta e pura.

Essa plethora de prosperidade material e mental produziu parallelamente requintes de sensibilidade agudissima, apanagio de raças em pleno apogeu de predominio. A sciencia do conforto, do bem-estar, do bem-viver attingiram em Inglaterra, nos dominios do prático e do superfluo, um grau de adeantamento por tal maneira superior ao do resto da Europa, que paizes como a França, que exercera a realeza da moda durante o seculo XVIII, se submetteram á sua supremacia.

Tendo conquistado a admiração do mundo pela sua força, o grande imperio romano da idade moderna impôz-se á admiração do mundo pelo seu genio, feito da mais espiritual delicadeza, da mais airosa graça, do mais penetrante espirito, do mais suave idealismo. Na philosophia, na litteratura, nas artes, nas sciencias, a

rude Inglaterra desentranhou-se em prodigios e maravilhas. Lord Byron, Walter Scott, Dikens, Thackeray, Macaulay, Ruskin, lord Lytton, Carlyle, Gibbon, Swift, Burne-Jones, Darwin, Spencer nobilitaram a grande raça triumphante e elevaram-a, rapidamente, a par da raça latina, que conservára, durante dous mil annos, entre os povos cultos, o diadema intellectual.

Em todas as suas manifestações artisticas, philosophicas e scientificas, a Inglaterra conservou sempre, como distinctivos, a harmonia, reflexo da sua vida politica, o equilibrio, reflexo da saude physica do seu povo, a discreta alegria, reflexo da sua prosperidade, e mais que tudo, com a capacidade sentimental e humoristica, o instincto hellenico das proporções, de que resulta, tanto nos actos da existencia, como nos productos da imaginação, a elegancia.

É a essa comprehensão innata da elegancia que se deve attribuir o facto, vulgar mas eloquente, de não ter rival, na correcção de vestir, o homem inglez. Esse sentimento de correcção nivelou o fidalgo ao burguez, reduzindo-o a um mesmo typo: o *gentleman*. Em Lisboa, os empregados do London and Brasilian Bank e da Eastern Telegraph Company, com quem el-rei joga o *tennis* em Carcavellos, destacam-se do janota alfacinha, mesmo o mais guindado em mundanismo, pela distincção sobria do trajo e das maneiras. E só se poderá explicar a relativa

subalternidade em que a mulher ingleza se conserva, em contraste com a supremacia do homem inglez, pelo motivo de ser a virilidade o apanagio da grande e forte Inglaterra e a influencia da mulher, fóra do lar, quasi imperceptivel. A Inglaterra é o inglez. N'essa nação varonil, cujas victorias, em todos os campos da actividade humana, foram ganhas pelo homem, este ficou sendo o factor e a synthese da grande obra social. E como se a natureza quizesse imprimir-lhe, em recompensa e distinctivo, o sello reservado aos eleitos, como mãe generosa deu-lhe, por ultimo, a feição romana na effigie!

Eu conheci Hugo Mac-Donell, por uma tarde de primavera, no café do *Avenida Palace:* o antigo *aquarium*, de ridicula memoria, onde os *fainéants* elegantes de Lisboa tomavam o absintho de Baudelaire antes do jantar de *madame* Angot. Ou porque os mundanos, que tinham arrematado o *aquarium*, fossem poucos, ou porque da clientella *chic* resultassem lucros minimos, o certo é que o botequim dos janotas durou o que duram as modas, passando a ser o palco de um charlatão por algum tempo e acabando, como principiou, por um armazem de bonecos articulados e bonequinhas de Nuremberg...

Empertigado n'uma cadeira de sola, com o lenço de bretanha no punho, as luvas de Suecia

entre dous botões do fraque abotoado, o secretario de Inglaterra fumava um cigarro Laferme, em frente do principe de Cariatti, primeiro secretario da legação de Italia, e de Adalberto Duval, collega de ambos na legação do Brasil.

Cariatti era homem de quarenta annos, prematuramente aniquilado, como uma victima, pelo esgotamento dos antepassados.

Ao lado d'esse principe italiano, melancolico e alquebrado, o moço secretario de Inglaterra, com o seu perfil aquilineo, o olhar fulgurante e azul; o queixo de medalha grega, a tez rosada de miss, o torso elegante e agil de esgrimista, parecia uma flor junto de uma ruina.

Eram duas grandes raças, uma em frente da outra: a latina no seu declinio; a anglo-saxonica no seu apogeu; a decadencia em face da virilidade; o romano exhausto e o inglez cheio de força; a arvore nova, em toda a plenitude de seiva; o roble secular, que ha tres mil annos dava sombra, já carcomido pelos lichens e devastado pelos raios.

O principe de Cariatti quasi resvalava no sophá, soffrendo da canceira hereditaria das lides prodigiosas de uma civilisação de vinte seculos; Hugo Mac-Donell, direito como um vime, airoso como um gymnasta, parecia ter sahido de um banho frio, tonico e salutar, com a face fresca e côr de rosa e os seus labios viçosos.

Feitas as apresentações pelo secretario do Brasil, proferidas as palavras banaes da cortezia em casos similhantes, a conversa continuou sobre o mesmo thema em que eu a encontrára e interrompera. Falava-se de Botticelli.

— Se eu já vira algum quadro de Botticelli...

— Não; nunca vira um original de Botticelli. Apenas reproducções, mais ou menos fieis, em gravura...

— Não basta... — disse Cariatti, com indolencia, quasi de olhos fechados.

— É sufficiente! — emendou Mac-Donell, impertigado. — Eu nunca vi Babylonia e tenho uma ideia de Babylonia...

Cariatti esboçou um pequeno gesto incredulo, apenas perceptivel, e não replicou por inercia.

Mac-Donell, tirando pequenas fumaças do cigarro, bebendo, a pequenos goles, a sua *soda and whisky*, descrevia o quadro *A Primavera*, do grande mestre florentino, conservado na Academia de Bellas-Artes de Florença, e encommendado pelos Médicis, juntamente com o *Nascimento de Venus* e a *Adoração dos Magos*, todos tres destinados á sumptuosa villa de Castello.

Fôra esse quadro extraordinario que inspirara o culto da primavera a Ruskin e decidira do estylo de Burne-Jones. A Inglaterra compral-o-hia, por subscripção publica, pelo mais

fabuloso preço, se a Italia consentisse em vender o seu patrimonio de arte. Para descrever essa aurora da Renascença, a cuja luz inspiradora Botticelli pintara os seus quadros mais maravilhosos, de uma belleza de sortilegio, Mac-Donell contou a conhecida historia de Nanni Grosso, pedindo na hora da morte um crucifixo de Donatello, para expirar beijando uma obra de arte, que lhe permittisse levar para o outro mundo uma lembrança magnifica e luminosa da terra.

Foi, a ouvil-o falar, que eu soube que Mac-Donell era pintor e gravava em agua forte e, d'ahi a instantes, que era poeta e compozera uma collecção de poesias em francez.

Essa multiplicidade de capacidades artisticas, qualquer d'ellas cultivada, senão com persistencia, pelo menos com interesse e desvelo — pois Mac-Donell frequentara os *ateliers* de Londres e tivera em Bruxellas, onde fôra addido de legação, um *atelier* seu, com todo o luxo, dispendioso para um *dilettanti*, de modelos italianos, guarda-roupa e scenario — era a particularidade mais interessante do seu espirito, surprehendentemente educado para a apreciação e gôzo de todas as cousas bellas. Diplomata, poeta, pintor, musico, polyglota, jogador de espada e de *box*, este homem, no vigor da mocidade, tendo já dissipado uma fortuna, dispunha de uma variedade de aptidões e sensibilidades, que

lhe asseguravam o mais amplo prazer na vida. Dotado de um poder penetrante de analyse, commum ao homem superior, mas ainda valorisado pela imaginação florida de um meridional — sua mãe, lady Mac-Donell, era argentina — este mundano requintado, verdadeiro Balzac da diplomacia, entretinha-se a observar a sociedade nos seus *dessous* moraes, frequentando-a com a alegria de um especialista psychico e partilhando simultaneamente dos seus prazeres, com os impetos de um homem novo, treinado em todos os *sports*, preparado para resistir sem abalo a todas as emoções. A vida era um perpetuo festim para os seus sentidos. Quer como pintor, quer como musico, quer como poeta, nada lhe era indifferente. Elle podia e sabia destillar o mel e extrahir a belleza das cousas mais vulgares. Olhando uma paizagem ou uma mulher, um monumento ou um quadro, nos salões ou nas ruas, na cidade ou no campo, n'uma sala de armas ou n'um muzeu, entre janotas ou artistas, nos palacios dos reis ou nos theatros, na chancellaria da legação ou no seu quarto, — decorado com cartazes de Cheret e de Mucha, — ouvindo Wagner ou lendo Baudelaire, este homem complexo era *touriste*, amador de pintura, *dandy*, cortezão, diplomata, esgrimista, amador de musica, litterato!

Conseguia assim ser o homem perfeito, o homem entre todos malleavel e completo, pro-

ducto de uma civilisação adeantada, prototypo de uma raça no zenith da dominação e do progresso, summula de uma cultura prodigiosamente desenvolvida e não menos admiravelmente absorvida! Vigoroso e intrepido, herdando da raça a serenidade e a energia, com o amor pelos exercicios physicos — base sólida e indispensavel para que o tronco sustenha a transbordante floração do cerebro, onde as impressões e as ideias estão em constante irradiamento, como a chuva de fagulhas na forja do ferreiro, — Mac-Donell tinha uma cabeça miraculosamente dotada, assente sobre um corpo esplendidamente construido. Era um capitel radioso sobre uma columna sólida. Mas toda essa admiravel architectura era uma architectura moderna. Não se nasce impunemente nos ultimos trinta annos do seculo XIX; e pela analyse da sua obra e da sua vida, poderiamos penetrar, com processos elementares de generalisação, as causas que hão de determinar, em tempos talvez ainda remotos, o declinio das castas nobres da Inglaterra.

Os povos, como os individuos, fatigam-se, gastam-se, enfraquecem e decahem. Essa gigantesca obra de civilisação e cultivo, de que o meu amigo Hugo Mac-Donell era a resultante e como que um dos seus orgulhosos monumentos, ameaçava desequilibrar-se. A extravagancia apalpava já, com as suas mãos devas-

tadoras, esse cerebro privilegiado. A falsa e erronea consciencia de uma superioridade, quasi auto-divinisação, mais do que auto-idolatria, commum em todos os sêres de excepção, que o abuso de cultura ou de poder elevaram acima da vulgaridade, obscurecia por vezes a sua desdenhosa visão das cousas subalternas e das leis sociaes que o continham em relação e contacto com o resto da humanidade. Cada inglez superior, como cada proconsul romano, julga-se um pouco imperador, pelos privilegios que a si proprio decreta e dispensa. D'esse orgulho derivam o desprezo pelos preconceitos, a coragem das mais absurdas extravagancias, que já produziram em Roma os Heliogabalos e os Tiberios.

*
* *

Presumo ser a unica pessoa em Portugal, de posse da collecção das poesias de Hugo MacDonell. Por fundamentalmente subjectiva, a sua arte, feita de morbidez elegante e de genuina extravagancia ingleza, é, tanto como o magnifico penhor do seu talento, o symptoma de uma imaginação prodigiosamente requintada, tão caracteristica das litteraturas modernas, e na qual Max Nordau quiz vêr um desequilibrio, confundindo os effeitos de uma sensibilidade aguda e, sem discussão, anormal, com uma imaginosa

degenerescencia nas preponderantes classes intellectuaes dos paizes latinos, com o que já folgava a sua incorregivel phobia de prussiano.

Inglez, mas d'essa casta superior de normandos, que substituiram no velho sólo da Inglaterra a dominação dos guerreiros e dos bardos dinamarquezes, Mac-Donell, nove seculos passados, representa ainda essa nobreza de sangue e de intelligencia, de gentileza e cavalheirismo, que encheu de resplendor o reinado dos primeiros Plantagenetas e, desde Henrique II a Guilherme o *Conquistador*, levantou castellos e fez a guerra no sólo da França.

Essa aristocracia normanda ficou sempre indelevelmente franceza e pela cultura intellectual assimilou a maior parte das caracteristicas do genio latino.

Nascido no reinado da rainha Victoria, durante o qual a Inglaterra offereceu ao mundo um dualismo de conquista de territorios e de espiritualismo nas artes, o moço fidalgo escocez soffreu essa dupla e contradictoria influencia.

É com effeito extraordinario o espectaculo, offerecido pela Inglaterra imperialista do fim do seculo XIX, que ao mesmo tempo que se apossa do imperio dos mares, alarga os seus dominios na Africa, fortalece a sua suzerania na India, assegura a sua preponderancia no Egypto, dispondo e governando no mundo pela habilidade da sua diplomacia, pelo talento dos

seus estadistas, pela força das suas esquadras e actualisando o adagio feroz: *La force prime le droit*, — attinge nas artes o apogeu do espiritualismo, actualisando a pintura e a poesia pré-raphaélitas, por uma sede de ideal, que se propaga a todas as classes cultas e de que resultam, a par das *Ruskin societies*, a celebridade de Burne-Jones e a popularidade de uma litteratura, que, desprezando os baixos instinctos do homem, acclamava a realeza do espirito.

Essa reacção dos intellectuaes contra a obra bellicosa de conquista, foi a mais luminosa victoria do ideal contra a materia e o mais surprehendente aspecto da vida do povo inglez durante o reinado glorioso da rainha Victoria. Mas os alicerces d'este monumento espiritualista eram frageis. A maioria do povo inglez andava divorciada d'essa litteratura, que se tornou privilegio das castas aristocraticas. O povo inglez esperava, paciente, que um escriptor de genio tomasse o seu partido e conciliasse, na arte, o pensamento e a acção da Inglaterra, n'esses trinta annos divorciados. Foi então que appareceu Stevenson com os seus livros de aventuras e o seu evangelho de virilidade. Mas Stevenson não era ainda sufficientemente brutal e tinha a desvantagem de escrever com estylo! Por ultimo surgiu Rudyard Kipling e a Inglaterra recebeu, de um homem de genio, o consentimento para ser tão brutal quanto lhe

aprouvesse. Foi o triumpho dos philisteus. O povo inglez tinha, finalmente, o seu homem, e a litteratura de belleza, de pensamento, de fantasia, de idealismo estava para sempre condemnada pela opinião. Um grande jornal inglez, para lisongear as maiorias, levou o arrojo até preferir o talento poetico de Kipling ao talento de Tennyson. Com a derrota dos espiritualistas redobrou de energia o movimento reaccionario, produzindo uma scisão profunda entre as classes eminentemente intellectuaes e o partido forte dos anglo-saxões práticos, invasores e triumphantes.

Foi n'esse periodo de lucta, que se educou o cerebro de Hugo Mac-Donell. As suas sympathias, as suas naturaes inclinações, arrastavam-o implacavelmente para o partido dos vencidos. Pelo sangue, pelo temperamento, pela educação, elle era latino, com o amor pelas artes, o instincto delicado da elegancia, a attracção pela belleza physica e moral; mas um latino da antiga Roma, ainda forte e saudavel, amando a vida e os prazeres da vida, e levado pelas exigencias da propria carreira a servir a politica imperialista e dominadora da sua patria. D'essa dualidade de disposições e de funcções, que tão fielmente reproduzia as rivalidades partidarias da Inglaterra, nasceu a desharmonia, mais do que o desequilibrio, n'esse homem novo, fortalecido nos exercicios physi-

cos e educado nas especulações intellectuaes. Hugo Mac-Donell ficou, em arte, um discipulo e um admirador de Burne-Jones e Ruskin e ao mesmo tempo um representante do caracter viril, emprehendedor do anglo-saxonico, com o espirito aventureiro do normando.

Os acasos da vida diplomatica levavam-o para a Belgica, onde recolhia a impressão da pintura mystica dos grandes mestres flamengos; da Belgica levavam-o para a Italia, onde a amisade de Gabriel d'Annunzio e a intimidade dos maiores monumentos da arte latina aggravavam as suas tendencias espiritualistas, que em breve adquiriam n'elle a preponderancia. Do inglez ficou-lhe o aprumo, a distincção das maneiras, a orgulhosa consciencia de superioridade, como representante de uma raça victoriosa. No restante, era um latino, um irreductivel normando, escolhendo para expressão do seu sentimento poetico a lingua franceza, com um desprezo soberano pela litteratura viril e triumphante dos Rudyard Kipling, lisonjeadora dos instinctos materiaes, adversaria da especulação idealista.

Essa divergencia de caracter e de opinião, entre o commum do povo inglez e os representantes da sua nobreza mental e de sangue, entre as castas superiores e as classes trabalhadoras, é já um facto historico averiguado e universalmente conhecido, desde o principio do seculo, na perseguição e no exilio de lord By-

573967B

ron: resultado d'essa coalisão entre o puro inglez e o que elles chamam o inglez latinisado, o inglez corrompido, o inglez desnacionalisado. E de facto, o contraste entre esses dous representantes do mesmo povo é absoluto e flagrante. As suas virtudes são diversas, os seus defeitos differentes, as suas sympathias contradictorias, as suas aptidões desiguaes. Á aptidão de ganhar corresponde a aptidão de dissipar; o senso pratico é substituido pela mais audaciosa extravagancia; a actividade degenera no *spleen;* o prazer energico da lucta effeminisa-se no prazer da inercia contemplativa; o respeito social transmuda-se em desprezo pela opinião. E quando as qualidades de indomavel energia e o espirito aventureiro da raça subsistem n'esse homem excepcional, é infallivel que elle as põe ao serviço das majs romanescas aventuras e das mais fantasiosas loucuras, jogando cem mil libras em Monte Carlo, construindo um palacio no monte Thabor, comprando os castellos do Rheno ou combatendo pela independencia da Grecia.

Essa divergencia, essa verdadeira opposição de uma minoria privilegiada, que a si propria se decreta honras, isenções e prerogativas de Cesares, contra uma maioria, fundamentalmente respeitadora da lei, conservadora e chauvinista, apparece-nos como um phenomeno social na vida intima da Inglaterra. É indispensavel con-

cluir que o povo inglez se encontra, no principio do seculo XX, em uma phase de desenvolvimento ainda rudimentar e grosseiro, para explicar esse antagonismo permanente da opinião publica com os homens superiores? A desnacionalisação parece ser a caracteristica d'estes sêres excepcionaes, porque tanto são diversos dos seus irmãos de raça, quanto se approximam — sem comtudo se confundirem — das raças affins ou de procedencia a mais diametralmente opposta.

Escolho, para exemplo, entre a obra poetica de Hugo Mac-Donell, o seguinte trecho de uma poesia magnifica, onde será difficil, senão impossivel, a um inglez, descobrir o sentimento e a fórma de expressão communs á sua raça:

« Femme, si j'ètais Dieu, un baiser de poète,
« Effleurerait ton front au son d'un luth divin,
« Et l'amour enivrant qui grandit et rachète
« Les lourdeurs du Réel, se ferait une fête
« De fleurir ton chemin.

« Mais je suis bien petit, je m'ignore moi-même,
« Ma voix est déjà lasse et j'ai si peu chanté!
« A conjurer le Verbe, hélas! me voilà blême
« Et je ne sais encore comment dire — je t'aime!
« O femme de beauté!

«Je t'adore pourtant et te donne ma vie,
«Accepte-la, mignonne, à peine ai-je vingt ans.
«Je vivrai dans ton ombre et quand d'être suivie
«Lasse, tu me diras — va-t'en! — l'âme ravie
«J'aimerai ton dedain!

«J'aimerai ta donceur; j'aimerai tes rudesses,
«J'aimerai tes parfums, tes songes et tes pleurs,
«J'aimerai tes gaîtés, j'aimerai tes tristesses,
«Et quand tu railleras mes suprêmes tendresses,
«J'aimerai mes douleurs!

O metro poetico, a inspiração, a vehemencia sentimental, o transporte amoroso d'estes versos magistraes são accentuadamente latinos. É um leitor de Ovidio, não um leitor de Shakespeare, quem os escreve. Quizera poder transcrever, para amenisar com bellezas este estudo arido, outras das muitas poesias que possuo d'esse desconhecido e grande poeta, amigo de Mallarmé e de Annunzio. Mas essa me basta para exemplificar a divergencia sentimental d'este inglez com o lyrismo classico da velha Inglaterra. Hoje, como nos reinados de Guilherme o *Conquistador*, Eduardo III e Henrique V, o meu amigo Mac-Donell parece representar — e pelo sangue a representa — essa fidalguia bretã a quem o duque da Bretanha, genro de Guilherme o

Bastardo, distribuiu o condado de Richemond e que entre os barbaros anglo-saxões se distinguia pela cortezia, pela elegancia e pelos requintes do luxo, dominando na côrte, na egreja, na magistratrura, latinisando a rude Inglaterra á sombra de reis como Eduardo I, que fazia traduzir em *francez* a bulla de Bonifacio VIII, para a *comprehender melhor!*

Que póde contra essa lei do sangue e esse imperio da tradição a victoria da grande raça conquistadora e energica? Porque segredo conserva a Inglaterra anglo-saxonica um permanente culto de respeito pela sua aristocracia latina, quando esse duello secular parecia a semente vigorosa de uma republica? É este um verdadeiro problema politico, a que as futuras gerações serão chamadas a dar uma resolução. O meu proposito foi apenas e resumidamente, pelo breve estudo de um caracter inglez, da *élite*, pôr em evidencia que a poderosa Inglaterra se latinisa progressivamente nas altas classes, pelo contagio com as civilisações occidentaes dos povos romanicos. Essa a grande fenda que ameaça o edificio grandioso. Mas é necessario olhal-a de muito perto e durante muito tempo para a reconhecer. No aspecto exterior, na correcção das maneiras, na distincção do porte, na attracção pela aventura, no prazer pelos exercicios physicos, o meu amigo MacDonell era um inglez. Mas esse inglez, contem-

plativo, noctambulo, prodigo, amoroso e requintadamente extravagante, era cerebralmente um latino. Hoje, como um inglez, ia, por um dia de temporal, até á barra, n'um cahique; ámanhã, como um romano do seculo de Augusto, passava o dia reclinado n'uma *chaise-longue*, entre um ninho de almofadas de pennas, a vêr correr as nuvens no ceu e ouvir rufar a chuva nas vidraças. Hoje, como um inglez, jogava o *box*; ámanhã, como um oriental, fumava *hashich*.

Como os seus irmãos da nobre Inglaterra, Hugo Mac-Donell soffria já, aos vinte e cinco annos, de uma doença terrivel e incuravel: o abuso da civilisação.

III

O palacio da Rosa — Um lar de sete seculos — O ultimo marquez de Ponte de Lima — Decadencia das grandes familias — O neto do successor de Pombal, amigo de boleeiros e alquilcdores — A venda de um dominio historico a um algibebe, por uma andaina de briche — O palacio dos Cerveiras albergue de mendigos — A restauração do sr. marquez de Castello Melhor — O retrato do ministro de D. Affonso VI — Um magnifico relogio de bronze — As louças do conde de Mafra — Uma meza de jogo notavel.

Nenhuma familia portugueza, como a nobilissima estirpe dos marquezes de Ponte de Lima e viscondes de Villa Nova de Cerveira, residiu, quasi ininterruptamente, durante sete seculos, na mesma casa.

Por este titulo é o palacio da Rosa o primeiro entre os lares portuguezes, o de maior velhice e o de mais gloriosas tradições domesticas.

Ao fundo da rua das Farinhas, a S. Lourenço, na encosta do Castello, dominante á Mouraria, elle ergue ainda hoje os seus brazões floridos sobre o grande arco do terreiro de honra, junto á egreja matriz de sua capellania,

onde jazem sepultos os nobres Limas e os primeiros Cerveiras.

Não se distingue o palacio por quaesquer primores de architectura. É antes um edificio asymetrico e sem belleza, onde predomina o estylo das construcções do seculo XVII, com seu ar de caserna ou de convento velho. Nem uma fresta ogival ou columnelo gothico lhe attesta sequer a antiguidade veneravel. Sete seculos passaram por elle, destruindo successivamente os vestigios do seculo anterior, sobrepondo as suas architecturas dominantes ás architecturas primitivas: ao arco romanico succedendo-se a ogiva gothica, á fresta manuelina ou geminada substituindo-se a janella da Renascença, a nova parede escondendo o velho botaréo, as salas crescendo sobre os terraços, os tectos artezoados occultando as abobadas, as torres descendo ao nivel dos telhados. Foi acompanhando as gerações, desde o viver rude dos cavalleiros medievaes, até aos requintes dos cortezãos de D. João V, affeiçoando-se ás exigencias dos senhorios, tornando-se cada vez menos silente e barbaro. Mas o tempo, que tanto conseguiu modifical-o, nunca o poude destruir. O palacio dos Limas nunca se deslocou do velho burgo, de ao pé das muralhas centenarias da alcaçova. Andou ausente por outros palacios a familia e o solar permaneceu erecto nos seus alicerces, resistindo ás avarias dos annos e aos abalos da

terra. Restituido hoje ao antigo esplendor, sob os seus velhos tectos se estão creando os futuros marquezes de Ponte de Lima e viscondes de Villa Nova de Cerveira. O lar fiel e illustre voltou a vêr os seus donos. Novamente a vida circula no seu formidavel corpo de alvenaria.

Habitam ao presente o palacio da Rosa os srs. marquezes de Castello Melhor e viscondes da Varzea: João da Silveira Pinto da Fonseca, reposteiro-mór da casa real, filho do sr. Bernardo da Silveira, da familia dos condes de Amarante, marquezes de Chaves, e D. Helena Ximenes de Vasconcellos de Sousa, representante legitima das casas e titulos de Villa Nova de Cerveira, Ponte de Lima e Castello Melhor, — este ultimo pelo casamento de sua mãe, D. Helena Luiza Xavier de Lima, filha do 16.º visconde de Villa Nova de Cerveira e 2.º marquez de Ponte de Lima, com D. Antonio de Vasconcellos e Sousa Camara Caminha Faro e Veiga, 4.º marquez de Castello Melhor e 11.º conde da Calheta.

Com a morte do 2.º marquez de Ponte de Lima, que não teve nenhum filho varão do seu casamento com D. Helena José de Assis Mascarenhas, ficou interrompido o marquezado de Ponte de Lima e o primeiro viscondado portuguez de Villa Nova de Cerveira, por prioridade do titulo do marido na unica herdeira da casa, a marqueza de Castello Melhor,

D. Helena, de quem é unica filha sobrevivente a sr.ª marqueza actual, casada com o sr. visconde da Varzea.

Foi esse segundo e ultimo marquez de Ponte de Lima o mais philosopho e original dos grandes fidalgos portuguezes do seculo XIX e como que o vivo protesto das grandes castas privilegiadas, com raizes genealogicas tão velhas como a monarchia, contra a prosapia afidalgada da burguezia titular do constitucionalismo.

Á similhança do ultimo marquez de Angeja, o derradeiro marquez de Ponte do Lima podia ter feito companhia a Diogenes no seu tonel. Senhor de uma casa opulenta, representante de uma familia nobilissima e dez vezes secular, aparentada com dynastias reaes e com principes do Sacro Imperio, o descendente de D. Ignez de Castro e de D. Pedro Alvares Cabral, o neto do 1.º ministro de D. Maria I, acabou os seus dias embrulhado n'um velho capote de camelão, entre uma côrte de boleeiros, assistindo com resignada philosophia ao desabar do seu palacio, entretendo-se a vêr engatar seges e chamuscar porcos no terreiro senhorial do seu solar de sete seculos.

O grande fidalgo procurava na intimidade respeitosa do povo o ultimo refugio onde resguardasse da profanação de uma fidalguia suspeita o orgulho da sua linhagem authentica, sabendo bem que os barões de D. Maria II teriam

medo de se comprometter, procurando entre os alquiladores e os segeiros o neto do mordomo-mór de D. Maria I.

Acompanhando o declinar da grandeza do amo, ia-se desmoronando o solar. E era quasi com alegria que o marquez contemplava o lento desabar dos tectos. — «Cahe com a fidalguia!» — dizia elle, embrulhado no seu capote de camelão, constatando o caminhar progressivo da ruina. E com effeito, á sua morte, o enorme palacio era quasi um montão de escombros, inhabitavel e sinistro, onde se refugiavam os perseguidos da policia, nas rusgas da Mouraria. Durante muitos annos, o glorioso edificio, que fôra sete seculos o lar dos Limas, esteve convertido em velhacouto de ladrões e albergue de mendigos, que o consideravam abrigo inviolavel, onde para sempre se lhes perdia o rasto e onde nunca se aventuraram os beleguins da judiciaria.

Recolhendo uma noute mais tarde, o velho marquez encontrou-se á porta com um mendigo andrajoso, que lhe perguntou, de má catadura:

— Tambem vocemecê móra aqũi?

Ao que o marquez respondeu, com ar humilde:

— Tambem cá móro...

Entraram os dous, o mendigo na frente, com direitos indisputados de inquilino mais antigo. A mesma scena repetiu-se ainda algumas nou-

tes, até estabelecer-se entre ambos a intimidade necessaria ás confidencias, de onde resultou ficar sabendo o marquez o processo engenhoso de que se servira o mendigo para se apossar de um alojamento no palacio.

Durante mezes, ao passar em S. Lourenço, o maltrapilho observara que uma janella do palacio se conservava inalteravelmente entreaberta. Da observação, veio o persuadir-se de que não era habitado o aposento e logo a ideia de o eleger em domicilio. Para mais segurança, passou a atirar pela fresta, todas as noutes, uma pedra. Ao fim de um mez saltou elle mesmo a janella. Encontrou as trinta pedras. Installou-se.

O marquez, maravilhado, mandou-lhe lá pôr, no dia seguinte, uma cama!

Mas o que melhor descreve a originalidade d'esse grande senhor e dá a medida do seu arrogante proposito de morrer com a sua casa, por fórma que o seu tumulo encerrasse, com o ultimo marquez do seu titulo, o derradeiro vestigio da sua grandeza, é a venda que, por uma andaina de roupa, fez a um alfaiate Moraes, dos dominios de Ponte de Lima, incluindo o palacio, innumeraveis fóros e extensas herdades. Por uma roupa de briche alienava, de uma só vez, um dominio historico, no valor de dezenas de contos; e quando lhe veem contar que o algibebe vendia os bens na qualidade de representante e herdeiro dos marquezes de Ponte de

Lima, e como tal passava documentos de transmissão e assignava escripturas, o nobre philosopho sorria e tomava, consolado, a sua pitada de simonte! (1)

O ultimo amigo d'esse fidalgo, de preclara linhagem, foi um alquilador, que tinha seges de aluguel, e a quem trazia arrendadas as cocheiras do palacio. Como os antigos irmãos de armas, nos seculos da cavallaria, que na ceremonia da sagração faziam pactos solemnes, entre o marquez e o alquilador fôra tratado que o primeiro dos dous, que morresse, seria conduzido ao cemiterio pelo sobrevivente. Ignoro se o pacto foi cumprido e a qual dos dous amigos coube o executal-o, empunhando o chambrié e tangendo os cavallos do coche funerario. Mas, no demais, a Providencia serviu os designios do marquez. Por sua morte — e morreu quando procurava no quarto a caixa de rapé, para ir vêr chamuscar um porco! — o palacio da Rosa parecia surgir de entre as ruinas de um terremoto. A magnificente galeria do primeiro andar

(1) Conveniente é lembrar que do 1.º marquez de Ponte de Lima, ministro do reino de D. Maria I, successor do marquez de Pombal, presidente do real erario em substituição do marquez de Angeja, mordomo mór da casa real, se conta que sua mulher, a viscondessa de Villa Nova de Cerveira, obtivera do Desembargo do Paço uma provisão, tirando-lhe a administração dos bens, por incapaz!

ameaçava desabar. Apenas a sala do throno se continha de pé e quasi intacta, com as suas paredes forradas de sêda verde-musgo e os seus lustres redondos de crystal. As aranhas e os ratos tinham tomado conta dos salões. O vento e a chuva entravam pelos tectos e pelas janellas. Os pardaes faziam ninho nos capiteis das columnas.

Desanimando de poder levantar aquella ruina, a marqueza de Castello Melhor entregara as chaves do seu solar de familia ao procurador e recolhera-se de novo ao palacio do Passeio Publico, de onde mudou para a rua do Salitre, resignada á perda total do velho solar dos seus antepassados, até o dia em que o sr. visconde da Varzea intentou a sua restauração dispendiosa, mandando remover os entulhos, concertar os telhados e indagar das riquezas aferrolhadas nos sotãos. E foi para todos uma surpreza quando, das arcas e dos bahús, principiaram sahindo, como um thesouro de Ali-Bábá, as baixellas de prata, as louças do Japão e da India, os serviços de Saxe e de Sèvres: *salvados* de um grande naufragio de sete seculos de opulencia e predominio! Só então começaram a circular rumores de roubos escandalosos; — as carroças cheias de moveis preciosos, carregadas de noute, á luz de lanternas; os damascos arrancados vandalicamente das paredes; as *boiseries* da galeria despregadas a occultas; as gavetas

dos moveis arrombadas. É de presumir que n'esse saque fossem desviados do palacio objectos innumeros e valiosos, de que se perdeu o rumo criminoso. Mas as alfaias dos Castellos-Melhor vieram substituir os thesouros subtrahidos aos Pontes de Lima e hoje o palacio da Rosa, quasi inteiramente restaurado, é outra vez uma das mais sumptuosas casas de Lisboa, pelas proporções e os adornos das suas salas, pelas reliquias historicas que encerra, desde o orgulhoso cartorio até á sala do throno, destinada a receber as visitas dos soberanos.

Subidos os dous lanços da escadaria, guarnecida de velhissimos azulejos, e afastado o reposteiro da porta da direita, entra-se na sala de bilhar, que communica, á esquerda, com a pequenina sala de passar as noutes, para a qual o sr. Battistini pintou recentemente tres *panneaux* de azulejo, representando o primeiro a descoberta do Brasil por Pedro Alvares Cabral; o segundo os cumprimentos da nobreza ao visconde de Ponte de Lima, pela sua ascensão ao governo do reino, na vaga deixada pelo marquez de Pombal; e o terceiro a fabula do annel da benção, assim chamado, porque uma doninha, que D. Fernão Annes de Lima, ascendente da familia, em tempo de el-rei D. Fernando, o Santo, salvara de uma cobra, lhe trouxera ao acampamento, em signal de gratidão, a sua pedra miraculosa, que todos os Limas, depois d'isso,

usaram até 1755, engastada no annel de familia, como um talisman.

N'essa salinha intima e confortavel, adornada de cadeiras commodas em volta do candieiro de *abat-jour*, esses tres paineis attestam a nobreza e antiguidade da familia, desde a lenda ingenua e vetusta do annel, até ao politico predominio no fim do seculo XVIII. Deitam as duas janellas da sala para o terreiro, onde d'antes entravam as cavalgadas e os coches, communicando por uma porta com os aposentos particulares do palacio.

A vasta sala do bilhar, com seus silhares de azulejos polychromos, dá passagem das salas de recepção para a casa de jantar. São aquellas em numero de quatro, a central e a dos retratos occupando o espaço da velha galeria monumental, e seguindo-se-lhes a sala de espera e a sala do throno, cuja disposição é a mesma de ha cem annos, mas que os actuaes marquezes converteram em salão de baile, demolindo a parede que a separava da ante-sala e substituindo-a por columnas de crystal, com capiteis dourados, em estylo Luiz XV. É n'este salão que hoje está o retrato do conde de Castello Melhor, escrivão da puridade e ministro valido de D. Affonso VI, de uma authenticidade para muitos duvidosa, mas de uma belleza e antiguidade indiscutiveis.

No outro extremo da sala nobre, onde ter-

minava a antiga galeria, estão os retratos do 1.º marquez de Ponte de Lima, mordomo-mór de D. Maria I, de casaca côr de pinhão e um peitoral de armadura, com a fita de Christo, e um retrato fantasista de Pedro Alvares Cabral, o filho do *gigante da Beira*, com a sua armadura de ferro e a insignia de capitão-mór das frotas reaes.

A todos, porém, sobrelevam em factura e colorido o retrato da princeza Maria de Hohenloe, filha de Luiz Gustavo, conde de Hohenloe e principe do Sacro Romano Imperio, esposa do 12.º visconde de Villa Nova de Cerveira, D. Thomaz de Lima Vasconcellos Brito Nogueira, e o da loura condessa de Castello Melhor, D. Maria Rosa de Noronha. Guarnecem esta sala dos retratos duas enormes commodas e a meza maior que tenho visto, de pau santo, com pés de bilhardas: immensa ampliação das vulgarmente e erroneamente conhecidas em lojas de *bric-à-brac* por buffetes e sobre a qual se vêem exemplares rarissimos de livros de cavallaria e das artes de manejo e equitação, que denunciam as inclinações do actual marquez pelas lides fidalgas de picadeiro, em que é eximio.

Segue-se a esta sala, a sala maior de recepção, onde sobresahem uma mobilia dourada de estofo antigo de setim com flores pintadas e bordadas, e sobre a meza do centro um relogio

de bronze, em fórma de tripode, com o mostrador espherico, coroado por uma aguia, e assente no dorso de tres cavallos alados.

É esta maravilhosa peça, obra prima do seculo XVIII, a joia do palacio da Rosa, que possue em bronzes cinzelados — lampadas, candelabros e serpentinas — talvez uma das melhores collecções de Portugal. A França guarda como uma preciosidade, no palacio de Fontainebleau, um relogio igual, que figurou no muzeu de artes retrospectivas da ultima Exposição de Paris (1), no *Petit Palais*. Mas accresce, para valorisar sobremaneira o exemplar do palacio da Rosa, a sua superior conservação ao do palacio de Fontainebleau, a que faltam, além dos fios de crystal, simulando jorros de agua, que os tres cães estendidos na base do relogio vertem em taças de bronze, um dos lindissimos gallos da peanha e um dos golphinhos que servem de ornamento aos angulos do baixo relevo inferior.

As duas lampadas Carcel, em bronze e porcellana de Sévres, que guarnecem outra meza

(1) A paginas 10 do fasciculo 27 da publicação *Musées centennaux et retrospectifs*, edição da casa L. Baschet, vem reproduzido este relogio com a seguinte legenda: «Pendule à cadran tournant, bronze doré, fin XVIII siècle.» (Palais de Fontainebleau).

da mesma sala, junto a um pequeno biombo com os medalhões de Alcipe, Marcia e Armania, são de uma surprehendente belleza ornamental, dignos de figurar, em logares de honra, com a meza de jogo offerecida ao conde da Calheta, por occasião do seu casamento com a princeza Pelagia Symphronia de Rohan, n'um escolhido muzeu de arte ornamental.

Tudo n'esta sala esplendida, — onde se aproveitaram, para decoração dos tectos e paredes, as pinturas da primitiva galeria, magnificamente restauradas, — desde o mobiliario até ás guarnições preciosas dos tremós, é do melhor que hoje existe em casas portuguezas. E se d'esta enfiada de salões historicos, atravessando de novo a sala do bilhar, entramos na enorme casa de jantar, a abundancia da baixella de prata, que guarnece os buffetes, as collecções de porcellanas de Saxe, trazidas da sua embaixada de Vienna pelo conde de Mafra, D. Lourenço de Lima, os serviços de Sèvres e de Wedgewood, os apparelhos de louça da China, da India e do Japão — um d'elles considerado entre os mais ricos, senão o mais precioso do reino — consentem fazer uma ideia do antigo fausto em que viveram as grandes familias portuguezas do seculo XVIII. Póde não ter — e não tem — o palacio da Rosa uma d'essas telas famosas, uma d'essas joias celebres, que fazem a reputação universal de uma casa. Mas encerra

ainda um valiosissimo espolio, de duas das familias mais opulentas do reino, salvo por milagre ás destruições do terremoto, ás rapinas francezas, á ruina da guerra civil e á philosophia —peor que todos os flagellos— do ultimo marquez de Ponte de Lima.

IV

Uma viagem no Alemtejo — Evora rica — Uma omnipotencia regional — A cidade de Diana — A comitiva d'El-Rei — Azevedo Coutinho — O par do reino Francisco Barahona — Pastores, campinos, maiorães, rabadões e manageiros — Uma multidão medieval n'um scenario do seculo XV.

Foi ha dous annos — em junho de 1903 — que, como seu hospede de vinte e quatro horas, conheci o homem, por tantos aspectos notavel, que se finou em Evora, entre os lutos de uma cidade, de que elle fôra, pela benemerencia inexhaurivel, pelo nome illustre, pela fortuna enorme, o primeiro dos cidadãos.

Nunca, até esse dia, passara além de Setubal, apenas conhecendo do Alemtejo essa perfumada região dos laranjaes e dos pomares, entre as vertentes da Arrabida e as aguas do Sado. Era em paiz desconhecido, que pela primeira vez viajava, a caminho da *Salamanca Portugueza*, em companhia de el-rei, convidado, com o ministro das obras publicas, para visitar a exposição pecuaria, promovida pelo Syndicato Agricola de Evora.

Amanhecera o dia ennevoado. Chovera durante toda a noute. O vapor em que atravessamos o Tejo, ás nove horas da manhã, balouçava n'uma vaga alta e tempestuosa, que sem cessar borrifava o convés de espuma branca. Mas, á sahida do Barreiro, o ceu limpou e o sol veio innundar de luz e côr a monotona e grandiosa paizagem alemtejana.

As vastas herdades; os montados frondosos; os vinhedos interminaveis, coloridos pelo verde cobalto do sulfato de cobre; os sobreiraes ainda vermelhos da desboia; os campos onde aloiram as messes, ondulando ao vento as suas espigas maduras, á espera do labor gigantesco e suppliciante das ceifas; os olivaes tristonhos e symetricos — passam em frente á vidraça de crystal do salão, como o panorama fugaz, incessantemente renovado, de uma projecção de animatographo.

E para mim, homem do norte, nascido e creado em terra de aguas e montanhas, constitue uma novidade e uma surpreza, de que el-rei sorri, essa paizagem de planicie intermina, raras vezes campo, quasi sempre charneca, de horisontes desembaraçados, sem alegrias bucolicas, rumores de assudes, vozes humanas, fumos de casal, cantos de ave, que eu mentalmente comparo aos valles viridentes e circumscriptos do Minho, humedecidos pelos riachos, irrigados por mil veios circulatorios de agua, com os casaes

de colmo, os campos de milho e de painço, os feijoaes e as hortas, as vinhas de enforcado, os gallos que cantam nos quinchosos, os gaios que chalram nos pinheiraes, os cães que ladram nos terreiros, as creanças que choram nos berços, os bois que mugem nos lameiros, as mulheres de lenço encarnado ou amarello, que agitam alegremente as sacholas ou as foices á passagem dos comboios, e ao longe, resumindo esse scenario accidentado de presepio, as montanhas coroadas pelo diadema verde dos pinheiros ou arreganhando para os ceus dentuças de penedia.

El-rei, um dos mais importantes lavradores da região, ia indicando ao ministro das obras publicas cada herdade pelo seu nome, como em paiz familiar, avaliando as culturas, extremando das mais antigas as plantações recentes. O conde de Arnoso, enterrado n'uma poltrona, lia os jornaes da manhã. O major Guerreiro trauteava, baixo, uma aria de opera. Tinhamos tres horas de viagem. D. Antonio de Noronha, a um canto do salão, dormitava, com o kepi sobre os joelhos. De novo, cahia uma chuva miuda, que punha uma decoração de gazes tenues no horisonte.

Já por todo o Alemtejo a abalada das companhas de ceifeiros principiara. De longe a longe, á bocca das estradas e caminhos, os bandos migratorios de ganhões, carregados de alforges, param a vêr passar o comboio real,

de cabeça erguida, os olhos immoveis na face tisnada pelo sol. E são depois, outra vez, além das vinhas viçosas e das searas maduras, os mesmos montados de azinho e sobreiral, de rugosos troncos, de metallicas ou cinzentas folhagens, sombreando terras de calcareo e schisto, por onde não murmura um fio de ribeiro entre as estevas e os piornos bravios.

Cada vez mais os horisontes recuam, em ondulações quasi imperceptiveis, dilatando o panorama monotono sob o ceu esfumado de nuvens. E é agora, n'uma mutação rapida de scena, a maior e rica lavoura portugueza que se desenvolve e estende em redor da velha cidade de Diana, de cujo templo restam ainda de pé as columnas caneladas do portico, esbeltas e elegantes como caules, onde desabrocham — flores com dous mil annos, — os alvos capiteis corynthios.

Já se ouvem ao longe, nas torres da cathedral romanica, as badaladas sonoras e lentas do meio dia. Um borborinho de vozes cobre a trepidação do comboio, que se approxima da *gare*, onde segundos depois faz a sua lenta entrada, ao som do hymno real. Uma força de infantaria apresenta armas. A multidão embaraça-se e acotovela-se. Desço a vidraça e vejo adiantar-se para o varandim do salão, onde el-rei o aguarda de pé, um homem alto e magro, de casaca, com a banda de vereador, a tez biliosa e morena, o

cabello grisalho, o mento volumoso e auctoritario, o olhar apagado e meditativo, a bocca fina e energica, cujo labio superior o bigode cahido quasi esconde. Duas rugas, que se desprendem das azas do nariz até ás commissuras dos labios, dão a essa face serena uma leve expressão mortificada. A testa é alta, apprehensiva. Ha uma tranquillidade, mais de orgulho que de repouso, n'aquella physionomia de despota generoso. Adivinha-se o imperativo senhor no seu rosto impassivel, onde todos os stygmas da energia estão impressos.

Tal era o homem de quem ia ser o hospede de dous dias e cuja imagem tão absolutamente correspondia, em rapida e primeira analyse, á ideia que eu fizera de um dos ultimos representantes da antiga nobreza territorial, modelo d'essas orgulhosas e omnipotentes fidalguias de provincia, educadas na auctoridade de principes absolutos, que pelos predicados proeminentes da raça, pela secular influencia do nome, pela extensão dos dilatados dominios, constituem verdadeiras dynastias regionaes.

A custo, atraz de el-rei, da comitiva e dos vereadores da camara de Evora, consigo romper por entre a multidão, atravesso a sala asphyxiante onde el-rei recebe os cumprimentos officiaes e saio ao terreiro, enlameado pela chuva da noute, onde me detem a surpreza do

espectaculo inolvidavel, que ali estava á espera dos meus olhos. Em frente a mim, levanta-se a cidade scenographica, toda branca, como um povoado mouro, coroada pelas duas torres da Cathedral. O meu olhar suspende-se, enlevado, nas torres da ermida dos templarios, nas suas cupulas conicas de fortaleza normanda, no coruchéu de mosaico da Sé, e é inutilmente, agora, que eu procuro, nas minhas reminiscencias de minhoto, quadro de similhante imponencia e brilho decorativo. Evora apparecia-me como um scenario medieval de peça historica, pintado pela imaginação melodramatica de um Manini.

Em volta, no vasto terreiro, mais de cincoenta cavallos escarvam a lama, sacodem os freios, montados por cavalleiros airosos e gentis, de chapeu de aba larga, jaqueta e calça de montaria, que as presilhas colam ao sapato de prateleira, onde scintilla a espora de roseta.

Em magotes compactos, aguardando a sahida de el-rei, acotovelam-se os pastores alemtejanos, com as jalecas e capotes de saragoça, os ceifões de pelle de ovelha ou de cabra, as grossas meias de lã, as sapatorras ferradas, os cajados toscos; os maioraes e campinos, de facha verde ou vermelha, a meia branca, atada ao joelho por uma fita, o carapuço de côr viva, a camisa pregueada, a nisa de alamares, com a placa de prata, onde avultam em relêvo as ar-

mas do senhorio; os rabadões vestidos de estamenha; os manageiros de olhar auctoritario.

E toda essa população pittoresca de servos ruraes, desde a selvageria bisonha e hirsuta dos pastores de porcos, arrimados ao cajado biblico, com o rafeiro ao lado, até á elastica elegancia muscular do campino e á gravidade orgulhosa do maioral, me apparece, no primeiro instante de assombro, como a comparseria do mesmo drama, a que o panorama da cidade serve de grandioso scenario medievo.

Tudo, desde a abundancia dos servos, até ao luxo das equipagens, atreladas a cavallos magnificos, attestava a opulencia d'essa lavoura de grandes senhores morgadios, a pompa orgulhosa d'essa nobreza territorial, que exerce em seus dominios jurisdições de pequenos monarchas e que na festa agricola para que convidára el-rei, como lavrador e soberano, estadiava a sua força culminante de riqueza e poder, affirmando-se como o nucleo mais progressivo da agricultura portugueza.

— É uma cidade de lavradores...— diz-me Azevedo Coutinho, pousando-me no hombro a mão, cheia de cicatrizes heroicas.

Bem o via, surprezo e maravilhado, contemplando a radiosa cidade agraria, velha morada de kalifas, de proconsules e de reis, antigo celleiro do romano e do mouro, que D. Manoel chamava *Evora rica.*

Mas já el-rei toma logar na carruagem, puxada a duas parelhas, de cocheiro e trintanario fardados com a libré da casa Barahona. Um esquadrão de cavallaria abala a trote. Os pastores, os maioraes, os campinos, os rabadões dos gados levam a mão aos barretes ou á aba dos chapeirões. Nem um grito, nem uma acclamação, nem uma voz dominante ao borborinho: contraste absoluto com as festivas recepções do minhoto expansivo, feitas de algazarra e vivorio, de repiques de sinos e estouros de foguetes. Dignamente, o rustico cumprimenta a magestade. El-rei corresponde, levando a mão enluvada ao kepi de generalissimo, e os pastores vestidos de estamenha abalam para a feira, com o seu cajado biblico, a tomar conta do gado.

Ao meu espirito foi essa visão que primeiro acudiu quando os jornaes noticiaram a morte do grande cidadão de Evora, cuja opulencia tão de perto eu pude observar, n'essas vinte e quatro horas em que tive a honra de ser seu hospede.

D'essa hora em que o conheci, grave e taciturno com a vasta fronte apprehensiva e o olhar imperativo, ficou-me a impressão indelevel de ter visto o rei de Evora receber nos seus paços e na sua cidade o rei de Portugal. E parecia-me ser um principe absoluto quem hospedava um monarcha liberal.

V

O palacio dos Cesares, a Santo Amaro — Seus edificadores — Sua historia — Cesares contra Mascarenhas — Lucta de gigantes — Uma estirpe de guerreiros e de sabios — Os velhos solares da nobreza — Os palacios das familias Castro Marim, Louriçal, Castello Melhor, Fronteira, Pombal, Lavradio, Ribeira Grande, Lafões, Sabugal, Galveias, Rezende — O modelo do *Ramalhete* d'*Os Maias* — A bibliotheca do conde de S. Lourenço — Um Christo de Machado de Castro — Uma surprehendente sala de jantar.

Entre o desapparecimento quasi total ou a ruina da maior parte dos palacios historicos, onde viveu, nos seculos de predominio, com o estado devido á sua gerarchia, a nobreza de Portugal, um dos raros que conserva o esplendor antigo, agasalhando a mesma familia illustre, augmentada de honras, é o palacio dos Cesares, a Santo Amaro, onde a esta hora residem quatro gerações de Sabugosas: — o actual conde, mordomo-mór da casa real, antigo veador de S. M. a Rainha, socio da Academia Real das Sciencias; a sr.ª marqueza, sua mãe; o sr. conde de S. Lourenço, alferes-mór do reino, seu filho primogenito; e seus netos.

Data de 1605 a parte mais antiga da velha

e nobre casa, tendo passado por transformações consideraveis em 1788 e ainda augmentada pelo conde actual em 1898. No quadrante de um velho relogio de sol, conservado nos jardins do palacio, os tres edificadores deixaram successivamente gravadas essas éras, gratas ao orgulho da familia, em que ampliaram o lar, quer porque bracejasse mais fecunda a prole illustrissima, quer porque, mais opulentos em patrimonio, quizessem os senhorios tornar condigna do seu fausto crescente a antiga morada do seculo XVI.

É de presumir que haja sido o filho do heroico e intrepido Vasco Fernandes Cesar, flagello de piratas, a cujo escudo de velha nobreza D. João III accrescentou as seis caravelas, em memoria do combate glorioso das fustas mouras, entre Malaga e Maruela (1), o primeiro edificador, e o filho de outro Vasco Fernandes Cesar de Menezes, o bellicoso vice-rei da India, inimigo triumphante dos rajahs de Kanará e Mangalor (2), já conde de Sabugosa, o restaurador da casa dos Cesares, em 1788.

É este velho palacio verdadeiro relicario de uma familia, que sempre caminhou ao lado

(1) Damião de Goes, *Chronica de D. Manoel*, p. IV, cap. LIII.

(2) *Gabinete Historico*, tom. VI, cap. XV.

dos reis portuguezes, desenrolando o seu nome, como um estandarte, mas maiores paginas da nossa historia. N'ella nasceram, viveram, morreram gerações numerosas de Cesares.

Vão bem a esta estirpe de grandes varões, romanos na grandeza, e no poder essas duas syllabas latinas.

Romana, nos seus lances grandiosos e no seu desfecho pathetico, como uma tragedia concebida pelo genio tenebroso de Shakespeare, é essa *lucta de gigantes*, como lhe chamou Camillo, em que se combateram e rechaçaram, arca por arca, Cesares contra Mascarenhas, durante um seculo inteiro; lucta memoravel como uma guerra de reino a reino, que tendo começado em 1619, só terminou em 1728 pelo casamento de Luiz Cesar, filho do conde de Sabugosa, com D. Anna de Mascarenhas, filha mais velha do conde meirinho-mór, D. Fernão Martins Mascarenhas.

A sombra d'esses grandes homens parece encher ainda o palacio de Santo Amaro. Pelas suas lages arrastaram-se as sandalias de frei Diogo Cesar, o guardião de Santa Maria de Jesus de Enxobregas, e deslisaram as purpuras de Sebastião Cesar de Menezes, inquisidor-mór, arcebispo e ministro de Affonso VI. Nas suas salas andou remoendo ambições e ciumes o infante D. Pedro. Um dos maiores dramas da historia portugueza, em que se viu dous principes

irmãos disputarem a mulher e a corôa, o thalamo e o throno, teve uma repercussão sonora nas abobadas d'este velho paço, que escutou os mais tremendos conciliabulos.

Acima dos generaes triumphadores, dos almirantes heroicos, dos vice-reis gloriosos, creados em batalhas, levanta-se, no limiar d'esse palacio e do vasto sepulcro d'esta familia, o vulto enorme — que, para em tudo ser grande, conseguiu ser maior na desventura que no predominio — de Sebastião Cesar de Menezes, «sol cesareo», como o denominava Vicente de Liz, *romano Cæsare major*, como outro panegyrista o acclamava, principe da sapiencia, conselheiro de el-rei D. João IV, embaixador em França, bispo do Porto e de Coimbra, arcebispo de Braga e de Lisboa, conde de Arganil, inquisidor-mór, ministro de D. Affonso VI, auctor da *Summa Politica*, lente, philosopho e theologo, morto, em cheiro de santidade, n'um aposento despido de galas, na casa dos alcaides-móres do Porto, e enterrado no adro da egreja dos Carmelitas, sob uma pedra rasa, onde elle mesmo mandou esculpir estas palavras arrependidas e humildes:

AQUI ESTÁ SEPULTADO SEBASTIÃO CESAR
INDIGNO CLERIGO

Acima de todos os Cesares — mais ainda, acima de toda a nobreza de espada, mitra ou capello de Portugal — essa figura grandiosa ergue a cabeça, quatro vezes mitrada, e olha, como um symbolo do genio e da desgraça, as pequenas paixões da humanidade!

Elle e Diogo Cesar — o amigo de Braz Garcia, auctor do *Viriato Tragico*, por cuja amisade, provada no assalto da prisão da Portagem, durante um seculo trabalharam espadas afiadas no odio de Mascarenhas e Cesares, — são as proeminentes figuras d'esta raça varonil de guerreiros e lettrados, que com a penna e com a espada, nas vice-realezas do Brasil e da India, nos governos do reino e da guerra, engrandeceram, honraram e serviram a patria. Estes dous homens, no vasto saber, no portentoso engenho, na fama universal, na intemerata coragem, no soberano orgulho, symbolisam as maiores virtudes da raça esforçada, cujo sangue correu em innumeras pelejas e cujo espirito scintillou em concilios e pulpitos, em parlamentos e academias.

Os *cesarios* — assim se chamaram no seculo XVII os partidarios dos Cesares! Quando frei Diogo, neto de Vasco Fernandes, o *sublime espirito*, depois de recebido por Anna de Austria e Luiz XIV e alojado pelo cardeal Mazarino, entrando em Roma dizia: «Eu mostrarei que em Portugal ha Cesares, dos que chegam,

vêem e vencem!» — era, com effeito, um antigo romano, da natureza dos Ciceros, Crassos e Hortencios, quem proferia estas palavras theatraes e orgulhosas.

Com o seu perfil aquilino de medalhão, que ainda no conde actual, se conserva como uma distinctiva de raça, os Cesares foram, ha dous seculos como hoje, os maximos representantes do talento litterario na fidalguia portugueza. Essa grande herança perpetuou-se na familia. Eram livros o que mais havia nos aposentos do paço archiepiscopal de Sebastião Cesar, quando a populaça, amotinada pela noticia de que os exercitos de D. João de Austria tinham entrado em Alcacer do Sal, lhe assaltou e saqueou o palacio. Volvidos duzentos annos, a casa dos Cesares ostenta, como um thesouro, uma das mais valiosas bibliothecas particulares de Portugal. Depois d'essa realeza da intelligencia, que os Cesares exerceram, indisputadamente, no seculo XVII, vêmos o vice-rei do Brasil, Vasco Fernandes Cesar de Menezes, fundar na Bahia uma academia litteraria e o conde de S. Lourenço, socio honorario da Academia Real das Sciencias, amigo erudito de Garção, protector do Quita e de José Antonio de Brito, recolher Bocage, perseguido por Pina Manique, na sua cella do convento das Necessidades.

No seculo XIX, o palacio dos Cesares abre-se ao convivio dos historiadores, dos philosophos,

dos politicos e dos artistas. O marquez de Sabugosa recebe em sua casa Alexandre Herculano e os maiores homens de lettras da sua geração, «todos amigos do velho marquez e companheiros do director e collaborador da *Revista Contemporanea de Portugal e Brasil*, Antonio Xavier de Brederode, irmão da sr.ª marqueza de Sabugosa» (1).

Os primeiros annos do seculo XX vêem chefe da familia dos Cesares um socio da Academia, cuja recente obra de investigação historica, o *Paço de Cintra*, uma rainha de Portugal, princeza d'essa casa de França, tão amiga e propicia aos Cesares, illustrou. Desde o *Sugilatio ingratitudinis* até o *Paço de Cintra*, nas duas obras de dous homens do mesmo sangue, que tres seculos separam um do outro, a mesma luz de talento se perpetúa, como patrimonio da raça eleita, que ameaçou os pontifices e aconselhou os reis.

Penso eu que nenhum homem de lettras contemporaneo deixou de entrar, pelo menos uma vez, na casa do amigo de Gonçalves Crespo e de Eça de Queiroz, do auctor dos *Poemetos*, d'esse bacharel fidalgo, de tão insinuante e aco-

(1) O *Conde de Sabugosa*—artigo publicado nas *Novidades* de 14 de janeiro de 1905, pelo dr. José Antonio de Freitas.

lhedor aspecto, que el-rei nomeou seu mordomo, que a Academia elegeu seu socio e de que o nascimento, os talentos e as grandes qualidades de caracter fizeram um dos homens mais eminentes da moderna sociedade portugueza.

Apesar de haver sido a familia Sabugosa a primeira attingida pela lei da extincção dos vinculos, o palacio dos Cesares, não só pelas incomparaveis tradições historicas, como pelas riquezas de arte, que ainda encerra, merece uma descripção minuciosa.

Não sobresahe elle por quaesquer bellezas architectonicas do vulgar das casas fidalgas do seculo XVII. Na sua quasi generalidade, os velhos solares das grandes familias portuguezas eram casarões solidos, com varandas e rexas de ferro, de aspecto conventual, por completo destituidos de harmonia no conjuncto e de arrebiques no detalhe. A nobreza de Portugal foi sempre, de natureza, conservadora, com o ciumento orgulho da antiguidade, tanto no lar, como no sangue. A vida de guerra quasi permanente, a deslocação constante em governos ultramarinos deixavam pouco tempo aos chefes das grandes casas para cuidar, com ocios sybaritas, da superfluidade dos adornos. D'ahi resulta provirem apenas do seculo XVIII, de entre os exemplos de ostentação e prodigalidade de D. João V, os poucos exemplares, que hoje restam em Lisboa, de palacios correspondendo pela imponencia da

fachada á ideia de fausto que hoje se liga a essa palavra prestigiosa. Muito anterior ao seculo XVIII, não tendo recebido a influencia ostentosa da côrte de D. João V no seu primitivo plano de construcção, o palacio dos Cesares, como o palacio da Rosa, conservou o aspecto quasi rude e asymetrico, com as suas janellas de tôsca cantaria e as suas varandas de varões lisos de ferro. Pompeou dentro o luxo dos vicereis do Brasil e da India em moveis, tapeçarias, sêdas e baixellas. Mas esse esplendor coube dentro das velhas paredes macissas, erguidas pelo antepassado em 1605.

Ainda nos fins do seculo XVIII, um dos muitos viajantes francezes, de passagem ou refugiados em Lisboa, inscrevia entre os aspectos da capital portugueza, em obra que deu a lume com o titulo *Voyage en Portugal en 1796*, o da deselegancia dos palacios da nobreza, *d'une apparence fort médiocre, construits sans regularité, sans ornements, à peine dignes d'être habités par un particulier médiocrement riche.*

Quando muito, tornavam-se notaveis a esse tempo pelo seu estylo o palacio dos marquezes de Louriçal, em Palhavan, hoje dos srs. condes de Azambuja; o dos condes de Castro Marim, na calçada do Combro, onde está installada a administração do 3.º bairro; o dos marquezes de Castello Melhor, no antigo Passeio Publico, adquirido e restaurado pelo sr. marquez da Foz, onde está,

ao presente, a legação dos Estados Unidos; o dos patriarchas de Lisboa, na Junqueira, primitivamente dos condes de S. Lourenço e hoje propriedade do sr. conde de Burnay; o dos marquezes de Fronteira, em S. Domingos de Bemfica; o dos marquezes de Pombal, ás Janellas Verdes, antigo paço da imperatriz D. Amelia, onde se acha installado o Muzeu de Bellas-Artes; o dos marquezes do Lavradio, no campo de Santa Clara, agora Tribunal Militar; o dos condes da Ribeira, na Junqueira, parte do qual está occupado por um collegio; o palacio dos duques de Lafões, ao Grillo, que o duque D. João não concluiu, desgostoso pela morte prematura do duque de Miranda, seu filho primogenito; o dos condes de Sabugal, sobre a Rocha do Conde de Obidos, á Pampulha; o dos condes das Galveias, no Campo Pequeno, deshabitado; e o dos condes de Rezende, no campo de Santa Clara. Todos são construcções do seculo XVIII e muitos concluidos e melhorados no principio do seculo XIX. N'uma monarchia que habitou a Alcáçova, o Limoeiro, o Terreiro do Paço e os barracões da Ajuda, não é de surprehender que a fidalguia habitasse em solidos casarões conventuaes, despidos de galas, com grades de carcere nos mezaninos. Mas essas fachadas severas occultavam interiores opulentos. O reverso d'essas paredes de fortaleza era revestido de pannos de Arrás, de damascos italianos, de azu-

lejos do Rato. Sob os telhados mouriscos, os tectos eram de caixotões de castanho com frisos de ouro, pinturas heraldicas, florões e molduras de talha e artezões sumptuosos, de onde desciam, suspensos de anneis de ferro, os lustres de Veneza ou as *montgolfiéres* scintillantes, montadas em bronze cinzelado, decoradas de pingentes facetados. Tudo quanto a arte de França e a pompa de Hespanha tinham creado de maravilhas enchia as salas, de mistura com os bronzes, os ébanos, os marfins, as tartarugas, as porcellanas da India, da China e do Japão. Passado o limiar da porta, apparecia então o palacio.

A casa dos Cesares conserva essa feição de *boite à surprises*. O capitalista, que está edificando os bairros novos da Avenida, deve olhar com desprezo a fachada da casa solarenga dos Sabugosas e terá um esgar de incredulidade e de espanto quando lhe disserem que n'esse pardieiro habitaram validos poderosos de monarchas, opulentos vice-reis, e a elle se acolhera como hospede D. Pedro II, então infante e depois rei de Portugal.

Esperemos, porém, que se abra a porta, por onde tem passado, ha tres seculos, o melhor de Portugal, em nobreza de espirito e de sangue. O scenario mudou por completo. Estamos n'um grande vestibulo, empedrado a basalto, por onde antigamente entravam as liteiras, os coches

e as seges, e para cujas paredes o sr. conde de Sabugosa fez transportar do jardim, como unico e magnifico ornamento, dous enormes quadros de azulejo, de excepcional belleza. Ao fundo do pateo, ao abrigo de portas envidraçadas, a velha escada de balaustres dá accesso, em dous lances, ao andar nobre, communicando-o com o rez-do-chão, onde vive a sr.ª marqueza de Sabugosa e onde habitou, depois do terremoto, o amigo de Pombal, Jacome Ratton, antes de fazer construir na rua Formosa o seu bello palacio, hoje propriedade da sr.ª D. Amelia Chamiço, viuva de Frederico Biester.

Uma doce penumbra, coada atravez de cortinas, *stores* e reposteiros, envolve, com a sua luz tenue de repouso, a grande casa fidalga. Os tapetes abafam o rumor dos passos. Em volta, brilhando na luz discreta, os quadros, as arcas, as cadeiras, os azulejos parecem guardar a mesma disposição anachronica do tempo de Vasco Fernandes Cesar.

Quasi se estranha, como uma nodoa moderna, n'aquella *mise-en-scène* do seculo XVIII, o criado de farda á ingleza, que nos abre a porta de uma sala de espera, com cortinas e reposteiros vermelhos, como uma camara de prelado, e onde sobresahem dous enormes alçados de credencia, em estylo Luiz XV.

Pelas janellas d'essa sala, que deitam para a rua, vê-se uma nesga de rio e de collina, onde

uma vela passa ligeira e revolteiam as azas de um moinho. E lembramo-nos de repente ter já visto aquella sala, com aquelle mesmo horisonte de quadrosinho hollandez, o quente aconchego das suas poltronas, o velho tapete de Aubusson, a luz velada, a grande paz ambiente, os retratos de antigos fidalgos de cabelleira de cachos ou cadogan empoado, os ninhos de estofos e almofadas, ao abrigo de um biombo. Ha como que uma recordação toda intellectual, que acorda e se reaccende ao fundo do nosso espirito, e que de repente se precisa, quando se abre a porta de uma outra grande sala, de estofos verdes.

Foi a este velho solar dos Cesares, á sua quietação claustral, ao seu luxo antigo, á sua nobre physionomia, que Eça de Queiroz veio procurar o modelo da morada classica dos fidalgos portuguezes, para descrever o *Ramalhete* d'*Os Maias*. É o mesmo pateo lageado de pedregulho, a mesma galeria para onde abrem as salas, o mesmo jardim voltado a norte, com a mesma cascatasinha musgosa, onde um veio de agua põe uma melodia perenne. Sómente o jardim é maior, sombreado de arvores, restos ainda consideraveis da vasta quinta, por onde, ha dous seculos, passearam as aias e as amas com os pequeninos Cesares e por onde hoje passeiam os pequeninos S. Lourenço, sob a vigilancia das *bonnes*. O proprio terraço lá está, em frente a uma nesga do Tejo, saudoso do

antigo panorama de rio, que os peraltas e as sécias do reinado de D. Maria I vinham gosar ás tardes, debruçados no parapeito ou descançando nos sitiaes de azulejo do Rato.

É como no *Ramalhete*, a mesma escada larga, o mesmo *hall* dando accesso á bibliotheca e ás salas, quasi que os mesmos quadros de natureza morta, as mesmas arcas antigas, os mesmos cadeirões de sola e pregaria, os mesmos estofos pesados, que abafam o rumor dos passos e das vozes e, sobretudo, a mesma luz de cella, propicia á reflexão e ao estudo.

Como os ninhos, que são a casa da ave, e que todos differem, consoante a ave que o fabricou e que o habita, a casa do homem reproduz, com fidelidade, a vida, a occupação, o caracter, o sentimento dos moradores. Toda a casa tem, como os donos, uma physionomia especial, que as gerações ou a familia lhe imprimiram. No palacio Sabugosa, o luxo severo e discreto é indicio inconfundivel de nobreza; a quietação signal de um grande repouso de consciencia; a sua penumbra evoca labores intellectuaes de leitura e de estudo. Sente-se, mal se entra nas suas salas acolhedoras, a superioridade moral e mental da familia illustre a que pertence. Tem o aspecto austero que convem á casta inclita dos Cesares e á sua supremacia intellectual. O ar é honesto e puro. No seu silencio ha como que a revelação de uma

dôr terna, em que ninguem falla, mas que dos corações, como um fumo tenue, se propagou a toda a casa e de que parecem partilhar todas as cousas. É a melancolia dos grandes dramas, que vem de longe, desde as meditações do arcebispo Diogo Cesar até aos desgostos recentes da familia.

Para o lado do sul, a primeira porta do *hall* abre para um vasto gabinete de trabalho, em cuja meza antiga, entre as janellas, sob um retrato magnifico do primeiro conde de S. Lourenço, foi escripta a obra erudita e laboriosa ácerca do Paço de Cintra. Ali, como em toda a parte, a mesma luz, velada pelas *brise-bises* de sêda, alumia as paredes, onde rebrilham os tons de cinzento e purpura de um panno de Arrás e a casaca bordada do retrato de Vasco Fernandes Cesar de Menezes, vice-rei da India, apoiado ao bastão, com o seu perfil romano e a cabelleira de cachos até aos hombros. A um canto, a *maquette* do D. Sebastião, de Simões de Almeida, alveja sobre a ambiente tonalidade escura. Do tecto desce um lustre hollandez de cobre amarello, para velas, em frente ao fogão monumental, que ostenta no folle as armas dos Sabugosas, com as caravelas, as quinas, as vieiras e o leão dos Mellos. Desenhos de el-rei e da rainha — da senhora D. Amelia, o retrato do conde, a lapis; do senhor D. Carlos, a illustração, em aguarella, do conto *O Maioral* — adornam

os unicos espaços da parede, desembaraçados de estantes. E por toda a parte ha mezas com lampadas Carcel entre retratos e livros, ao lado de divans e de cadeiras commodas, em recantos de socego e conforto, sabiamente dispostos com um nobre instincto de gosto, como refugios de estudo e de meditação.

Ao lado, abrindo para o corredor largo do *hall*, a pequena capella compartilha da vida intima da casa, associa-se, pela sua situação dentro d'ella, á vida domestica. O maravilhoso Christo, de Machado de Castro, que ergue sobre o altar o seu corpo ferido, parece abençoar, com os braços estendidos na cruz, a familia christã que, ha seculo e meio, diante d'elle se prosterna.

A seguir ao gabinete de trabalho, são as duas salas vermelha e verde, com o seu pequeno horisonte de rio e collina, o seu adorno de mobiliario antigo, e ainda, por toda a parte, entre desenhos de Sequeira, photographias de familia, miniaturas, figuras de Saxe e de Sèvres, leques de preciosas e jarras da India — os retratos reaes, recordando constantemente serviços, premiando dedicações, protestando affectos. Mas as joias da casa, que os Sabugosas mostram com um orgulho *modesto*, depois dos netos loiros, que perpetuam a casta lidima dos Cesares, é a bibliotheca, rica de manuscriptos innumeraveis e obras preciosissimas, e a sala de jantar,

mandada construir pelo vice-rei da India e do Brasil para o casamento de seu filho Luiz Cesar de Menezes.

Levantada em dous andares sobrepostos, ligados por uma ampla escadaria, recebendo a luz da immensa claraboia central, a bibliotheca dos marquezes de Sabugosa e condes de S. Lourenço compõe-se actualmente de mais de cinco mil volumes, dispostos nas estantes gradeadas, que revestem os dous corpos da armação da sala e lhe servem de unica e severa decoração.

O centro é occupado por uma grande meza de pau santo, onde estão expostos exemplares de obras raras, collecções de autographos, inéditos dos poetas do seculo XVIII, entre grandes lampadas conventuaes de latão e de cobre: espolio de cellas, recamaras de estudo e de livrarias monacaes, companheiras de antigas vigilias, e cuja profusão parece um symbolo do trabalho mental na vasta bibliotheca do palacio dos Cesares. Um velho cravo do convento das freiras do Paraizo, o retrato do conde de S. Lourenço —o amigo de D. Pedro III e protector de Bocage—o celebre mappa mandado levantar em 1716 pelo vice-rei da India, Vasco Fernandes Cesar, representando a ilha de Gôa e as feitorias de Salcete e Bardez; os retratos de um outro S. Lourenço, ministro da guerra de D. Miguel e do ultimo marquez de Sabugosa, com-

pletam a decoração sobria da esplendida sala, que encerra verdadeiros thesouros bibliographicos, como o *Auto da Natural Invençam*, de Antonio Ribeiro Chiado, representado na presença de D. João III, e que é o unico exemplar conhecido em Portugal.

Não esqueceu o conde de Sabugosa o pobre poeta parasitario da casa dos Cesares, Thomaz Pinto Brandão, o *Pinto Renascido*, que os Sabugosas alimentaram no fim da vida e cuja obra inédita conservam manuscripta. O seu retrato figura, entre os dos grandes chefes da familia, a um canto da bibliotheca, e as suas cinzas repousam, não longe do palacio, no adro da egreja do Calvario.

Communica a sumptuosa bibliotheca com a formosissima sala de jantar, construida em fórma de rotunda, fechada em abobada e toda decorada de pinturas a fresco, representando palmares do Brasil ou da India, com profusão de aves tropicaes e de saguís, que cabriolam de folha em folha, de ramo em ramo, com ligeireza e graça hilariantes.

Com os seus guarda-louças, de portas de crystal, embutidos na parede, e o seu fogão e fonte de marmore branco, esta sala encantadora merece ser considerada, pela sua originalidade surprehendente, como um exemplar precioso, e com certeza unico no genero, do gôsto requintado da nobreza do seculo XVIII, e da influen-

cia, desde o seculo XVI incessantemente constatada, das artes, costumes e natureza ultramarinos na vida portugueza. É bem a sala de um vice-rei, essa rotunda graciosa, por cuja abobada em tiara saltam os macacos e deslisam em vôo passarolas phantasticas, em cujos guarda-louças brilham os esmaltes das porcellanas da India e do Japão! Quasi se espera vêr surgir de repente o cadogan do *Pinto Renascido*, com a sua casaca côr de salsa, o tricornio debaixo do braço, o corpo dobrado em reverencia, para recitar as decimas de parabem, que compôz a Luiz Cesar de Menezes, filho de Vasco Fernandes Cesar, pela mercê que D. João V mandou a seu pae á Bahia, do titulo de conde de Sabugosa:

Da mercê, por além via
Parabem vos dou, se é certa
E é a primeira coberta
Em navio da Bahia.
Parabem dal-o podia
Á senhora vossa esposa,
Da graça, que é proveitosa,
E apropriada ao casal,
Pois sendo ella Sabugal
Tambem será Sabugosa!

Ja dous Vascos, em bom dia,
D'aqui se viram partir:
Um a India a descobrir,
Outro a cobrir a Bahia.
Cada um, isso a que ia,
Conseguiu por uma vez:
Porque o da Bahia fez
Com que coberto ficou;
E em descobrir o outro andou
Na India mais que Cortez!

VI

O carnaval de Lisboa em 1800 e 1900 — Do sr. Pina Manique ao sr. D. João d'Alarcão — A pulha — O chéché — O entrudo dos tremoços e o entrudo das flores — A absorpção pelas altas classes de uma festa popular — O chéché como satyra politica — Do capitão-mór aos Cabraes — A Maria da Fonte em pastorinha — As comedias do palacio de Santo André — A revista *Exposição de S. Luiz* — O Zé janota — O actor Augusto Rosa — Uma parse em Lisboa.

No principio do seculo passado, quando governava em Lisboa o senhor intendente geral da policia da côrte, o desembargador Pina Manique, o Entrudo decahiu, vigiado de perto, como um incitamento á desobediencia e á revolta. Os meirinhos e sagiões farejavam conspirações por toda a parte. De noute, era perigoso aventurar-se uma alma christã, de capote e mascara, pelas ruas tenebrosas da cidade. Cahiam-lhe em cima os quadrilheiros do conde Novion, os ultimos restos das rondas da *chuchadeira* ou as tunas implacaveis dos foliões, antepassados dos caceteiros miguelistas, que deixavam o mascarado imprudente com a capa

em farrapos, quando o não perseguiam com os estoques até aos lôdos do Tejo.

A *pulha* era o jogo predilecto do Entrudo, sob o reinado de D. Maria I. A inventiva maliciosa do portuguez esgotava-se, n'ésses tres dias, na combinação de partidas e de mystificações prodigiosas de enredo. Cortar os rabos aos cavallos dos almocreves, na feira das bestas; pregar ao soalho as saias das devotas, nas egrejas; rapar as cabelleiras dos tafues á escovinha; disparar pistolas carregadas de polvora sêcca ao peito de um amigo, em plena praça publica — eram partidas renovadas todos os annos, com successo. Os moleques, escudeiros e lacaios andavam, durante os tres dias, n'uma roda viva, distribuindo em bandejas de prata ou charão, cobertas de toalhas de renda, as lampreias de ovos e os pasteis de Cintra, Odivellas e Tentugal, imitados em gesso, as caixas d'onde saltavam ratos, os embrulhos onde iam certos vasos nocturnos, de faiança do Rato e da Bica do Sapato, ou levando convites para serenins e saraus imaginarios, participações de enterros, casamentos e baptisados, recolhendo quasi sempre a casa dos patrões sovados de pontapés ou com a libré em fanicos.

Os fidalgos sahiam nos seus cavallos mais escabreados, perseguiam as saloias, regateiras e capellistas, arrancavam perucas a ponta de espadim, batiam ás portas, praticavam impune-

mente as maiores tropelias, acabando por invadir, montados, em upas e recuadas, os bailes populares, onde se feriam verdadeiras batalhas entre a flor da nobreza e a ralé.

Esse era o Carnaval lisboeta de 1800, no tempo do chapeu de dous bicos, das bengalas de saca-rolhas, dos vestidos de cinta curta e dos cothurnos á romana.

Vieram depois as invasões napoleonicas, e o Entrudo, durante annos, foi uma cousa timida, incolor, semsaborona, como se Junot tivesse levado para França, com a Biblia dos Jeronymos, a condessa de Ega e a custodia de Belem, a velha chalaça portugueza. É preciso que D. Miguel desembarque, usurpe a corôa e inaugure o seu reinado tempestuoso de rei-marialva, para que o povo recobre a sua veia hilare, transformando o Entrudo n'um verdadeiro motim de chasco e troça.

De domingo a terça-feira Gorda, o cacete trabalhava nas costas dos *malhados* e as seringas dos alveitares esguichavam liquidos suspeitos á cara indignada dos jacobinos. O Entrudo tomou uma feição accentuadamente politica, foi a verdadeira solemnidade popular do regimen, o *pandemonium* do miguelismo. A Imperatriz vinha de Queluz, em sege, animar com o seu sorriso de moribunda as hostes fieis e desbragadas. D. Miguel corria as ruas a galope, com os generaes, os picadores e os seus lacaios mula-

tos, entre os applausos das mulheres enamoradas e as cantigas irreverentes dos alquilés de nisa vermelha e espora de latão.

Mas, depressa, esse Entrudo miguelista, ultramontano, desordeiro e bellicoso desappareceu e substituiu-o, em represalia, o Entrudo liberal, que lhe herdou a feição politica, creando o *chéché*, admiravel caricatura popular do antigo regimen. Com a sua cabelleira de estôpa, laçarote no rabicho, a comica luneta, o distico obsceno do bicornio, o facalhão inoffensivo, a bengala retorcida, terminada por um chavelho de bode, a sua casaca de sêda, os seus sapatos de fivella, o *chéché* era a synthese ridicula, comicamente vingativa, do tempo do intendente, da inquisição e da forca.

Mais uma vez, o genio anonymo do povo se revelara na composição d'essa figura grotesca, que parecia ter sahido do lapis de um caricaturista insigne.

Brandindo o seu bastão, ameaçando o povo com a sua faca de pau, o *chéché* ia pela cidade, seguido por grossos magotes, parando em frente aos palacios dos fidalgos legitimistas, prégando sermões irreverentes e jacobinos, dando vivas á Constituição, ao regente, aos voluntarios da Rainha e ao conde de Villa Flor.

O mais terrivel e inexoravel inimigo do miguelismo passou a ser esse *chéché* obscuro e torpe, que no domingo Gordo descia do Bairro

Alto, com a sua casaca de abas de bacalhau, o seu rabicho á D. João VI e a sua luneta á Manique. Todos os annos, durante o Entrudo, elle demolia, com a sua faca de pau e as suas facecias grosseiras, o ultimo prestigio da grande nobreza realista. Era ignominioso e terrivel. A sombra do seu bicornio chegava á Austria, oscillava nos sonhos do exilado.

Com o dobrar dos annos, depois de sublevações e revoltas sangrentas, o liberalismo foi-se definitivamente enraizando e pacificando, com a sua côrte irrequieta de marechaes e de duques, até perder a feição revolucionaria. Mas o *chéché* ficou agarrado ao seu bastão de bôbo, erecto nos seus sapatos de fivella, para fazer o commentario ao cabralismo e dar o braço á Maria da Fonte. O *chéché* passou a exercer uma verdadeira funcção critica, como inimigo intransigente da tyrannia, ridicularisando os despotas, verberando, nas bochechas da policia, os excessos dos ministros e as truculencias dos dictadores.

Durante quasi um seculo, essa caricatura foi o distinctivo e a originalidade do Entrudo lisboeta, o seu successo, a sua gloria, o seu symbolo. Veneza inventara o dominó; Lisboa inventou o *chéché*. Elle passeou de sege de bandeirinha e traquitana, de charola e de throno, como o rei indiscutido do Entrudo, entre a sua côrte de velhotas de capote e lenço, arrostando, impá-

vido, o esguicho da seringa, a metralha dos ovos de cheiro, o graniso do tremoço, o edital da policia, o calabouço do governo civil, soberbô e facecioso, com o seu bicornio ás tres pancadas, a sua camisa de bofes, a sua casaca rôta de *incroyable*.

Mas ha uns dez annos, Lisboa principiou a consideral-o indecoroso e pelintra, semsaborão e reles, indigno de uma capital civilisada. Lisboa já o não comprehendia. O anachronico *chéché* acabara o seu reinado. Já o punham fóra dos botequins, aos encontrões. A policia apoderou-se d'elle. E, sem repararem que essa figura historica e de antiguidade quasi veneravel era o unico producto intensamente original de setenta annos de Entrudo lisboeta e ajudara a implantar o liberalismo, substituiram-o por um rei de copas, vestido no guarda-roupa de um theatro e acclamado na Avenida, sob um toldo encarnado, com sanefas amarellas.

Esse dia não foi apenas o da deposição do *chéché*. Foi tambem o ultimo dia d'esse Carnaval desenvolto, ensurdecedor, arruaceiro, pittoresco, que constituia a curiosidade do Entrudo alfacinha. O forasteiro descrevia o Carnaval de Lisboa com gestos de terror, como a testemunha ocular de uma batalha. Era um desfilar de seges, com os batedores de pé na boleia, galopando sob uma saraivada de tremoços e uma nuvem branca de pós, subindo e descendo o

Chiado, com sibilar de pingalins, entre gritos de mascaras, bengalas no ar, conflictos, urros, uivos, gargalhadas, esguichos, assobios.

Mas, finalmente, um dia, com o pretexto de defender d'essa epilepsia destruidora a roupa dos cidadãos, appareceu um governador civil, inimigo dos alfaiates, que prohibiu os cartuchos de pós e as seringas. Essa primeira tentativa, ainda timida, para civilisar o Entrudo, creou partido. Pouco depois, um outro governador civil legislava com sapiencia sobre o tremoço. Lisboa teve, successivamente, o Carnaval dos ovos de cheiro e das gaitinhas, o das settas de papel e dos estalinhos, das *cocottes* e das bisnagas, das serpentinas e dos *confetti*, rapida evolução para o Carnaval das flores e das pastilhas de chocolate: — o d'este anno!

Sem tremoços, sem seringas, sem bisnagas, prohibido pela policia de brandir o seu facalhão, que já fizera estremecer o absolutismo e o conde de Thomar, o *chéché* recolheu á arrecadação das cousas velhas, com a pastorinha dos bailes da Trindade e a velhota de *josésinho* encarnado e lenço de cambraia.

O Entrudo deixou de ser a desordem periodica de um povo ordeiro, pacifico, policiado e opprimido, que durante tres dias no anno desafogava rumorosamente, tumultuariamente, as suas amarguras.

De accentuadamente popular, que era, o Car-

naval tornou-se um espectaculo de subscripção, com itinerario approvado pela policia, um programma discutido por commissões de jornalistas, impresso na typographia da Imprensa Nacional, publicado com antecedencia nas gazetas. Ha dez annos, no domingo Gordo, sahia-se de casa com capa impermeavel para os esguichos, um bengalão para os barulhos e um chapeu velho para os cartuchos de pós. Este anno, póde-se atravessar o Chiado de sobrecasaca e cartola, badine e luvas brancas. É um Carnaval de bons costumes, que sahe para as ruas como quem entra n'uma sala; verdadeiro ensaio geral de um futuro Entrudo hyper-civilisado, que distribuirá premios á virtude e ao bom comportamento. Um jornal exulta com esta transformação radical da velha *kermesse* popular das cégadas e da dansa da bica, d'esse annual accesso de loucura, a que se vestiu um collete de forças, e attribue-a á intervenção das classes elevadas, que chamaram a si a tarefa benemerita de ensinar o povo a divertir-se. Mas o povo é uma creança endiabrada, que reduz systematicamente a estilhas, depois da primeira hora de curiosidade contemplativa, os bonecos frageis e delicados que lhe dão. Podem multiplicar os cortejos. O povo ha de olhar sempre para elles, desconfiado. Podem tapetar as ruas de odoriferas violetas. O povo ha de lembrar-se sempre, com saudade, do tremoço nauseabundo. O povo

não sabe brincar com flores. Prohibindo-lhe o uso dos tremoços, fez-se cessar, immediatamente, a sua collaboração no Entrudo. De actor, o povo passou a espectador. Desapossaram-o, pela brandura, da sua derradeira regalia. O Carnaval era antigamente d'elle. Era o povo quem fazia as honras da festa, quem a promovia e era d'ella mordomo. Tiraram-lhe a vara e enxotaram-o. Em termos brandos, com fallinhas mansas, arrancaram-lhe a ultima liberdade, que ainda lhe restava: a de se divertir tres dias por anno. O povo submetteu-se, mas o novo Carnaval tem de contar com a sua critica acerba e implacavel. Como espectador, cabe-lhe o direito de patear. E foi o que succedeu. O povo pateou, furiosamente, ruidosamente, inexoravelmente!

O antigo Entrudo lisboeta, arruaceiro e popular, tinha tradições, que não se substituem com facilidade. Producto genuino de uma cidade iconoclasta por excellencia, esse Entrudo podia resentir-se da falta de delicadeza, de uma excessiva brutalidade até, mas era original e pittoresco. A fidalguia, se o não tinha adoptado, sanccionara-o, transigira com elle. O povo recebera as mais perigosas lições do marquez de Nisa, do conde de Vimioso, de D. João de Menezes, de Duarte de Sá, de Souto-Maior, d'essas gerações de janotas esturdios e alegres, com o sangue na guelra e o espirito na

ponta da lingua, que nos bailes do marquez de Vianna, como nos bailes do Club do Carmo, nas ruas como nos salões, davam á fidalguia e ao povo o exemplo intrepido de uma alegria, que não se rendia aos cabellos brancos nem á ruina. Pretender condemnar o Entrudo popular de Lisboa, contrapondo-lhe o Entrudo aristocrata, é recorrer a uma argumentação inhabil, que o absolve.

A fidalguia lisboeta foi quasi tão desbocada como o povo. A irreverencia, n'estes tres dias, era commum a ambos. A sua originalidade consistia na sua indisciplina. E de tal fórma o povo ensinara a nobreza, que o letreiro dos *chéchés* era repetido nas salas *vieille roche* pelas mais delicadas boquinhas feminis... Ainda ha tres annos, em S. Carlos, como protesto ás medidas repressivas de um governador civil, que pretendeu impôr um Carnaval com etiquetas, um Carnaval de beija-mão, se viu a mais fina flor da aristocracia lisboeta jogar de camarote a camarote com os croquettes de gallinha do buffete e inundar-se com esguichos de syphão, á vista da familia real.

N'essa recita celebre, o sr. conde de Tattenbach, ministro do imperio allemão, depois de consumidos os croquettes, arremessava fatias de queijo Gruyère ás senhoras do corpo diplomatico e os janotas depejavam gazosas nos decotes das fidalgas! Mas foi o canto do cysne do

velho Entrudo. O sr. Paccini castigava no dia seguinte, em nome da civilisação, essa nobreza tumultuaria, fazendo-a sentar-se nas cadeiras enfarinhadas e calcar com os sapatinhos de setim os destroços dos croquettes. O protesto contra a reprimenda foi ruidoso, mas a lição foi decisiva. Sem faltar á verdade se póde dizer, que ao sr. Paccini se deve, em grande parte, a regeneração do velho Entrudo desaustinado da capital.

Reprehendida, censurada, ensaiada e vigiada, Lisboa deu este anno a primeira recita de um Entrudo civilisadissimo. A estreia resentiu-se da timidez natural aos debutantes. A scenographia da grande magica era pobre, o guarda-roupa mais pobre ainda.

O publico numerosissimo, que no sabbado á noute encheu as ruas para assistir ao prologo da maravilhosa funcção, dispersou em chacotas e vaias irreverentes, depois de vêr passar o cortejo nocturno, com oito campinos a cavallo, do sr. marquez de Castello-Melhor, em redor de uma zorra decorada com papel de sêda côr de rosa.

Animado com a derrota, o velho *chéché* esfregou as mãos, calçou os seus sapatos de fivella, abriu a gaveta onde guardava o grotesco bicornio, a casaca de sêda e os calções com fundilhos. Mas na manhã de domingo, a Avenida appareceu com tres coretos, vinte bandeiras,

vedada com arames de zinco. A mesma multidão da vespera sahiu para as ruas, pacatamente, em trajes domingueiros.

O *chéché* tremeu de susto, fechou outra vez a gaveta. Os primeiros trens começaram a descer o Chiado, lentos, sem pressa. Os terriveis batedores, de chapeu desabado e calças em bocca de sino, mascarados em cocheiros da Companhia, de cartola e sobrecasaca de botões amarellos, bocejavam nas boleias. Os espectadores comprimiam-se nos passeios. Nem um grito alegre se elevava entre aquelle zum-zum de colmeia. De tempos a tempos, um semsaborão soprava n'uma gaita, uma creança fazia girar uma matraca. De uma varanda do Chiado, tres bailarinas de S. Carlos, com flores lilazes e amarellas nos cabellos, atiravam, de hora a hora, um raminho de violetas. Ha momentos em que, sob o toldo multicôr de serpentinas e papoulas de papel, que se agita e balouça sobre a rua ingreme, as duas filas de trens parecem as caudas de dous enterros, caminhando em sentido inverso. Nuvens de papelinhos escarlates vôam, como enxames de insectos. E apenas a passagem do automovel do sr. Jorge Burnay, transformado em navio, n'uma decoração lindissima de flores brancas e côr de rosa, e a passagem do actor Alfredo de Carvalho, de *D. Quixote*, seguido do actor Caetano Reis, de *Sancho Pança*, animam por um instante a multidão silenciosa

e pasmada, que se curva para apanhar algum raro saquinho de amendoas, deixado cahir das janellas por uma prodiga e distrahida mão enluvada, como uma esmola indigesta, atirada ao povo, em premio do seu bom comportamento...

Á hora da ceia, o velho *chéché* tinha já decidido ir aos bailes. Deitados os pequenos, passou a fazer a sua *toilette*, pôz a cabelleira de estopa, enfiou os calções e a casaca, enterrou o bicornio na cabeça. Infelizmente, era tarde. Quando chegou ao baile do D. Amelia, já tinha morrido uma pobre mulher... de tédio! Essa morte, que entristeceu o *chéché*, foi o *clou* macabro d'este Entrudo das rosas e das violetas, na parte do programma destinado ao regosijo popular.

O espectaculo no palacio do sr. conde da Figueira, a Santo André, a que assistiu a rainha, a pavana dançada no baile dos srs. condes de Azambuja, em Palhavan, o baile do *Turff* e as *soirées* de mascaras do ministro dos Estados Unidos e do sr. conde de Tarouca constituiram a sua parte graciosa e elegante.

Nos theatros, merece apenas destacar-se, de entre a banalidade dos bailes de costume, onde, de ha cinco annos para cá, se dansa o *maxixe*, tão em voga no fim do seculo XVIII, a revista *Exposição de S. Luiz*, que o actor Alvaro Cabral escreveu para a companhia do theatro D. Amelia e na qual Augusto Rosa desempe-

nhou, com uma *verve* inexcedivel, a figura do *Zé Janota.*

Esse *Zé*, de flor ao peito, sobrecasaca do Amieiro, calça de xadrez, luvas brancas, cartola e badine, foi uma das ultimas creações de Bordallo na *Parodia.*

A alliança ingleza, alterando a situação de Portugal no concerto dos povos da Europa, encontrou n'esse principe da caricatura a synthese tão perfeita quanto inesperada da consequente transformação do espirito nacional. O *Zé* inglez traduzia magistralmente a sensação de orgulho ingenuo, que a alliança poderosa e o exito das visitas reaes propagaram a um pequeno paiz pobre e soffredor, que desde 1807 vinha calando, resignadamente, as humilhações successivas da fuga para o Brasil, da tutella de Beresford, das campanhas de Reillac e do *ultimatum.*

Bordallo, que via tudo, com esse talento de vêr, que era um dos privilegios do seu genio, não se demorou em fixar, n'essa pagina memoravel, a modificação que experimentara, sob a acção d'esses acontecimentos, o espirito do povo portuguez. Ao *Zé* paciente e bonacheirão, albardado e risonho, vestiu uma das sobrecasacas do sr. marquez de Soveral. E, sem lhe alterar a physionomia resignada e pacifica, do seu lapis de magico sahiu o *Zé* vaidoso, o *Zé* radiante, o *Zé* de luvas brancas, que Augusto Rosa magnificamente encarnou na pequenina revista, di-

zendo o *couplet* com desenvoltura, sacudindo a sua badine ridicula, entre o applauso e o riso de todos os espectadores.

Nunca um actor portuguez se expôz, entretanto, a maiores perigos, do que Augusto Rosa, n'essa noute de domingo Gordo. Para não cahir no alçapão, que se lhe abria debaixo dos pés, era necessario conseguir que o espectador por completo se esquecesse do conde de Abranches do *Regente* e do leão de Albrit, d'*O Avô.* Augusto Rosa representou n'um fio de arame, ameaçado, a cada momento, de se desequilibrar... e cahir! Cahir no papel do *Zé Povinho,* em plena revista, a trautear *couplets,* sob os apupos de uma plateia irreverente, em pleno domingo de Entrudo, era para um actor da envergadura de Augusto Rosa o ponto final, desairoso, de uma carreira brilhante. Uma hesitação, um constrangimento passageiro, um passo em falso, e o triumpho redundaria n'um desastre humilhante e doloroso. Muitos assistiram a essa brincadeira de Carnaval como quem assiste, n'um circo, a um d'esses trabalhos de audacia e perigo imminente, que põem um calafrio na espinha. Augusto Rosa entrou no palco, entre a gargalhada geral, com a desenvoltura de um domador, ao entrar n'uma jaula de tigres. Foi uma aventura temeraria, que todos quantos o admiram não desejarão que elle repita.

É conveniente não lembrar muito ao publico

que o actor tem por unica tarefa o divertil-o e que da sua tolerancia exclusivamente vive. Facilmente o espectador se convenceria d'isso. É do respeito reciproco entre o artista e o seu publico que resultam para ambos as necessarias garantias. O actor não é mais, como no seculo XV, o bufão desprezivel, que o espectador se consentia o luxo desdenhoso de maltratar, como o parasita das suas prodigalidades.

Desde que Luiz XIV ceou com Molière, Napoleão desceu ao camarim de Talma e o principe de Galles visitou Irving, o actor deixou de ser o titere, conquistando o justo apanagio de um artista. Como artista é indispensavel que o espectador o considere. O publico é, por indole, iconoclasta. É perigoso alimentar-lhe as inclinações de despota irreverente.

Os fétiches transformam-se, de repente, sob o seu capricho voluvel, em verdadeiras victimas do seu chasco. A pateada colerica, com que a plateia do D. Amelia recebeu, na noute de terça-feira, a recommendação de Augusto Rosa á auctoridade, para fazer cessar, como perigoso, o arremesso de quaesquer objectos para o palco, deve ter servido de temeroso aviso aos que nas auras do publico fazem consistir a força do seu triumpho e a base exclusiva da sua prosperidade.

E não só para o actor foi o aviso eloquente, mas para todos os que, homens de penna e homens publicos, escriptores e politicos, exer-

cem qualquer especie de influencia real ou apparente, material ou moral sobre as multidões.

Em Arte, como em politica, ha apenas dous caminhos a seguir: lisonjear o publico ou dominal-o. Um conduz ao successo; o outro á gloria.

Para conseguir caminhar desafogadamente pelo primeiro, basta ter habilidade e tacto. Para avançar no segundo, é indispensavel ter genio. D'ahi provém que a maior parte das reputações rapidamente adquiridas são frageis e com a mesma rapidez se desvanecem. Quando a velhice ou a morte separaram o creador da sua obra e a esta falta a interpretação do actor habilissimo, que a fazia valorisar e a impunha á admiração do publico, este surprehende-se a constatar que a obra era mediocre e, n'um processo summario, como represalia ao logro, condemna-a!

Napoleão — e era um homem excepcional, uma verdadeira força da natureza, — comprehendendo maravilhosamente a influencia que o culto das exterioridades exerce sobre as multidões, creando o prestigio, dizia um dia a Tayllerand: «*C'est ma face qui m'a fait César!*»

Verdade profunda, a que se deduz d'essa imagem vigorosa! Adoptando-a como divisa, o actual rei de Inglaterra, que fôra, como principe de Galles, o mais affavel e popular dos principes, transforma-se, logo que a rainha Victoria fecha os olhos, no soberano do mais poderoso

imperio da terra, resuscita o velho ceremonial pomposo da côrte ingleza, reelege a antiga pragmatica extincta e obriga a doce rainha Alexandra a pôr na cabeça a corôa de diamantes, insignia da soberania, que horas antes adornara no ataúde a cabeça branca de sua mãe.

É ainda um sectario irreductivel d'esse principio de dominação, pelo culto externo e pelo prestigio das apparencias, o imperador da Allemanha, que Lisboa se prepara para receber, em poucos dias. Nunca se sentou no throno homem mais inimigo do preconceito e das fórmulas, homem mais cioso da sua individualidade, e comtudo, a Allemanha não esquecerá facilmente o altivo orgulho, a impassibilidade real com que, pela primeira vez, sob um docel de brocado com franjas de ouro, empennachado de plumas, com o uniforme branco da Guarda, o manto escarlate de cavalleiro da Aguia Negra, tendo aos pés os emblemas do Imperio: o sceptro, a corôa, o globo e o gladio, elle appareceu, com a mão no punho da espada, rodeado pelos reis e pelos principes allemães, na sala branca do palacio de Berlim, para abrir a sessão do parlamento imperial.

Nunca a etiqueta o impediu de satisfazer um capricho, mas nunca elle se esqueceu de revestir de espectaculosos gestos e de decorativos aspectos, quer as palavras gloriosamente escandalosas dirigidas ás tropas allemãs, antes

da partida para a expedição da China, quer a commovente e nobre comparencia ao funeral do pintor Adolpho Menzel.

Por isso tambem, esse homem exerce hoje uma verdadeira fascinação na Europa, n'este periodo de verdadeira crise de individualidades, que caracterisa os tempos modernos e Lisboa o espera com a anciedade com que as creanças espreitam o apparecimento do diabo, no decorrer de uma magica.

Arreados os postes das bandeiras, que decoraram a Avenida para as festas do Carnaval, já outros se levantam no Terreiro do Paço, pelas ruas do Ouro, Chiado, do Carmo e Alecrim, pelo Arsenal e pelo Aterro, até aos palacios das Necessidades e de Belem. As ruas de Lisboa conservam uma animação enorme. Parte dos innumeros forasteiros, que acudiram aos annuncios de um Carnaval das *Mil e uma noutes*, resistiram corajosamente ás mil e uma des illusões soffridas e enchem as hospedarias para gozar as festas d'essa semana dos reis, que se approxima, com o seu programma de cortejos, concertos, revistas militares e recitas de gala.

E, emquanto não chegam a imperatriz das Indias, o imperador da Allemanha, as princezas inglezas e o principe dinamarquez, Lisboa abre a bocca diante da nobre parse, Meherbay Padamji, que ha cinco dias está hospedada no hotel de l'Europe, na rua do Carmo.

Morena, de olhos languidos e negros, como duas grandes contas de onyx sobre um fundo de esmalte branco, o corpo já em principio de ruina, com o pescoço espesso, redondo, de uma lisura de fuste de columna fundida em bronze, adornado de collares de contas de ouro, os seios pequenos e esphericos, plantados muito abaixo da clavicula, embrulhada como um idolo em estofos de gaze e sêda, essa estranha mulher, com a sua languidez oriental de bayadera e os seus finos cabellos, prende n'este momento a attenção de toda Lisboa, que morre de amores pelas excentricidades.

Quanto seria agradavel que a India nos mandasse, como um tributo de secular vassalla, algumas d'essas mulheres indolentes e sumptuosas, para dar um poucochinho de caracter a esta velha cidade das descobertas e das conquistas, que os pretinhos de Angola infestam com os seus arregalados olhos de enorme esclorotica branca!

Essa nobre parse, mesmo na sua decadencia, vem explicar-nos, melhor que todas as divagações dos historiadores, os longinquos dramas amorosos do tempo dos vice-reis, quando os fidalgos e soldados portuguezes se acutilavam, em rixas zelosas e sanguinolentas, pela posse das damas de Gôa.

VII

O palacio de Queluz — Um pequeno Versailles — Os architectos e decoradores de Queluz — Os Jardins — O canal — Do infante D. Francisco ao infante D. Miguel — O paço do miguelismo — Ameaças de ruina — As salas dos serenins e do throno — Uma restauração engenhosa — As pinturas dos *boudoirs* de vidro — A sala das audiencias.

Á mesma hora em que chegava á estação do Rocio o expresso de Madrid, conduzindo a companhia de zarzuela, com a sua desenvolta Taberner e as quatro bailarinas Maria Reina, Imperio, la Sevillanita e la Violetta, desembarcava eu de um *tramway* de Cintra, vindo de Queluz.

Esse lindo palacio exerceu sempre sobre mim uma fascinação intensa. Por estes dias de sol, em que os ventos de primavera varrem a Avenida, erguendo nuvens baças de poeira, não conheço refugio mais encantador e discreto, sombras mais hospitaleiras e perfumadas, para ler um livro predilecto, do que as d'esse parque, que os Braganças epicuristas do seculo XVIII fizeram traçar e plantar em volta d'esse Versailles em miniatura, que viu morrer D. Pedro IV

na salinha de D. Quixote e viu assassinar o arcebispo de Thessalonica nas suas sombrias avenidas de freixos, tilias e alfarrobeiras.

Em parte alguma dos arredores de Lisboa se encontra um pequeno paraizo, que se avantage a este. E, como os jardins à Le Nôtre, com as suas pyramides de alecrim, os seus caramanchões de murta, as suas viridentes sébes de buxo, as suas brancas estatuas mythologicas, as suas fontes de marmore e as suas piscinas onde nadam peixes encarnados, se conservam floridos n'este tempo como grandes *corbeilles* de rosas, e são durante todo o anno tratados pelos jardineiros da casa real com inexcediveis esmeros, a impressão de abandono, que sempre despertam os velhos palacios deshabitados, não a resente o visitante nos jardins de Queluz. O seculo das perucas empoadas, dos tacões escarlates, das casacas de velludo, dos bofes de renda, dos espadins de cabo de ouro e tartaruga, das anquinhas, dos serenins e dos outeiros poeticos, parece ser ainda o que preside ao desabrochar das suas rosas e ao murmurio das suas fontes, cascatas e repuxos. Todas as magestosas fachadas conservam um aspecto lavado e novo. As bugainvileas e madresilvas adornam com suas grinaldas carmezins e perfumam com seu fino aroma de toucador as escadarias e as balaustradas italianas. Por toda a parte, entre a espessura odorifera dos laranjaes e nos arvoredos que

abrigam do sol, sob densos toldos flexuosos, as aguas do canal, os melros e os rouxinoes cantam as suas arias, que parecem compostas por Cimarosa.

A cada momento, cuidamos vêr sahir as açafatas buliçosas e gaiatas da princeza do Brasil de um caramanchão de murta, onde, no seu sócolo de marmore da Arrabida, uma Venus Cytherea compõe com gesto harmonioso a sua clamyde branca, ou encontrar nas avenidas, que conduzem ao jogo da bola, quatro fidalgos de casaca escarlate, seguidos por dous ladinos e folgazões frades rochonchudos... Por aquellas áleas de cheirosos loureiros, adornadas de bustos de imperadores romanos, lord Beckford e o marquez de Marialva correram, sob os olhares de D. Carlota Joaquina, atrás das duas raparigas indianas (1), mais adiante, Antonita, repenicando as castanholas, dansou os seus ardentes boleros; n'aquelles bancos de lioz sentaram-se os reis D. José I, D. Pedro III e D. João VI, as rainhas D. Marianna Victoria e D. Maria, as dez infantas das tres côrtes, a duqueza de Abrantes e a marqueza de Villa Flôr, os marquezes de Pombal, de Angeja e Ponte de Lima; n'aquelles canteiros colheu anemonas a

(1) Recollections of an excursion to the monasteries of Alcobaça and Batalha — 1794.

generala Junot, embaixatriz de França. A nossa historia cortezã do seculo XVIII póde incomparavelmente evocar-se nas salas e jardins d'esse palacio, que viu a gloria suzerana de D. José e assistiu ás conspirações de D. Carlota Joaquina. Nas suas salas, pintadas por João Chrysostomo e douradas por Jeronymo Gomes, desenrolaram-se algumas das scenas culminantes d'essa lucta sem treguas, ferida entre a monarchia e a revolução, que encheu os primeiros annos do seculo XIX. Ali enterrou a mãe de D. Miguel esse hypothetico thesouro, com que o pretendente planeava comprar poderosas esquadras na Inglaterra e nos Estados Unidos. Ali, vestida com «um gibão de chita e uma fota de musselina na cabeça», acocorada entre os velhos destroços da sua antiga e alegre comitiva de bailarinas aragonezas e castelhanas, a imperatriz instigava as rebelliões dos Varzeas e dos Canellas ou escogitava os seus ambiciosos planos, cantando em voz dormente a sua quadra favorita:

En profias soy manchega,
Y en malicias soy gitana;
Mis intentos y mis planes
No se me quitan del alma...

Com as suas tradições galantes e as suas lendas miguelistas, este palacio é tanto uma verda-

deira reliquia historica, como uma mansão paradisiaca, que hoje serve de recreio aos officiaes das baterias de artilheria, aquarteladas em Queluz...

Por muitos annos, a monarchia deixou no abandono esta preciosa joia, estendendo até ao classico paço do miguelismo os rigores do ostracismo politico. Apenas D. Luiz lá passou uns mezes de verão, com mais prejuizo do que vantagem para o palacio abandonado. D'essa villegiatura datam os maiores vandalismos e estragos, que alcançaram o absurdo de se forrarem com execraveis papeis algumas salas. Depois, outra vez confiado ao velho Joaquim Duarte, que servira o infante proscripto, quando rei, o pequeno Versailles continuou a envelhecer no criminoso abandono a que o votavam. Foi necessario que a rainha actual o tomasse sob a sua protecção, o recommendasse á vigilancia e cuidados do administrador da casa real, para que, lentamente, da decadencia em que cahira, resurgisse o antigo recreio estival e galante de D. João V e de D. José I.

Tratou-se, primeiro, de repôr no brilho primitivo os jardins e os bosques; reparou-se, a seguir, o magestoso canal, completando-se os quadros de azulejo, que a mão destruidora do tempo, ou as mãos vorazes dos amadores de bellas-artes tinham feito desapparecer; cuidando-se, por ultimo, das reparações interiores do

edificio, principalmente das duas magnificas salas dos concertos e do throno, cujos tectos, do entalhador Silvestre de Faria, ameaçavam desabar.

A fórma como se procedeu ás obras de jardinagem, merece o mais incondicional applauso. Os jardins de Queluz conservam o seu caracter, foram escrupulosamente repostos no seu estylo symetrico, amaneirado e pretencioso. O mesmo não se póde dizer da restauração do canal. As intenções palacianas, que dictaram as medonhas lapides commemorativas na importante obra de reparo, sacrificaram o soberbo monumento hydraulico, na harmonia do seu conjuncto. Os novos *panneaux* de azulejo destacam deploravelmente entre os quadros antigos. Comprehendem-se as numerosas difficuldades, que o artista teria para vencer, em restauração de tanta responsabilidade como a que lhe confiara o sr. conselheiro Pedro Victor. Desejariamos que as tivesse vencido. Lastimamos que o não tenha podido conseguir, senão de maneira muito incompleta. Mas o mal está feito e não vale a pena, por inutil, alongar lamentações sobre males tão cedo sem remedio.

O mesmo já não acontece com as restaurações internas do edificio. Estão ellas confiadas pelo director das Obras Publicas ao architecto Rozendo Carvalheira, que dirigiu, ultimamente, as obras importantes do paço e picadeiro de

Belem e das salas do throno e da ceia do palacio da Ajuda. A escolha do sr. Rozendo Carvalheira obedeceu ao mesmo motivo de sympathia palaciana, que já o preferira para a direcção de obras anteriores da mesma natureza.

Longe de mim pretender insinuar que essa sympathia prevalece sobre a sua competencia na honrosa escolha, que recahiu sobre elle, uma vez mais. Mas ousamos lembrar-lhe que o grande salão de Queluz, agora pejado de andaimes e de traves, é uma obra prima, talvez unica no seu genero, em Portugal, e que mais como artista do que como architecto deve cuidar da sua restauração inadiavel.

A reparação d'essa vasta e magnificente sala exige o mesmo amoroso escrupulo, que se imporia a um critico litterario na revisão dos *Luziadas*. E não é que eu queira exaggerar-lhe o valor ao extremo de a fazer passar como um monumento de arte comparavel ao poema de Camões. Mas é que essa magestosa sala, além do seu incalculavel merecimento historico, é um raro exemplar decorativo do seculo XVIII, dos quasi nenhuns que nos restam, como documento e escola de um estylo magnifico. Leandro Braga lá foi inspirar-se para a construcção da sala de baile do sr. marquez da Foz, e outros lá terão de ir colher a proveitosa lição da sua elegancia e da sua belleza.

O paço de Queluz — nunca será demais re-

petil-o,—é o maior e precioso monumento de architectura profana que nos legou o seculo XVIII. Póde dizer-se que durante um longo periodo de cem annos trabalharam incessantemente architectos e decoradores em Queluz, e que nos tres reinados d'esse seculo, desde D. João V até D. Maria I, se augmentou o palacio com novas e importantes edificações, sem esquecer que ainda no seculo XIX ali se fizeram obras, já não para o engrandecer com novos primores de arte, mas para lhe destruir a harmonia e lhe comprometter a belleza.

Os principaes architectos de Queluz foram Matheus Vicente d'Oliveira, auctor da planta da basilica da Estrella, mestre da antiga escola de Mafra, e João Baptista Robillon.

A maioria das pinturas são de João Chrysostomo; as restantes decorações e os dourados de Jeronymo Gomes; a talha de Silvestre de Faria; as duas estatuas equestres allegoricas da Fama, que sobre pilastrões se acham á entrada do parque, de Manoel Alves e Silvestre de Faria Lobo. D'estes parece serem tambem os modelos dos soberbos grupos de nereidas, neptunos, golphinhos e tritões, que ornam os dous lagos centraes do jardim, e que a tradição diz terem sido fundidos em Barbacena, o que representa um titulo honorifico para esta villa. A fundição allemã, de onde sahiram as fontes monumentaes do Rocio, tem a córar de vergo-

nha deante dos antigos e anonymos fundidores de Barbacena.

Ainda no tempo de D. João V, quando o infante D. Francisco habitava em Queluz, o palacio era de pequenas proporções, simples vivenda campestre e recreio estival, no genero da quinta de Bemfica, depois palacio dos marquezes da Fronteira.

Costumando veranear na quinta de Queluz, que pertencia á casa do Infantado, de que era possuidor, D. Francisco celebrava ahi, com os seus apaniguados, verdadeiras orgias, exercendo uma dominação despotica e cruel sobre os camponezes do sitio, com todo o seu cortejo de excessos com que era de uso entreterem-se, em França, Italia, Hespanha como em Portugal, os mais galantes principes e os mais cortezes fidalgos do seculo XVIII. Vilhena Barbosa recolheu ainda a lenda de que a alma do desbragado infante andava penando, horas mortas, em torno da quinta, tal a memoria dos seus delictos.

Sabe-se que D. João V ainda lá mandou fazer obras, que continuaram mais activamente no reinado de D. José, cujo irmão e genro, D. Pedro, tinha uma accentuada predilecção pela antiga quinta de D. Brites, mãe de D. Manoel. Os corpos centraes do palacio, desde os aposentos, hoje chamados da Imperatriz, até á sala do throno, incluindo a sala dos serenins, a das recepções ou das talhas, a do lanternim, a

do despacho e a dos archeiros, achavam-se concluidos á morte de D. José. A capella só foi acabada no reinado de D. Maria I. O orgão, de Machado Cerveira, tem a data de 1797. Todo o corpo do edificio, a seguir á capella, e ainda hoje conhecido pelos aposentos da rainha D. Maria, foi construido nos fins do seculo XVIII, bem como a elegantissima torre e o magnifico quartel das guardas. Tudo parece indicar ser tambem posterior a D. José o notavel trabalho hydraulico do canal. Os azulejos são, pelo menos, do mais puro estylo Luiz XVI.

Da sala dos serenins póde affirmar-se, sem receio de errar, que existia, tal como a vêmos hoje, no reinado de D. José, que ali assistiu com a côrte, em 1772, á audição da opera de Metastasio e Gluck *Il Parnazo Confuzo*, dirigida pelo já quasi cego David Peres.

É esta sala uma verdadeira preciosidade architectonica, pela elegancia e pelo arrojo. O tecto é elyptico, cupulando uma vasta area quadrilonga, que descreve, na parede do fundo, uma rotunda de pouca amplidão, onde se repete o motivo elyptico do tecto. Era n'esse pequeno espaço que se cantavam as operas, armando-se o estrado real entre as janellas, que deitam para o jardim.

Esta sala, forrada de seda azul clara, communica por uma grande porta com o sumptuoso salão dos espelhos, ou sala do throno.

Foi n'esta sala grandiosa que, em 1781, o ex-jesuita padre Manoel da Rocha Cardoso, conhecido pela denominação de *cardeal*, appareceu deante de D. Maria I com duas pistolas carregadas e escondidas debaixo da batina. As duas salas, justamente consideradas como as mais ricas e preciosas, ficam no pavimento terreo, entre a sala do lanternim e a esplendida capella. Foi na ala opposta do palacio que viveram a rainha D. Carlota Joaquina, o infante D. Miguel, a infanta D. Izabel Maria e o imperador D. Pedro. Este facto basta para explicar a maior ruina em que se encontram estas duas peças de apparato, cujo restauro total custaria mais de cincoenta contos e cuja estabilidade se cuida n'este momento em definitivamente assegurar.

Em 21 de maio de 1901, a administração da Fazenda da Casa Real officiava ao ministerio das Obras Publicas, chamando a attenção para o risco imminente em que se achava a sala dos serenins.

A cupula elyptica flectira, ameaçando desabar. Todo o travejamento que a sustinha tendia a esmagal-a a breve praso, aluindo. Tratava-se de impedir, com a flexão cada dia mais accentuada do tecto, a ruina total de um dos mais interessantes especimens de architectura decorativa existentes no paiz. Essa obra apresentava difficuldades, á primeira vista in-

superaveis. O tecto fôra edificado como a querena de um navio. A sua estabilidade dependia da duração d'essa armadura de traves, que se achava periclitante, não servindo mais para o suster, antes concorrendo para o deprimir, impellindo-o a precipitar-se. Todo o gracioso e elegante camboteado do tecto desconjunctara-se. A instabilidade do peso, transmittindo-se ao coroamento da parede, ameaçava egualmente desmoronal-a. Assim, o problema complicava-se. Parecia necessario apear por completo o tecto, nivelar a parede e proceder depois á reconstrucção da sala. O mesmo equivalia a condemnal-a, pois desde o momento em que fosse indispensavel desmanchar o tecto, a impossibilidade de repôl-o no seu primitivo estado impunha-se á evidencia dos menos argutos. Póde dizer-se que, em geral, os materiaes de construcção applicados em Queluz são de pessima qualidade. Toda a ossatura do palacio está ferida de morte. Essas lindas salas, que nos maravilham, estão, quasi todas, armadas no ar. Reconhece-se que a pressa dos decoradores e architectos, provocada pela impaciencia dos monarchas, sacrificou desde o principio a longevidade de tantos primores de arte. Cento e cincoenta annos bastaram para arruinar-lhes a estabilidade. A ausencia de solidos pontos de resistencia faz-se sentir ao primeiro exame. E não é que aos architectos faltasse a competencia para edificar

com solidez um edificio, capaz de desafiar os seculos. O talento de Robillon e de Matheus Vicente de Oliveira revela-se notavel e inspiradissimo n'esse formoso documento da arte architectorica do seculo XVIII. Mas o espirito do tempo, todo de apparencias, deixou o seu vestigio n'esse galante Versailles, onde as figuras e grupos ornamentaes das fontes e repuxos são de zinco... a imitar bronze; onde as molduras dos paineis da sala de jantar são... de pasta, como decorações de theatro.

Havia uma grande pressa em executar o projecto grandioso. A realeza não tinha, depois da destruição do paço da Ribeira, um alojamento condigno. Os monarchas andavam de Mafra para a Bemposta, da Praça do Commercio para Caxias, da Ajuda para Cintra, com os seus dignitarios, a sua criadagem innumeravel, as suas açafatas, as suas orchestras de capella, a sua guarda de archeiros, os seus frades, a sua mulataria e os seus bobos. Distante apenas duas horas de Lisboa, o palacio de Queluz offerecia accommodações vastas para essa côrte abundante e superflua. Trabalhava-se offegantemente na construcção das diversas alas convergentes. Com a pressa, esquecia-se construir uma ante-camara ou vestibulo para a sala do throno, cuja porta dava immediatamente para o terreiro! Todas as tres entradas principaes resultavam mesquinhas. Que importava? Do paço

apressavam Robillon, apressavam Jeronymo Gomes, apressavam João Chrisostomo, apressavam Silvestre de Faria. O resultado não se fez esperar. A doença atacou depressa esse organismo debil. Está acontecendo a Queluz o que acontece ás creanças nascidas antes do tempo. Essa maravilha tem, como a mulher da lenda, a sua ulcera no seio. Queluz é um patrimonio ruinoso. Não bastariam quinhentos contos para o restaurar por completo. Ante a impossibilidade de fazel-o, o que urge é preservar da ruina imminente as peças mais valiosas, de maneira a legal-as intactas ás gerações vindouras.

Na nossa opinião, o plano actualmente em inicio de execução deve ser systematicamente proseguido, reservando-se uma verba annual para a consolidação das paredes e tecto das salas do throno e das talhas — que começam a flectir, sobrecarregando e opprimindo os coroamentos dos muros lateraes, na fachada do jardim, — e para o restauro dos dous esplendidos *boudoirs* de crystal, cujas pinturas não nos abstemos de qualificar como das melhores que no genero galante possuimos. Tanto as sobreportas do *boudoir* redondo, representando scenas facetas de toucador, e que fazem lembrar illustrações a sonetos de Tolentino, como as pinturas em vidro do *boudoir* contiguo, no mesmo genero, e onde destaca uma *Toilette de Venus*, no estylo de Boucher, são pequenas obras-

primas, de uma raridade que lhes duplica o valor. É facil reconhecer o mesmo pincel dextro e galantissimo nos quatro paineis da sala de almoço, representando merendas campestres, e nas sobreportas da mesma sala, que teem por assumpto naturezas mortas e que são simplesmente admiraveis de colorido e de factura.

Outras muitas cousas ha a fazer desde já, que não importam despeza grande, como seja a raspagem das molduras e cariatides da sala do thrôno, primitivamente douradas, e que vandalicamente se pintaram de colla branca, — dizem que na regencia de Junot, — e a restituição de toda a area primitiva á sala do despacho ou do conselho, deitando abaixo o tabique, construido no tempo de D. Luiz — que d'essa sala fazia seu aposento — com o fim de improvisar um quarto de banho.

A restauração da sala dos serenins, cujo trabalho de talha e concepção architectonica podem considerar-se exemplos de elegancia quasi aerea e de uma audacia estructural digna de uma ampla monographia, merece ser tomada como modelo das restaurações subsequentes.

Foi em maio de 1902, que o architecto chefe de secção, sr. Rosendo Carvalheira, apresentou á approvação do conselho superior de obras publicas o seu projecto de restauro da sala das serenatas, propondo a substituição de todo o madeiramento da cobertura por uma ossa-

tura de ferro, devidamente travada e resistente, de fórma a poder integralmente com todo o peso do tecto, o qual, depois *de reparado no seu logar*, a ella seria suspenso e firmado, indo a respectiva carga incidir verticalmente sobre as paredes contornantes da sala. Este engenhoso plano tinha a vantagem de permittir o restauro do bellissimo *plafond*, sem o desmanchar, conservando-lhe toda a elegancia inicial, de reconstituição impossivel.

O orçamento da obra, que montava a 7:883$000, foi approvado e á casa Cardoso Dargent confiou-se a fabricação da ossatura metallica. Em pouco mais de um anno, conseguiu-se suspender do tecimento de ferro, como quem suspende um monstruoso lustre, a immensa abobada elyptica da sala, restituindo-lhe, com o auxilio de macacos, o delineamento e curva iniciaes. O sr. Rosendo Carvalheira conseguiu assim salvar a obra arriscada e imprudente do seu antecessor illustre, dando-lhe a solidez e a estabilidade que lhe faltavam.

É agora para a sala contigua — a do thrôno, — que forçosamente se devem voltar as attenções do restaurador.

Ouço dizer que se pensa em substituir por placas inteiriças de crystal os velhos espelhos com base de estanho, que decoram as portas, sobreportas e columnas da sumptuosa sala. Isso equivalia a arrancar-lhe um dos mais caracte-

risticos adornos. É licito substituir por chapas eguaes, encommendadas em França ou na Italia, as que tiverem desapparecido; mas, em caso algum se admitte que n'essa reliquia de outros tempos se enxerte anachronicamente um adorno moderno. Pôr espelhos identicos aos dos horrendos guarda-vestidos de mogno n'essas esplendidas molduras do entalhador Silvestre de Faria — o Toreau portuguez — seria o mesmo que cobrir os Jeronymos de telha de Marselha.

Esses espelhos embaciados de ferrugem, com o seu tom levemente glauco, devem ser sagrados perante toda a obra de reparação ou de restauro. Como na Galeria dos Espelhos, de Versailles, essas ingenuas laminas de vidro representam um dos mais extraordinarios triumphos da industria do seculo XVII e são as reliquias de um dos mais luxuosos adornos, que inventou a civilisação requintada d'esse tempo. O que ali está constituia, ainda ha dous seculos, uma preciosidade, regalia quasi exclusiva dos poderosos.

Apesar da affirmação, pouco digna de fé, de Sidonio Apolinario, que attribue a posse de um espelho ao imperador Othão

Post speculi immanis pompam, quo se ille videbat
Hinc turpis quod pulcher Otho...

a verdade é que as chapas de vidro, com a propriedade de reflectirem a imagem, foram um luxo desconhecido na Europa, até quasi ao fim do seculo XVI. A Renascença apenas conheceu os espelhos metallicos. Quando a fantasia de Rabelais adornava de espelhos as cellas da sua abbadia de Théléme, é evidente que cahia nas exaggerações inverosimeis de uma irrealisavel hyperbole. Só Veneza, por esse tempo, possuia os segredos da fabricação imperfeita e rudimentar do espelho. Muitas vezes tem sido contada a famosa expedição, que Henrique II organisou com mysteriosos emissarios, que se dirigiram a Murano com o fim de seduzir o contra-mestre Theseu Mutio e alguns operarios venezianos, que conseguiram trazer para França, tendo de ser recolhidos e guardados no castello de S. Jorge para escaparem ao punhal ou ao veneno, a que haviam sido condemnados, como traidores, pelo *Conselho dos Dez*. Essa tentativa de usurpação do celebre segredo dos fabricantes de Veneza, renovada mais tarde por Henrique IV e Colbert, constitue o prologo da lucta de concorrencia industrial, que devia, quatro seculos depois, ser a maior caracteristica da nossa época.

Quando, no seculo XVII, um francez inventou o processo de fundir o crystal como os metaes, a prodigiosa invenção foi acolhida com um enthusiasmo indescriptivel. A condessa de

Fiesque vendia uma propriedade para comprar, com o seu producto, um espelho! O successo da novidade foi tão excessivo, que a gente rica applicou o espelho em toda a parte. Guarneceram-se de espelhos até os tectos e paredes das alcovas. Queluz conserva um quarto circular e um quarto de toucador assim adornados. As chapas são, como as da sala do throno, de pequenas dimensões, pouco menores que as da galeria de Versailles, religiosamente conservadas, que passaram no seu tempo como exemplo da mais fabulosa riqueza. Esta ruinosa decoração, á data presumivel em que foi construida a sala de Queluz, custava, em França, mil duzentas e setenta e cinco libras tornezas por metro quadrado, a calcular pela *Tarifa dos Espelhos da Manufactura Real,* publicada em 1722 por Chevillard!

Os espelhos de Queluz representam assim um dos documentos mais valiosos que possuimos sobre o fausto da côrte portugueza no seculo XVIII. Arrancar de Queluz esses espelhos, cuja acquisição importava em sommas innumeras, e cuja fabricação custava a morte a tanto operario, envenenado pelos vapores mercuriaes, seria mais do que uma selvageria, um crime de lesa-nação.

VIII

Madame Selda Potocka — Um consultorio de belleza — O recurso das teias — Do elixir de formusura á electrolyse — Da imperatriz Popea á bailarina Tortejada — Banhos de leite, de champagne, de malaga, de agua de chuva e de chá — O banho de Anna Bolena — Ninon de Lenclos aos oitenta annos — Seios que reflorescem — Rugas que se desvanecem — Uma aula de riso — A electricidade ao serviço da belleza.

Vae em tres annos que as *Novidades* publicam, com a maxima regularidade, este annuncio:

MADAME SELDA POTOCKA

Especialista diplomada no tratamento hygienico do rosto e do cabello pela electrolyse.

Pelo systema moderno, adoptado em Londres e Paris, limpa e aformoseia a cutis, tirando-lhe as rugas, impingens, sardas e nodoas. Pelo mesmo systema faz desapparecer em vinte e quatro horas os cabellos brancos, ficando o cabello sedoso e brilhante. Destroe os microbios da calvicie e outras doenças do cabello, fazendo-o crescer, evitando-lhe a queda e o tornar-se branco.

Madame Selda Potocka, que annuncia ainda outras operações milagrosas, tendo todas por

fim combater a fealdade, apparece-nos em Lisboa como a Providencia das mulheres feias, verdadeira medica da belleza — que é a saude do amor — esperança de quantas, já desilludidas dos modestos recursos do toucador, luctavam até aqui, desprotegidas, contra a decadencia e a velhice.

Inutil será dizer que a maliciosa polaca madame Selda, com esse inesperado e radioso annuncio, como uma boa fada na posse de mysteriosos segredos, chamou ao seu consultorio uma multidão supplicante de mulheres. Não é, com certeza, devido só á sua sciencia, mas antes aos favores da natureza, que o seu denso cabello castanho brilha com reflexos metallicos, que a sua face branca tem ainda uma pureza quasi sem macula e que os seus hombros de academia parecem, no camarote de um theatro, resplandecendo á luz electrica n'um decote de velludo preto, como cinzelados em marmore. Mas a sua carnação de flor inspira ás clientes infelizes uma confiança absoluta na deusa. O mesmo, com certeza, não aconteceria, se madame Potocka fosse uma velha enrugada como uma casca de noz, usando chinó e escondendo nas golas dos vestidos um pescoço pintado de sardas. Por maior que fosse a sua sciencia, a cliente pedir-lhe-hia primeiro o milagre de se rejuvenescer, antes de experimentar os recursos da sua sabedoria, renovando os feitos de Ninon de

Lenclos e da marechala Davoust, princeza d'Eckmühl, que aos oitenta annos conservavam o donaire magestoso de rainhas e a pelle setinosa de adolescentes. Madame Potocka tem *le physique du métier*. Os seus encantos de mulher de trinta annos, a sua face redonda, terminada por um pequeno queixo napoleonico, o seu pescoço liso e cylindrico de Juno, os seus hombros puros de medalhão, o seu denso cabello côr de avellã, onde ha um ruivo fulgôr de ouro, constituem a mais prestigiosa das garantias para a esperança credula das feias.

Essa lucta da mulher para alcançar ou para não perder a formosura, que é a sua virtude physica, dura ha centenares de seculos, desde que o primeiro homem foi seduzido pelos encantos da primeira mulher. Não sei o que o mais severo moralista possa achar de censuravel n'essa instinctiva ancia de perfeição, n'esse ambicioso orgulho de se tornar desejada e parecer formosa, que já nos tempos nebulosos do Velho Testamento levavam a sublime Esther e a languida Sulamita a banharem-se em aromaticos e embeberem de balsamos o seio, para que os seus corpos tivessem, ao olfacto de Assuérus e Salomão, o aroma do bemjoim e do nardo. O que é a historia da humanidade senão um ininterrupto anceio pela perfeição e pela belleza? Que outra cousa d'ella fica, na sua passagem pelo espaço e pelo tempo, do que o documento

ou a memoria das cousas perfeitas e bellas, que ideou, creou ou executou?

Desde o receituario do *Cantico dos canticos* e o da *Arte de amar*, de Ovidio, até aos manuaes de *maquillage* e galanteria do seculo de Luiz XV, em que o polvilho, posto em moda pelo marechal de Richelieu, o carmim, decretado pela Pompadour, e a *mouche*, condemnada pelo abbade Massillon, eram verdadeiros attributos de categoria social, tudo quanto a mulher inventou para se defender da velhice, para se adornar de novos encantos ou realçar aquelles com que nasceu, constituiria uma obra consideravel de pharmacopeia galante e um dos mais preciosos documentos sobre a mulher e o amor.

Em todos os tempos, ser bella, para agradar, foi a permanente preoccupação da mulher. Com essa vaidade, ella collabora na obra da natureza, servindo os seus designios e cumprindo a sua missão. Ser bella é o seu dever. E tão importante e essencial se torna na vida da humanidade o seu encanto, a sua seducção e a sua graça, que um grave sociologo se lembrou já de formular a hypothese das transformações radicaes, que soffreriam as sociedades, se a belleza da mulher declinasse e ao homem faltasse, de repente, o estimulo e a compensação da sua formosura. Concluia o mesmo philosopho que a vida actual seria totalmente diversa, se todas as mulheres da Grecia tivessem sido tão bellas

como Helena, Aspasia e Laïs, ou se todas as rainhas do Egypto dispozessem da seducção invencivel de Cleopatra. Tudo leva a crer que sim, se pensarmos por um instante que a belleza de Helena pôz em armas toda a Grecia e que a belleza de Cleopatra ameaçou fazer alterar os destinos de todo o mundo.

A coquetteria feminina constitue, na vida moderna, além de factor social preponderante, um factor economico poderosissimo. Paizes ha, como a França, cuja industria vive quasi exclusivamente da mulher, desde as fabricas, que lhe tecem os vestidos, até aos laboratorios, que lhe preparam os elixires. A maioria das lojas, hoje, nas cidades, tem-a por unica cliente. A ella se destina quasi a totalidade da producção do homem, e quando um sabio descobre uma nova constellação ou um novo astro, é quasi certo que lhe dá um nome de deusa, que outra cousa não é senão um nome de mulher.

Por isso tambem, como homem, eu não posso senão applaudir e approvar esse infatigavel esforço feminino, tendendo a seduzir, a enfeitiçar, a maravilhar o homem, como retribuição generosa, mas merecida, do seu incansavel esforço imaginativo em erguerl-a e conserval-a nas alturas, como uma divindade entre nuvens.

Uma mulher, que se desleixa, é uma preciosidade, que se desvalorisa. Não cuidar da bel

leza equivale a não cultivar uma propriedade. A obrigação social da mulher é attrahir. Sempre que ella a não cumpra, falseia a missão natural do seu sexo. Cleopatra, applicando ventosas aos seios para fazer affluir o sangue e lhes conservar o viço, não servia apenas a sua vaidade, mas os destinos de toda a raça semitica, dependentes dos beijos com que algemava ao Egypto Cesar e Antonio. A força orgulhosa de Roma derivava tanto da belleza das suas mulheres, como da gloria das suas legiões. Quando o romano descobriu as mulheres louras das Gallias, a sua confiança nos destinos do imperio abalou-se!

E que commovente e impressionadora historia não é, no seu conjuncto, essa impaciente conquista da formosura, essa guerra incessante contra a decadencia, com que a mulher tem procurado sempre juntar novos encantos aos seus encantos, aperfeiçoando a obra da natureza e dilatando o seu reinado sobre os corações!

A imperatriz Poppéa, para conservar macio e luzente o seu corpo de vivo alabastro, inventou os banhos de leite, que quinhentas burras brancas, alimentadas de hervas aromaticas, produziam para a sua piscina de porphyro. Esse rebanho sagrado estava confiado aos cuidados de quinhentos escravos e a sua guarda fôra distribuida a duas cohortes de legionarios. Entre as receitas mysteriosas de Ninon de Lenclos

figurava o famoso banho de mel, ainda hoje aconselhado e usado. Os banhos de leite e iris de madame Tallien ficaram classicos. No segundo Imperio, a actriz Rose Chéri inaugurava os banhos de *champagne*. Essa terrivel e deslumbrante polaca, Branca Lachmann, que em 1851 casava com Paiva de Araujo, o mais hypercivilisado janota portuguez, e que morreu princeza de Henckel Donnesmarck, tomava banhos de framboezas e morangos esmagados. Diana de Poitiers banhava-se todos os dias em agua da chuva, conservada em cisternas de marmore polido. Os banhos de Anna Bolena teem uma celebridade impudica e tragica. Maria Czetwertynoska, a favorita de Alexandre I da Russia, banhava-se em ondas de vinho de Malaga, e ainda hoje a actriz Réjane espalha violetas na sua tina; a cantora Bellincioni banha-se em agua de rosas, e a bailarina Tortejada em infusões aromaticas de chá! Mas o banho constitue apenas um insignificante pormenor na *toilette* da mulher. Desde os tempos classicos até hoje que os feiticeiros, os empyristas, os chimicos se occupam em preparar os filtros, os elixires, os cosmeticos, os perfumes, que aromatisam o halito, que dão fulgor ao olhar, a macieza á pelle, a polidez aos braços, o rosado á face, a rigidez aos collos e o esplendor aos dentes.

E entretanto, como eram reduzidos os recursos já immensos de Poppéa, de Ninon de

Lenclos, da Pompadour e até da actriz Rachel —que de feia se conseguiu transformar, á custa de perseverança e artificios, n'uma mulher formosa—comparados aos recursos da sciencia moderna! Ha dez annos ainda, para avivar o brilho dos olhos e augmental-os de volume, as mulheres tingiam com um pouco de *Kohol* a raiz das pestanas, pintavam com um imperceptivel traço de nankim o angulo interno da palpebra e com uma dedada de carmim o seu angulo externo, accentuando com fumo a curva das sobrancelhas. Hoje, a cirurgia distende e alarga e dilata as palpebras com o bisturi, fixa pestanas e sobrancelhas verdadeiras; de um nariz arrebitado faz um nariz aquilineo; de um aleijão da natureza faz uma estatua de muzeu; de uma obesa faz uma adolescente! Sobre o toucador, entre os frascos de essencia, as caixas de pó de arroz, os lapis de carmim, a pata de lebre, os sabonetes, os elixires, as loções, as tinturas, brilha um pequeno arsenal cirurgico e avulta um apparelho electrico de corrente contínua ou intermittente, que só por si vale os mil unguentos perfumados e as mil sabias receitas, com que, durante longos seculos, se adquiria a belleza. As varizes, as rugas, as sardas, as impingens, as verrugas, as pennugens, tudo se esvahe e desapparece ao contacto d'essa mysteriosa força da materia, que, depois de ter produzido o calor, a luz, o movimento,

condescende em servir galantemente a formosura.

Quantos braços e dorsos pennujentos terão as agulhas electrolysadas de madame Selda transformado em claros braços e em hombros sem macula! Quantos labios, escurecidos de pennugens viris, não terão sahido transformados do pequenino *laboratorio* da rua da Emenda! Quantas desgraças de corações apaixonados e secretos desesperos de amores mal correspondidos não terão desabafado n'esse confessionario galante! Quantas amoraveis felicidades se não terão ali preparado! Quantas amarguras se não terão ali dissipado!

Observado de longe, com a moralidade sêcca de um theologo, esse consultorio seria apenas uma adulação da coquetteria, mais um incitamento á mentira, um impudico appello á dissimulação da mulher, uma escola deshonesta de fingimento, fundada ou protegida pelo demonio. Mas, analysado de perto, sem absurdas preoccupações de fazer falsa moral, reconhecendo a toda a creatura humana o direito, e mais ainda, o dever, de cuidar do seu corpo como da sua alma, e esforçar-se por que a nobres sentimentos correspondam nobres aspectos, o consultorio de madame Selda Potocka apparece-nos tão meritorio como o de um medico. Por acaso, a moral accusa o aleijado, que recorre á cirurgia para que lhe rectifique um erro

da natureza; ou o doente, que recorre á medicina para curar uma enfermidade contrahida? Se a fealdade é um defeito physico, muitas vezes reparavel, porque não se ha de tentar fazel-a desapparecer, como uma verdadeira doença?

Servindo a belleza da mulher, madame Selda Potocka ficou sendo talvez a mesma artista, que traduzia *O Diluvio* de Sienkiewicz, e a quem as emoções fortes do theatro tanto seduziram, ao extremo de pretender ser, simultaneamente, auctora e actriz... A sua profissão, por certo lucrativa, é quasi um sacerdocio, e não me admiraria que um dia se lembrasse de completar a sua obra, professando e regendo um verdadeiro curso de hygiene da belleza, a que se poderia prophetisar, sem receio, um enorme successo mundano.

A formosura feminina é tanto uma sciencia como uma arte. Tem as suas leis, as suas regras, as suas prescripções, que a portugueza geralmente desconhece e que seria vantajoso ensinar-lhe. Um americano não se lembrou de abrir em New-York uma aula de riso? Não se fundou recentemente em Paris, na rua Labruyère, um Instituto Scientifico da Belleza, dirigido por verdadeiros medicos diplomados, servido por verdadeiros chimicos? Para ser tratada com efficacia, a belleza precisa, como a saude, de ser ministrada com conhecimentos exactos da physiologia e da anatomia. Só os medicos, ou á

sua falta um profissional d'essa tão pequenina quanto delicada sciencia, de collaboração com chimicos conhecedores das leis das reacções organicas, estão aptos para estabelecer e dirigir um tratamento de formosura, activo, efficaz e salutar. Os banhos de Poppéa e de madame Paiva são hoje apenas episodios de galanteria anachronica. Os banhos de glycerina, de chloreto de ammonio, os banhos electricos e os banhos chimicos, por certo muito menos poeticos, desthronaram as classicas immersões no champagne e no leite. O tempo das receitas mysteriosas acabou. Ha uma ruga que se accentúa, uma pennugem desgraciosa que apparece, um seio que perde a sua firmeza viçosa? Madame Potocka repara todo esse mal com algumas applicações de correntes contínuas... A gordura ameaça aniquillar a plastica de um lindo corpo? Madame Maria Franco, com consultorio na rua de S. Julião, repara todo esse mal com algumas massagens electricas de correntes intermittentes...

Até agora, para limpar um braço ou um rosto, escurecidos de uma pennugem viril e importuna, havia apenas tres processos: a epilação martyrisante, a que se sujeitavam as romanas, o cauterio perigoso, de que se servem as chinezas, a droga duvidosa, composta de sulfureto de arsenico ou sulphydrato de cal, que ainda usam as ignorantes. Hoje, com uma fina agulha

electrolysada, madame Selda facilmente tornaria glabro um porta-machado, se ainda houvesse porta-machados... Com o auxilio d'essa fina agulha ligada ao pólo negativo de uma pilha electrica, madame Potocka, habilmente, amoravelmente, pacientemente, transforma um braço de lavradeira n'um braço de duqueza. E com que dextra facilidade, com que singeleza se opéra o extraordinario milagre! Posto em marcha o apparelho, a tres ou cinco milliampères approximadamente, estabelecida a communicação, a agulha é introduzida tres ou quatro millimetros sob a pelle, sem encontrar resistencia, até chegar á extremidade do folliculo, ao nivel da papilla: dez ou quinze segundos de corrente para uma face loura; trinta ou quarenta para uma face morena, e o cabello importuno solta-se para nunca mais voltar. Apenas á introducção e á sahida da agulha, a paciente sentiu uma ligeira commoção electrica. É ou não galante, expedito e singelo?

Uma outra applicação da electrolyse consiste na obliteração dos vasos sanguineos superficiaes. Hoje, só tem um nariz congestionado e rubro quem quer e d'isso gosta. A agulha electrica, coagulando o sangue no vaso operado, destroe-o para sempre; e não são apenas as varizes, mas as verrugas, as impingens, as sardas, as nodoas, tudo o que mancha, estraga, compromette e envelhece um rosto de mulher, que a electricidade expulsa, apaga e extermina.

Mesmo as rugas? Sobretudo, principalmente as rugas, com a unica differença de que a agulha é substituida pelo cylindro de massagens. E eu só espero as primeiras, que não tardam, para fazer o conhecimento de madame Selda, a quem uma linda condessa de Lisboa chama, não sei se com malicia ou se com gratidão, *un grand démon bienfaisant.*

IX

Os concertos Lamoureux — Lisboa melomana — Junot e S. Carlos — D. João IV compositor de oratorias e D. João VI cantor de cantochão — A musica na dynastia de Bragança — O tecto da sala das talhas, em Queluz — Desde os *Te-Deum* de D. João V aos boleros de Antonita — Os espectadores dos concertos — O culto da musica — A cavalgada das Walkirias — A symphonia heroica, de Beethoven.

Com uma noute agreste de inverno, ventosa e fria, trespassada a cada momento de aguaceiros, deu o seu primeiro concerto, quinta-feira, a celebre orchestra de Lamoureux, dirigida pelo maestro Camillo Chevillard, successor e genro do organisador dos *Nouveaux Concerts*, a quem cabe a honra de haver introduzido em França a obra musical de Wagner.

Ainda uma vez, Lisboa demonstrou a sua proverbial predilecção pela musica, enchendo a sala do D. Amelia, onde se reuniu tudo quanto a cidade conta de vistoso na aristocracia, nas artes e na politica.

Póde, á primeira vista, surprehender este enthusiasmo unisono, esta anciedade, tão fóra dos seus habitos, com que Lisboa recebe sempre a

vinda de uma orchestra, de um sextetto, de uma cantora ou de um violinista celebres, quer a orchestra seja a de Nikisch, Colonne ou Chevillard, a cantora se chame Patti ou Alboni ou De-Reské ou Pasqua, seja o violinista Kubelick ou Thomson ou Cesar Franck. Mas o facto é que Lisboa foi sempre melomana. Em S. Carlos feriram-se batalhas dignas da historia. Tanto como os marechaes, as cantarinas provocaram verdadeiras guerras civis, durante o primeiro periodo do liberalismo. Uma boa voz bastava, ha cincoenta annos, tanto como uma boa espada, para promover um tumulto.

Todos os theatros estão sujeitos, em Lisboa, ás crises economicas, com excepção do lyrico. S. Carlos prosperou sempre. Mesmo com Junot, as contraltos e as bailarinas não deixaram de vocalisar e dansar. Esse culto da musica vem de longe. D. João IV compunha oratorias. D. João VI cantava cantochão com os frades de Mafra. A dynastia de Bragança foi sempre affeiçoada á musica. D. Luiz I tocava violoncello. El-rei D. Carlos possue uma esplendida voz de barytono e um alto sentimento de execução. Em 1787, a orchestra da capella da rainha de Portugal era ainda a primeira da Europa. No dizer de lord Beckford, nenhuma outra corporação d'este genero, nem mesmo a do Papa, se lhe podia comparar em excellencia de vozes e de instrumentos. Os seus violinos, violoncellos,

flautas e oboés não tinham rivaes. E para toda a parte para onde ia a côrte, fosse a uma caçada a Salvaterra, fosse aos banhos milagrosos das Caldas, a sublime orchestra acompanhava-a, com os seus cantores surprehendentes e as suas rabecas melodiosas. O tecto da sala das talhas ou das audiencias, no palacio de Queluz, em que se vê D. José I sentado junto ao cravo onde está tocando David Peres, rodeado da princeza D. Maria, depois rainha, e das infantas D. Marianna Josepha, D. Maria Dorothea e D. Maria Francisca Benedicta, mais tarde princeza do Brasil pelo casamento com o principe D. José, seu sobrinho, que todas, de solfa na mão, fazem menção de cantar, sob a regencia do infante D. Pedro, genro e irmão do rei,— é um precioso documento d'esse culto apaixonado da musica, que foi apanagio da côrte portugueza. Sem exaggero se póde dizer que a cantar, a tocar e a dansar desceram as gerações todo o seculo XVIII, desde os *Te-Deum* de D. João V, em Odivellas, até aos *boleros* de Antonita, a dansarina que acompanhara de Hespanha a infanta D. Carlota Joaquina.

Em côrte e cidade com taes tradições choreographicas e musicaes, não é, pois, de admirar uma tão gulosa assiduidade aos concertos.

O publico de Lisboa, se na sua maioria não comprehende a musica, todo elle, por egual, a aprecia e a sente.

As ovações de ante-hontem e hontem, no theatro D. Amelia, só são possiveis com espectadores assim impressionaveis. A cada numero do programma, a plateia erguia-se, impetuosamente, n'uma visivel excitação de nervos, como se as melodias a embriagassem.

Nenhuma grande tragica, nenhuma sublime actriz, conseguiria agitar tão consideravelmente essas mil pessoas, de categoria, nascimento e educação tão diversas, que enchiam o elegante theatro da rua do Thesouro Velho, na noute de quarta-feira, e imprimir a essas manifestações aquelle calor unisono, aquelle agudo fremito de sentimento, que as notabilisaram.

A audição da orchestra Chevillard constitue, sem duvida alguma, um dos mais raros prazeres de Arte, que é possivel, hoje em dia, obterem-se em troca de algum dinheiro. Podem os entendidos levar o seu rigor ao extremo de avaliar, como de resumida sonoridade, os seus instrumentos de metal e de sopro, comparados com os de orchestras rivaes; mas todos estão de accordo sobre a disciplina prodigiosa que governa os seus oitenta executantes, sobre o escrupulo intelligentissimo da interpretação nos grandes trechos symphonicos e sobre a nitidez magistral d'essa execução, onde mais uma vez rebrilha e triumpha essa culminante qualidade do genio francez, em todos os ramos das artes e do saber humano: a clareza! A orchestra La-

moureux, a tocar, lembra Renan a escrever. É a mesma limpidez, a mesma quasi transparencia de sentimentos e pensamentos. Nunca aqui se ouvira quarenta violinos a vibrar, como um só zumbido de insecto, descendo até ao rumor quasi imperceptivel de um vôo, subindo até aos mais agudos accordes, em gemidos que se convertem em soluços, em suspiros que terminam em prantos. No trecho de Borodine *As steppes da Asia Central*, todo elle de uma melancolia indizivel, por onde parece passar o fremito mystico e sonhador da alma russa em frente á tristeza infinita das planicies nevadas, o trabalho dos instrumentos de cordas attingiu o inverosimil em delicadeza. Não se diria que eram mãos de homens, mas de anjos, que tiravam das rabecas aquellas suavissimas melodias exhaladas dos violinos.

Que dizer da *Symphonia heroica*, de Beethoven, considerada como uma das mais elevadas, senão a maior das concepções musicaes de todos os tempos? Ahi, a prodigiosa orchestra franceza poude patentear a superioridade sobre as suas rivaes allemãs, na claridade e pureza do desempenho, trazendo até á comprehensão dos profanos, como eu, que nem sequer distingo as notas no teclado de um piano, todas as inenarraveis bellezas d'essa grandiosa peça, digna da inspiração de um Deus. Aquelle estylo tão largo, tão simples, da symphonia sublime, que

alguem comparou á poesia de Homero, requer aquella magestade de execução, aquella clareza de desempenho, para que cada nota, cada revoada de sons venha até nós e se absorva em nós, lentamente, gravemente. Por isso tambem, ella foi escutada em extases pelo publico, n'um silencio embevecido, com irreprimivel emoção. Durante os vinte minutos consumidos em executar as quatro partes da symphonia, a vida de todos reduzira-se a ouvir aquella onda de harmonia divina, como se fôra a palavra do Eterno, que estivesse descendo do firmamento á terra.

Fechou o primeiro concerto, que abrira com o preludio dos *Mestres cantores de Nuremberg*, a cavalgada guerreira das *Walkyrias*, que está, na phrase de um critico musical, para as combinações da sonoridade, como as construcções cyclopicas para a architectura moderna. Em poucos trechos musicaes Wagner alcançou o estranho poder de dramatisação, que anima esta pagina sonora e tempestuosa, onde se ouvem, entre um tropel equestre e um fragor bellicoso, os accordes de um hymno heroico, entoado pelas amazonas mythologicas.

Serviu esta espantosa pagina de musica para comparação entre o desempenho da orchestra franceza e o da phylarmonica berlinense de Nikisch, onde os metaes cobriam, com as suas vozes echoantes, a vibração das cordas,

animando por estranha maneira o dramatico descriptivo da cavalgada marcial das *Walkyrias.*

Chegaria o commentario da critica aos ouvidos de Chevillard? Ignoro. Mas o certo é que todas as sahidas de scena appareceram na noute seguinte calafetadas e quando a orchestra, na terceira parte do seu segundo concerto, atacou essa outra grandiosa composição descriptiva de Wagner *O Venusbergue,* as vozes timidas da critica emmudeceram. Queriam as sonoridades maximas obtidas pelos instrumentos de sôpro e de metal? Ali as tinham, a despeito das condições acusticas da sala do D. Amelia não serem comparaveis ás de S. Carlos, onde se fizera ouvir a soberba phylarmonica de Nikisch.

As tradições wagnerianas da orchestra Lamoureux eram garantia d'esse desempenho inexcedivel. Quer no preludio do *Lohengrin,* onde os violinos maravilhosamente entoaram, como uma só corda vibrada por um só arco, o canto espiritualista do amor puro, digno do acompanhamento de córos celestiaes, até ao preludio e á scena da morte de Yseult, onde as cordas dos mesmos violinos, que tinham cantado a pureza do cavalleiro de S. Graal, pareciam estalar em apaixonados gritos de desespero e de desejo, a execução dos musicos de Camillo Chevillard foi, sob todos os aspectos, tanto no dizer unanime da critica, como na impressão

produzida no publico, extraordinaria de technica, de sentimento e de unidade.

Entre os numeros inéditos, que mais profundamente commoveram o grande auditorio dos quatro concertos, destacam-se as obras de dous russos: *As steppes da Asia Central*, de Borodine, a que já me referi, e a *Symphonia pathetica*, de Tschaikowsky, que tomou toda a segunda parte do segundo concerto.

Eu conheço da musica japoneza os acompanhamentos barbaros do reportorio de Sada Yacco. Se a musica é de todas as bellas-artes, como se affirma, a que com mais intensidade passional traduz o sentir do individuo e de uma raça, e aquella que mais permitte avaliar da capacidade idealista de um povo, justo é que todos os corações se compadeçam da sorte d'esses vinte mil russos, que avançam no mar da China, expostos aos ardis, ás emboscadas e aos golpes de audacia japonezes, e lhes desejem ardentemente a victoria. Uma raça d'onde nascem musicos como esse enternecido Borodine e esse grandioso Tschaikowsky, não póde, sem violação da justiça humama, ser vencida por esses, embora heroicos, pequenos prognatas amarellos, cuja grande virtude, pelo que se lê nos seus apologistas, consiste no desprezo da vida e na sciencia da guerra!

A Europa está, no começo do seculo XX, demasiado empenhada na sua cruzada humani-

taria em favor da paz universal, para poder queimar incenso perante um povo, ainda confinado no periodo guerreiro, que corresponde á barbarie. Mais do que a tomada de Porto Arthur, onde se diz que cem mil japonezes encontraram estoicamente a morte, sem lastimar a perda da vida, eu admiro o genio de um homem capaz de compôr a *Symphonia pathetica* ou escrever a *Resurreição.* Illuminam os japonezes a casa, quando recebem ordem de marchar para os campos de massacre da Mandchuria. Os europeus faziam a mesma cousa ha tres mil annos. Hoje, não!

Seria para descrer de tudo, se assim acontecesse. O russo parte para o morticinio com os olhos ennevoados de lagrimas, a alma abatida, o coração oppresso. Caminha, porque o dever e a honra lh'o ordenam. Mas a propria gloria e o proprio triumpho nunca lhe compensariam a dôr immensa com que, pela ultima vez, antes de partir, beijou a mulher, beijou os filhos, beijou a *icone* domestica, deante da qual ajoelharão todas as noutes as creanças innocentes, emquanto elle, nas steppes longinquas da China, combate os japonezes!

Quando um compositor do Imperio do Sol Nascente conseguir escrever — e duvidamos que o consiga! — uma pagina egual ás de Borodine, então, n'esse dia, o japonez não partirá para a guerra com as alegrias barbaras de agora, mas

antes verterá lagrimas de desespero ao apertar ao coração, na hora da despedida, os pequeninos japonezes, seus filhos!

X

Os parques da Avenida e do Campo Grande — Um plano abandonado — As economias da Camara Municipal — A nova Lisboa — Os bairros modernos — O novo Jardim Zoologico — A quinta das Laranjeiras — O palacio Farrobo — O theatro Thalia — A casa dos espelhos — Ruinas de uma grandeza — Do conde de Farrobo ao duque de Abrantes.

Ha que modificar sensivelmente, pelas ultimas deliberações da camara municipal, no grandioso plano, a meio executado, da magnifica Lisboa moderna, que se estende do alto da Avenida da Liberdade, pelo immenso parallelogrammo, cujas linhas geraes alcançam approximadamente um milhão de metros quadrados de superficie. A transferencia do parque Eduardo VII, do casal Monte Almeida para o Campo Grande, não só desorganisa por completo a esthetica do primitivo conjuncto de melhoramentos, como profundamente o altera na sua propria intenção originaria.

Pretender annunciar, como uma substituição, o que não passa de uma reducção deploravel, porventura aconselhada por imperiosos motivos economicos, mas sempre lastimosa, debaixo do

ponto de vista das conveniencias da população e da belleza da cidade, é inadmissivel. Sempre, além do parque Eduardo VII, projectado ao fim da Avenida da Liberdade, com entrada pela rotunda do Marquez de Pombal, e limitado pelas novas avenidas de Fontes Pereira de Mello, Antonio Augusto de Aguiar, rua do Marquez da Fronteira e prolongamento da rua Castilho —esta ultima no bairro Barata Salgueiro—se delineara o vago projecto de um outro parque, esse vastissimo, no Campo Grande, o qual, pela sua area immensa, pelo seu traçado e cultura especiaes, estava destinado a ser em Lisboa o que o Bosque de Bolonha é em Paris e o Hyde-Park em Londres:—um passeio para desfile de equipagens e cavalleiros; um verdadeiro campo de parada para o luxo dos ricos e um logradouro de sombra, de frescura e de quietação para os pobres, nos seus repousos do domingo. E assim, ao mesmo tempo que seria o quotidiano recreio dos poderosos, serviria de passeio dominical, como que de espectaculo hygienico e gratuito, aos desfavorecidos da fortuna. N'esse immenso parque, o habitante das ruas, para o qual as villegiaturas são aspirações impraticaveis, teria, mais do que uma illusão bucolica de jardim publico, o gôzo salubre de prados e bosques authenticos, por onde poderiam correr as creanças pallidas e retemperarem-se os pulmões dos exgottados.

O parque Eduardo VII seria mais propriamente um extenso e bello jardim, onde se proporcionariam á população de Lisboa divertimentos de toda a especie, para o que estavam projectadas as edificações de cafés concertos, coretos, restaurantes, belvedéres, um theatro infantil e um vasto edificio, que a memoria publicada por occasião da Exposição de Paris descrevia como um grande palacio, comprehendendo uma sala de festas, restaurantes, terraços, etc. Fôra a principio, nos seus delineamentos geraes e seus detalhes, verdadeiramente grandioso o projecto, chegando a receber a Camara propostas de um syndicato francez para proceder a essas obras monumentaes, a troco da exploração do parque e seus annexos, por um prefixo numero de annos. Essa proposta passou por diversas phases, soffreu modificações, padeceu vicissitudes sem numero, até que, ao fim de muitos mezes de litigio com a Camara, por desaccordo nas condições propostas de ambas as partes e pela recusa do syndicato em fazer um deposito de garantia, se romperam definitivamente as negociações, resolvendo o municipio de Lisboa construir por conta propria o mallogrado jardim, modificando n'esse intuito o projecto primitivo, por demasiado dispendioso, n'outro plano mais modesto e compativel com os recursos de que, esperar seria, dispozesse para esse fim. E tão assente era essa

resolução, que não duvidou a camara municipal em dar a este projectado parque, como homenagem da cidade a Eduardo VII e consagração da sua visita a Lisboa, o nome do soberano da Inglaterra.

Podia ser para muitos commettimento hypothetico, por demais recuado no vago paiz dos sonhos, o bosque do Campo Grande, mas a ninguem era licito duvidar que em breves annos seria uma realidade o parque da Liberdade. Já nos terrenos, que lhe eram destinados, comprehendendo uma area de trezentos e noventa e tres mil, trezentos e sessenta e cinco metros quadrados, se vinha procedendo, havia longos mezes, ás obras preliminares, murando-se as duas extensas fachas das avenidas Fontes Pereira de Mello e Antonio Augusto de Aguiar, expropriadas ao sr. Carlos Eugenio de Almeida, D. Maria da Visitação de Vadre Castello Branco e D. Carolina Burnay, fazendo-se desaterros, nivelações e plantações de cactus e arbustos ornamentaes para coroamento dos muros e dispondo-se uma entrada no vertice do angulo formado pelas duas avenidas. Esses preparativos, sem duvida alguma derivados da intenção louvavel de activar e quanto possivel desenvolver a grande obra, vieram valorisar prodigiosamente os terrenos das avenidas confinantes, accelerando as construcções de grandes predios, que de surpreza se acham, com a recente reso-

lução da Camara, depreciados. N'outro paiz, este facto seria de importancia mais que sufficiente para provocar exigencias clamorosas de indemnisações, que collocariam o municipio em face de novas difficuldades, creando-lhe os mais graves embaraços.

Mas tenhamos por certo que nenhum proprietario se lembrará de exigir indemnisação pela inesperada transferencia do parque, que vem eliminar aos predios a visinhança d'esse grande jardim, deslocado para dous kilometros ao norte, privando-os de um horisonte dilatado e de um espectaculo gratuito.

Essa resignação não basta para absolver o municipio de Lisboa da precipitação com que, hypotheticamente, dispôz de terrenos, que não lhe pertenciam, sobre a posse dos quaes pendiam embaraçosos litigios de preço, fazendo crear á cidade inuteis esperanças de vir a ter proximamente um recreio magnifico, quando era apenas a lua que offereciam á sua credulidade.

Constava a area a expropriar para o parque de duzentos e quarenta e oito mil, duzentos e setenta e sete metros quadrados, na sua quasi totalidade terreno de semeadura, horta e olival; e por esses vinte e quatro hectares de terra pedia a comêço o proprietario quatrocentos e cincoenta contos de réis, modificando mais tarde as suas exigencias n'uma proposta, cujas bases

geraes eram as seguintes: duzentos e vinte contos pela expropriação, sendo cento e vinte no acto das escripturas e o restante em cinco prestações annuaes de vinte contos; a reserva de quarenta e cinco mil metros quadrados de terreno á sua escolha, o que, avaliando a quatro mil réis o metro quadrado, perfaz a quantia de cento e oitenta contos; a remissão dos fóros do casal, na importancia de doze contos; a construcção das ruas confinantes com a zona dos quarenta e cinco mil metros quadrados, que para si reservava.

Póde, á primeira vista, parecer absurda a exigencia, para quem ignore o exorbitante valor do terreno nos novos bairros de Lisboa, onde o preço minimo por metro quadrado é de cinco mil réis, o qual, multiplicado por vinte e quatro hectares, produz a prodigiosa quantia de mil e duzentos contos de réis.

Seria absurdo tomar, na pratica, como multiplicando d'este calculo, os duzentos e quarenta e oito mil metros quadrados de terreno, de onde ha a subtrahir uma terça parte para transito publico. Mas, assim exposta em theorema a operação, deixam de parecer leoninas a exigencia do preço e a avaliação do proprietario.

Entretanto, a Camara regeitou a segunda proposta, sem que da sua parte se empregassem quaesquer diligencias junto do sr. Carlos Eugenio de Almeida para uma reducção equitativa, como

base de um accordo. A sua má vontade em cumprir o programma dos melhoramentos de Lisboa tornou-se manifesta. O seu proposito em abandonar o parque Eduardo VII era mais do que evidente, era ostensivo; e quando o proprietario, animado pelas ideias as mais conciliadoras, apresentou ao ministro do reino uma nova proposta, facilitando notavelmente a operação, um camarista, indignado, propôz que o municipio não tomasse sequer d'ella conhecimento! N'esse momento, porém, a opinião publica manifestando-se unanimemente contra o parecer dos camaristas, e como fracassasse o plano habilidoso de um projecto, adrede organisado para arrebatar por duas duzias de contos ao proprietario os seus vastissimos terrenos, a decisão final foi adiada. Ignoro se esse silencio corresponde a uma contricção do erro commettido. Os symptomas não são, porém, de arrependimento.

Dispõe-se ainda a camara municipal de Lisboa a vender, para edificações, os sessenta e cinco mil metros de terrenos, que possue, confinantes com as avenidas e a rotünda Marquez de Pombal, calculando obter d'ahi um beneficio de cento e noventa e cinco contos liquidos, depois de pagos os vinte e cinco por cento da lei aos proprietarios expropriados, quantia que, junta aos cento e cinco contos que a Camara tem depositados, perfaz a somma de duzentos e noventa

e cinco contos, para iniciar as obras do parque do Campo Grande?

Partindo do principio, ainda discutivel, de que a expropriação dos innumeros predios da avenida oriental do Campo Grande e terrenos de cultura adjacentes, seja inferior, em custo, á expropriação do casal Monte Almeida, a Camara terá feito uma pequena operação financeira, com sacrificio incontestavel da cidade e vantagem evidente para o sr. Carlos Eugenio de Almeida, que terá o cuidado de adquirir fachas de terreno confinante ás avenidas Fontes Pereira de Mello e Antonio Augusto de Aguiar, de fórma a impedir o enclausuramento do terreno vastissimo da sua herdade, que facil lhe será valorisar com abertura de ruas, ligando Entre-Muros ás avenidas.

Ninguem ignora que duas razões, ambas de importancia, determinaram apparentemente a resolução da Camara: a insufficiencia dos cento e cinco contos depositados, para a expropriação, e a falta total de recursos para as dispendiosas obras subsequentes. Procurou-se, com a resolução de agora, crear uma receita, que não existia, substituindo um *deficit* por um activo. Esse o unico motivo, porventura imperioso, que a desculpa.

Os cento e cinco contos, de que a Camara hoje dispõe, consentem o inicio dos trabalhos de ampliação do Campo Grande, antes mesmo de

resolvida a deslocação da linha do caminho de ferro de cintura, que interrompe, com o seu talude de quatro metros, a ampla e grandiosa avenida Ressano Garcia, accesso do novo parque? É duvidoso.

O Campo Grande é uma extensa avenida de dous kilometros de comprido, por uns cento e cincoenta metros de largura, ladeada de edificios, a maior parte sem valor real apreciavel na rua occidental e de expropriação carissima na rua oriental. O centro d'esta avenida é arborisado e sulcado de ruas para transito de peões e cyclistas, com um lago para abastecimento de regas e recreio do publico e uma pequena rotunda com seu coreto.

Todos os esforços do actual conservador não conseguiram modificar-lhe o aspecto e o caracter de um agradavel passeio para trens. A pouca espessura dos seus macissos de arvoredo, o diminuto espaço disponivel, em largura, á arborisação e jardinagem, e a distancia consideravel que o afasta do centro de Lisboa contribuiram para lhe dar essa feição particularissima de um *terminus* ás excursões mundanas de carruagem e ás exhibições *sportivas* dos cavalleiros e amazonas.

A propria regularidade do terreno impede, por monotona, de transformar esse vasto campo, depois mesmo de ampliado, n'um jardim de radiosa belleza ornamental, á similhança dos jar-

dins de Monserrate — o que aconteceria localisando-o nas sinuosas collinas do Monte Almeida.

A Camara vae dispender duzentos e noventa e cinco contos de réis em melhorar e accrescentar, sem immediatas vantagens para ninguem, um passeio que já existe, furtando-se a dotar a cidade com um melhoramento de que ella carece? Ha poucos dias ainda, os principes de Connaught, sahindo do palacio das Necessidades com destino ao Campo Grande, não podéram passar do Campo Pequeno, em vista do adeantado da hora a que lá chegaram. Isto exemplifica, melhor do que uma meticulosa medição, a impraticabilidade de converter esse parque n'um ponto de reunião assidua, dada a distancia a que fica dos centros populosos.

Accresce que o dispendio do transporte equivale ao preço de entrada de mais de um tostão n'esse longinquo parque. Não parecia mais razoavel que se procurasse a compensação das maiores despezas a que obrigava a sua localisação no alto da Avenida da Liberdade com uma tributação de entrada?

Mas é sobretudo na sua esthetica, que a nova Lisboa vae soffrer com a resolução da Camara. Todos quantos se tinham habituado a visionar esse paraizo de sombra e de verdura no cimo da Avenida, com o seu incomparavel panorama de montanhas, de rio e de cidade, de-

vem deplorar a sua deslocação para uma planicie longinqua e sem horisontes.

Esse jardim de recreio seria o digno desfecho da mais vasta arteria da capital, communicando rapidamente com a cidade pombalina e exercendo uma salutar influencia na vida de Lisboa, que poderia substituir com vantagem, durante o verão, por festivaes nocturnos, ao ar livre, os seus theatros suffocantes.

Mas, para que demorar o espirito na evocação do que poderia ser esse jardim mallogrado? No recinto onde se deviam erigir os seus portões monumentaes, flanqueados de figuras allegoricas, sob um docél de ramarias, vão talvez erguer-se, em breve, os esqueletos de madeira dos predios de cinco andares, para os quaes a futura estatua do marquez de Pombal voltará as costas com desdem.

Contrastando com a resolução da Camara, a Sociedade do Jardim Zoologico abre ao publico os celebres jardins do palacio das Laranjeiras, e este simples facto, como exemplo de quanto podem a vontade e a iniciativa, responde eloquentemente á lamuria e á inercia do mais opulento municipio do paiz.

Quando a direcção da Sociedade, ainda presidida pelo general Eduardo Ernesto de Castelbranco, e de que faziam parte os conselheiros Ramada Curto e Ferreira Lobo, dr. Duarte Bizarro e engenheiro Mendes Guerreiro, pensou

em adquirir a quinta historica do conde Farrobo, para n'ella reunir e expôr as suas i portantes collecções zoologicas, toda Lisb teve um dos seus constantes sorrisos de inc dulidade. Como poderia adquirir ou arrendar Laranjeiras uma Sociedade fallida ou pou menos, que vivia de um subsidio da cama municipal, mais do que das proprias receita Lisboa acostumara-se a considerar o seu Jard Zoologico como um passatempo desacreditac De vez em quando ia lá vêr subir um balão correr uma bicycleta, mas se lhe perguntava pela collecção zoologica, encolhia os hombr desdenhosamente: era uma collecção zoologi de gallinhas!

E comtudo, o Jardim Zoologico fôra já u das attracções e um dos orgulhos de Lisb quando installado no parque magnifico do sr. C los Maria Eugenio de Almeida. N'esse tempo até 1895 — era uma empreza prospera, gozan os favores do publico, visitado pelos forastei como um dos recreios mais bellos de Lisb Protegido pelos reis D. Fernando e D. Lu delineado sob a direcção artistica do barão Kessler, as suas collecções, se bem que peq nas comparativamente com as dos seus con neres de Hamburgo, Paris e Londres, passava em mais de uma especialidade por notave Os seus tres chimpanzés constituiam uma v dadeira gloria sob o ponto de vista da ac

mação e eram citados pelos naturalistas como exemplares raros na Europa, a ponto de ter vindo um dos numerosos *barnums* americanos expressamente a Lisboa tratar com a Sociedade o aluguel de um dos tres simios famosos, que teve a honra de ser exhibido em todas as cidades dos Estados Unidos, a um dollar de entrada, como o *regulo africano* de uma tribu de homens primitivos!

O Jardim Zoologico de 1890, alojado no parque de S. Sebastião da Pedreira, com as suas avenidas arborisadas de eucalyptos e pinheiros maritimos, as suas largas rotundas, por onde gritavam alegremente as araras, as catatuas e os papagaios do Brasil e da Australia, constituia um dos mais pittorescos e agradaveis passatempos da capital e era dos jardins publicos o de mais consideravel extensão. Mas em 1892, aos primeiros rebates da crise, o forasteiro começou a rarear e o Jardim Zoologico entrou em decadencia, não chegando as receitas para o seu custeio dispendioso. Foi n'essa hora difficil, que o proprietario do parque intimou a Sociedade para levantar arraiaes de S. Sebastião. A exiguidade dos recursos de que ella então dispunha impôz a transferencia para Palhavã e a mudança fez-se no meio das maiores vicissitudes, com o auxilio dedicado de meia duzia de homens, decididos a salvar para Lisboa aquella valiosa collecção zoologica, que custara vinte

annos de esforço, de sacrificios e de zelo. M
a decepção do publico, habituado aos primor
do antigo parque e que se via agora n'um r
cinto sem vegetação, com installações deficie
tes e arruamentos apenas esboçados por ent
as hervas, reflectiu-se intensamente na freque
cia do novo jardim. A decadencia precipitou-s
Dos antigos frequentadores, só os bébés n
desertaram. Mas na hora adversa, a dedicaç
dos poucos homens, que presidem aos destin
da Sociedade, cresce, fortalece-se, faz frente
derrocada, e ao cabo de oito annos, quan
a desdenhosa Lisboa se começa a surprehend
de que o Jardim Zoologico ainda exista, a no
cia da sua transferencia para as Laranjeiras ve
immobilisar o riso dos desdenhosos e castigar
desdem dos incredulos. Durante esses annos
privações, por um verdadeiro milagre admini
trativo, a Sociedade conseguira, não só mant
intactas as suas collecções e melhoral-as, m
tambem transformar n'um parque arborisado
charneca em que se installara em 1895 e d'ond
por sua vez, a despedia com exigencias o pr
prietario.

Era indispensavel procurar novo alojament
levantar outra vez o custoso arraial.

O barão de Quartim, a cujos filhos
commendador José Pereira Soares deixara e
herança a quinta e o palacio das Laranjeira
verificando a impossibilidade de custear se

prejuizo a famosa propriedade [1], que assim se transformava n'um onus para os herdeiros, netos do testador, deliberara, por esse tempo, pôr em praça e vender a celebre quinta do conde de Farrobo.

A precaria Sociedade do Jardim Zoologico pensa então em adquiril-a e installar-se no sumptuoso parque, que se transformaria, pelas suas bellezas naturaes e monumentos de arte, quando franqueado ao publico, no mais esplendido recreio da cidade. Era uma empreza arrojada, mas não desanimou, em face dos previstos obstaculos, a energica iniciativa dos directores. Perdido o ensejo, que se offerecia, de adquirir as Laranjeiras, seria difficil, senão impossivel, encontrar recinto apropriado para installar as collecções e a dissolução impunha-se, como epilogo de trinta annos de trabalho desinteressado e de dedicações generosas.

Havia comtudo longos preliminares a discutir, graves difficuldades a resolver, antes de se entrar em negociações com os herdeiros. E de tal maneira foram esses preparativos morosos, que a Sociedade encontrou já as Laranjeiras

(1) O commendador José Pereira Soares, sogro do sr. barão de Quartim, dispozera de cincoenta contos, moeda brasileira, no seu testamento, para as despezas de conservação da principesca quinta.

vendidas quando, finalmente, as ia disput
Comprara o palacio, com todos os jardins, p
ques, terrenos de vinha, semeadura e pinhal
cento e oitenta mil metros quadrados de terre
—o sr. conde de Burnay, que é, em Lisb
quem compra tudo o que os outros não quer
ou não podem comprar.

Mas não abandonou a direcção, com e
contratempo, o seu arrojado plano. As nego
ções proseguiram com o novo proprietario,
ao accordo final, que abandonava, por u
renda fixa e um largo periodo de tempo,
Jardim Zoologico, nove hectares de terreno,
cluida a parte mais bella das Laranjeiras, c
os lagos, o coreto, o jardim de inverno, o o
lisco, a ponte pensil, as tres estufas mouris
e a formosissima avenida central.

O sr. conde de Burnay—ainda hesitante
bre o destino a dar á parte que se reservou
ficava na partilha com o palacio, o theatr
outros nove hectares de terreno, servidos p
avenida do sul, que segue a par da antiga qui
do conde de Barbacena.

Os difficeis e custosos trabalhos de adap
ção do parque principiaram logo, dirigidos p
sr. Mendes Guerreiro, cujo principal cuida
consistiu em conservar o traçado e a disposi
d'aquelles jardins historicos, verdadeiros jard
de Armida, por onde passeara a flor da a
tocracia de 1840, o *creme* da côrte de D. M

ria II. Por seu lado, o sr. conde de Burnay vedava os seus jardins com uma gradaria de ferro, transportava para o fim da grande avenida—por onde, em 1843, desfilou, entre alas de lacaios com brandões accesos, o sequito da rainha, da imperatriz e das infantas,—um portão monumental, de tres corpos, e iniciava os trabalhos de restauração do palacio, com essa actividade que foi sempre o segredo da sua fortuna. De parte a parte, os trabalhos proseguem, adeantadissimos. As vedações acham-se quasi concluidas e o novo Jardim Zoologico começa a apparecer entre os macissos de arvoredos, nas espaçosas rotundas, em volta da *Casa dos Espelhos*, convertida em escriptorios—grave destino de um ninho amoroso!—e ao comprido das avenidas, onde já se elevam os coruchéus dos pombaes, cheios de arrulhos ternos e de ruflar de azas brancas.

Entrando pelo grande portão principal da estrada de Sete Rios, que eleva para o ceu as suas lanças de bronze, enfestoadas de pampanos, entre os dous torreões circulares, coroados de belvedéres, encontra-se a avenida central, que partindo de uma rotunda ornamentada com bustos romanos, em plinthos de marmore da Arrabida, conduz ao palacio.

É n'essa avenida que o barão de Quintella fez edificar o obelisco, em memoria de D. João VI e das victorias dos exercitos portuguezes, com

as suas inscripções em latim. A rua da esque
conduz á *Casa dos Espelhos*, incendiada p
condessa de Farrobo e reconstruida pelo cc
mendador Soares, que succedeu ao duque
Abrantes na posse das Laranjeiras. As ruas
direita communicam a avenida com os vas
jardins, ornados de taças de marmore, de
extenso lago, atravessado pela ponte, — co
truida pelo mesmo engenheiro que dirigiu
montagem da antiga ponte pensil do Porto,
de um coreto no mesmo estylo dos belvedé
da entrada e das tres estufas mouriscas, de
dros coloridos, que decoram o espaçoso e l
lissimo jardim de inverno.

Deu o sr. conde de Burnay cincoenta con
por uma das mais ricas e bellas vivendas de
creio de Portugal, construida pelo homem q
no seculo XIX, melhor soubera gastar uma f
tuna enorme em divertir a gente do seu tem
O palacio das Laranjeiras é hoje um verdade
documento historico da galanteria do reina
de D. Maria II. Elle só, representa uma chron
mundana, voluptuosa e gentil, onde revive e
Portugal ostentoso e prodigo, irrequieto e *jo*
seur, da época da *Maria da Fonte* e da Ju
do Porto, dos Cabraes e dos Passos, de Garr
e de Souto-Maior, em que se conspirava
bailes, se fazia litteratura na politica e polit
na litteratura; época dos marechaes e dos
ques, das infantas e dos poetas, que tão ori

nalmente caracterisa o primeiro reinado do liberalismo. Pelas Laranjeiras passou, durante vinte annos, tudo quanto Portugal teve de illustre, desde os reis aos artistas, desde os diplomatas aos janotas.

Joaquim Pedro Quintella, 1.º conde de Farrobo, 2.º barão de Quintella, par do reino, 2.º senhor da villa do Prestimo, 2.º alcaide-mór da villa da Sortelha, gran-cruz da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa e commendador de Christo, coronel de cavallaria da guarda nacional, inspector dos theatros, capitalista e banqueiro, foi o semi-deus do mundanismo lisboeta, o *emprezario* de todo o prazer da capital. A quinta das Laranjeiras, que na escriptura de instituição do vinculo, em 1801, figura com o valor de vinte e quatro contos, foi o palco predilecto onde o conde de Farrobo armou as maiores apologias do seu fausto e o sorvedouro onde sumiu as mais abundantes catadupas do seu ouro. O seu pomposo delirio de grandezas empenhou-se, sobretudo, em embellezar essa quinta favorita, em tornal-a digna dos espectaculos de luxo em que se aprazia a sua imaginação de megalomano incorrigivel, seduzida pelo apparato e inquinada pela monomania do fausto.

Esse D. João V dos banqueiros, gastava, só nas grades de ferro e nos ornatos de bronze do jardim cerca de quarenta contos, e nas restau-

rações a que procedeu nos salões de baile e de espectaculo, para a festa offerecida, em 26 de fevereiro de 1843, a D. Maria II, perto de setenta! Os tectos das salas eram do pintor Fonseca; os scenarios de Rambois e Cinatti; os estuques dourados pelo Margotteau. As sumptuosidades do guarda-roupa, a riqueza da *mise-en-scène* e adereços condiziam, no theatro de Thalia, com a pompa do palacio Quintella. Hoje, d'esse theatro magnifico restam apenas as paredes; dos camarotes apenas umas traves; do palco apenas uma arrecadação de lenha! Apagadas as luzes, enterradas as lindas mulheres, morto o prodigo banqueiro, amigo de D. Pedro IV, o que fica d'esse esplendor são apenas ouros desbotados, estuques sem frescura, *plafonds* vistosos e mediocres: toda uma scenographia, que póde ainda deslumbrar por momentos o olhar, mas que trás á memoria o desdem severo de Oliveira Martins... Felizmente, os jardins salvaram-se da derrocada. A mesma chuva, que deteriorou os voluptuosos *plafonds*, por onde dansam os faunos e as nymphas e se desvendam as deusas, fez medrar os cedros, desenvolveu os bosques, as ruas de buxo, as pyramides de murta. O sol, que desbotou as paredes, fez florir annualmente os arbustos, as glycinias, as roseiras, os laranjaes e as buganvileas. A ruina do galante Farrobo, apenas a resentiu o seu palacio. O parque continuou a prosperar depois da sua morte. O aban-

dono não impediu os arvoredos de crescerem. Os lustres apagaram-se nos salões, mas o sol nunca se apagou no ceu. Com alguns contos de réis, intelligentemente gastos, os jardins das Laranjeiras readquiriram a sua belleza primitiva, e quando a Sociedade do Jardim Zoologico abriu ao publico o seu portão sumptuoso, Lisboa teve emfim um recreio salubre e lindo, onde os desfavorecidos da fortuna, que não teem carruagem para ir passear ao Campo Grande, encontram sombras balsamicas de cedros e eucalyptos, canteiros floridos e espaçosas avenidas. Póde a camara municipal adormecer sobre o seu famoso parque Eduardo VII. O que ella, ha tantos annos, nega á cidade — um jardim espaçoso e agradavel, — deu-lh'o a Sociedade do Jardim Zoologico, sem reclamos e sem demandas.

XI

O Imperador da Allemanha em Lisboa — Um Cesar fardado de coronel — Um guerreiro de aspecto timido — Uma desillusão consoladora.

As maiores guerras, de que foi theatro a Europa, depois de apaziguada a *razzia* bellicosa com que as aguias douradas de Napoleão destroçaram o velho mundo, feriu-as a aguia negra da Prussia, nos debates de azas e garras com que todas as aves — e, similhantemente, todos os povos — concluem o seu ninho.

Os louros de Cesar, que durante dous mil annos coroaram a raça latina, passaram, depois de Rosbach e Sedan, a engrinaldar as espadas da Germania victoriosa. Nascida da guerra, edificada nos campos de batalha, a Prussia, que em 1613 era ainda um simples feudo da Polonia, attingia no ultimo quartel do seculo passado, depois da hegemonia, o apogeu da força militar entre as nações civilisadas, conservando o caracter eminentemente guerreiro, que successivamente lhe haviam imprimido os reis da dynastia dos Hohenzollerns.

As razões d'essa supremacia militar qui ram attribuil-as alguns historiadores de consi ravel sciencia ao proprio instincto marcial povo germanico, tornando-o responsavel do pecto bellico, que offerecem, n'uma era carac risada pelas tendencias pacificas da humanida as nações mais civilisadas do globo. D'esse c traste flagrante entre a civilisação e a barba: a primeira representada pelo triumpho da lib dade e pelo progresso das sciencias, a segur personificada na manutenção dos exercitos f midaveis, era considerada como responsavel Allemanha, imputando-se-lhe o crime de ha sacrificado ás suas ambições de conquista a p da Europa.

Se nos fosse necessaria uma irrecusavel pr contra a injustiça d'essa condemnação, o im rador da Allemanha nol-a teria trazido com sua presença.

Todos os que esperavam vêr em Guilherm a imagem symbolica d'essa Germania bellico terror dos povos, tiveram uma desillusão con ladora. Quem esteve em Lisboa não foi o d cendente do triumphador de Molwitz e de Pir dos esbulhadores da Suecia, da Dinamarca e Polonia, do conquistador da Lorena e da Al cia, mas sim o bisneto do amigo dilecto de V taire, do auctor do *Anti-Machiaveli* e do *Ens sobre as fórmas do governo e sobre os deve dos soberanos*, do compositor das cento e vi

e uma sonatas, o descendente do fundador da Academia de Berlim, de que Leibnitz foi o primeiro presidente!

O Guilherme II, que Lisboa viu, não é, de maneira nenhuma, o chefe dos uhlanos, o rei das casernas, com que a imaginação franceza se comprazia em figural-o, arrogante e desafiador, hirto como um idolo, hostil como uma lamina. Arrancada ao seu quadro militar, desataviada dos seus adornos marciaes, essa grande figura humanisa-se ao extremo de vêrmos apenas n'ella o soberano de um povo pacifico, trabalhador e erudito, que domina no mundo pela prosperidade do seu commercio, pela grandeza das suas marinhas mercantes, pelo progresso das suas industrias, pela cultura dos seus philosophos, pela inventiva dos seus sabios. Não foi o chefe dos granadeiros da Pomerania, o Cesar da Germania guerreira, que vimos, grave e reverente, em face dos tumulos de Camões e de Vasco da Gama, nos Jeronymos. A nação, que a sua imagem nos deixou evocar, foi a patria gloriosa de Schiller, de Goethe, de Leibnitz, de Hœkel, de Helmboltz, de Heine, de Schopenhauer, de Nietzsche, de Niebuhr, de Ranke, de Mommsen, de Mozart, de Beethoven e de Wagner; a patria das sciencias, da poesia e da musica; não o paiz de Moloch, mas quasi o paiz de Gretschen!

Primeiro, na hora do seu desembarque e

quando, á direita de el-rei, atravessou as ruas no coche sumptuoso de D. João V, inclinando-se, sorridente — iamos dizer quasi timido! — perante as acclamações; depois, na Sociedade de Geographia e em S. Carlos, conservando sempre a farda modesta de coronel de cavallaria 4 — o homem, em que pousaram com surpreza os olhos de toda a gente, não parecia o mesmo que os escriptos e as gravuras nos representavam, sobranceiro e frio, especie de despota decorativo, rigido e orgulhoso, cujos sonhos eram povoados de ondas de exercitos e para quem o troar da artilheria devia ser uma musica suave!

De estatura mediana, ainda juvenil de aspecto, a face oval, rosada, de queixo retrahido e voluntarioso, o olhar azul e suave, antes terno que imperativo, a bocca energica mas sem aspereza, a testa larga, o cabello fino, de um castanho claro, a rarear nas temporas, como para mais lhe dilatar a fronte de inspirado, tal é o homem, cujas palavras, gestos e ideias enchem o mundo moderno e influem de maneira tão poderosa nas civilisações contemporaneas.

Por certo que, como chefe supremo de um grande exercito, Guilherme II simúla maneiras e modos marciaes. Mas a simulação é flagrante. Sente-se demasiado o officio a impôr-se ao temperamento. O actor é trahido pelo homem. O ser moral não se deixa por completo subjugar pela vaidade physica. Debalde, ao fazer a

continencia, o braço adquire uma rigidez automatica e o busto se perfila, como se o fundisse em bronze a disciplina. Adivinha-se que o movimento é calculado e lhe falta a espontaneidade de um espirito guerreiro.

A principio, a nossa fraqueza infantil de latinos pelo decorativo, é desagradavelmente impressionada pela presença d'esse Cesar de face rosada, de olhos ternos e de bocca risonha, tão diverso da imagem, que a nossa fantasia afeiçoara. Mas logo, á desillusão passageira succede uma sympathia irresistivel, e tudo quanto o olhar não poude admirar é a reflexão, agora, que o vê. Estavamos preparados para contemplar uma linda estampa colorida; em logar da estampa, quando muito digna de captivar a imaginação de uma creança ou deslumbrar a ingenuidade de um rustico, encontramos uma obra profunda da natureza.

Os sabres, os pennachos, os capacetes, as couraças, os tufões equestres da cavallaria, as florestas de bayonetas, os estandartes e as aguias, os trovões de tambores, os clangores dos clarins — tudo isso é na Allemanha o que o fogo tellurico é para o globo: a recondita força vivificadora, talvez; o alicerce sobre que se levanta o edificio, sem duvida; mas nunca o seu remate. Forçoso é, depois de ter visto o Kaiser das victoriosas legiões germanicas, conceber sob um diverso aspecto a nacionalidade allemã e

attribuir a sua supremacia militar, não aos instinctos guerreiros do seu povo, mas ás circumstancias historicas, que lhe impozeram a guerra da unificação, em periodo já avançado na historia das civilisações europeias, quando os povos restantes tinham completado o seu cyclo heroico.

D'esse facto, meramente chronologico, a disparidade e o contraste apparentes. A dynastia dos Hohenzollerns representa na Prussia o mesmo papel e executa a mesma missão, que coube em Portugal á dynastia de Borgonha. E não a póde accusar a civilisação moderna de ter, já não digo exorbitado, mas abundantemente exercitado o seu poder militar, á similhança da Hespanha e da França.

Só em 1713, pelo tratado de Utrecht, Frederico Guilherme I, pae do *grande* Frederico e conquistador da Pomerania sueca, obtinha o titulo de realeza, para o seu ducado da Prussia! Se dous seculos de guerra representaram ou não o desesperado e energico esforço de uma raça superior para a conquista do seu *habitat* e das suas liberdades, muito mais do que o delirio bellicoso de um povo de vandalos, despertando com clamores guerreiros o socego da Europa, dil-o o triumpho das sciencias, das artes e das industrias, n'esse grande imperio recemnascido. O erro vem de se confundir a Allemanha catholica e omnipotente da idade-media com a

Allemanha lutherana da historia moderna. Nada teem de commum as duas, a não ser a guerra accesa em que se degladiaram os Hapsburgos e os Brandeburgos, a casa dos Hohenzollerns e a casa de Austria, e d'onde resultou a obra surprehendente de Frederico II, que preparava a Guilherme I a gloria de deslocar a séde do imperio allemão das margens do Danubio para as margens do Sprea.

Essas guerras memoraveis, que arrancaram a Europa do seu repouso egoista, tiveram um fim essencialmente civilisador, tendo sido o preludio marcial do grande hymno entoado ao trabalho pacifico e á sciencia fecunda pela contemporanea Allemanha.

Assim interpretada a historia, cessa a surpreza, que nos causou a imagem de Guilherme II, com as suas faces rosadas, o seu cabello louro, os seus braços asymetricos, o seu aspecto quasi timido de juvenil coronel de cavallaria 4. E já todos o suppõem um bom rapaz ao vêl-o partir, com o seu desabrido e coxo embaixador, para esse imprevisto golpe de mão sobre Marrocos, que de repente o desvenda e nos permitte consideral-o, tal como elle é, rei duplice de soldados e de commerciantes, especie nova dos velhos Medices manhosos: alma antiga, com os orgulhos morbidos de um Filippe II e as arremettidas cavalleirescas de um Amadis de Gaula, atacado pela mania moderna do exhibicionismo,

preoccupado em falar constantemente ás imaginações romanescas e ingenuas do seu povo e em occupar, animado pelos applausos germanicos, como uma Sarah Bernhardt da realeza, as attenções universaes.

XII

O leilão do sr. João Arroyo — Progressiva dispersação das collecções de arte — O que desappareceu e o que fica — A casa de um artista — O salão *Pêle-Mêle* — A sala Luiz XVI — A sala dos charões — Um quarto de cama em estylo Luiz XIII — Os quadros — O leilão Rebello da Silva — O leilão Zea Bermudes — O leilão Fernando Palha — O preço da obra de arte — Uma anecdota — Rubens em Villa Viçosa — O *Paulo e Virginia* de d'Epinay — O tapete persa da Misericordia do Porto — O que nos resta em obras de arte.

Mais uma collecção de arte que desapparece depois do terremoto de 1755, que tantas subverteu!

Que nos lembre são, pela sua ordem chronologica, as do duque de Lafões, dos marquezes de Borba, Angeja, Penalva, Louriçal, Tancos, do conde da Ericeira, de Silva Oeirense, do barão de Alcochete, de D. Fernando, do visconde de Daupias, de Zea Bermudes, de Fernando Palha, do marquez da Foz, do dr. Teixeira de Aragão, para só falar dos nucleos de collecções e galerias de mais renome, pondo de parte, pela impossibilidade de as inscrever a todas, as grandes casas antigas, contendo riquezas agglomeradas no decorrer de numerosas

gerações e que a lei dos morgadios e extincção dos vinculos, as partilhas entre herdeiros, as decadencias inevitavèis em tudo o que é transitorio, dispersaram.

Com um muzeu nacional pouco menos do que pobre, só nos restam, depois dos paços reaes, as collecções dos srs. duques de Palmella, preciosissimas, e o bric-à-brac abundante dos srs. condes de Burnay, onde, ao lado de vulgaridades ostentosas, ha algumas peças artisticas de extraordinario valor. Aqui e além, nas mãos da nobreza, em raras casas de artistas, pelas salas de banqueiros e dos negociantes ricos, guardam-se ainda um ou outro movel, quadro, porcellana de merecimento e preço. Mas tudo isso, como poeira de ouro exposta ao vento, não resistirá ao trabalho dispersivo de duas outras gerações, quando muito. Seria necessario que o culto das artes se radicasse na educação das maiorias, proporcionalmente a um augmento sensivel da fortuna particular, para que nos fosse consentida a esperança legitima na mobilisação, dentro do paiz, das preciosidades artisticas ainda n'elle existentes. Cousa alguma, infelizmente, nos permitte essa esperança. Póde-se mesmo calcular que, dentro de um seculo, o estrangeiro terá seleccionado tudo quanto de precioso ainda existe extraviado da sua gula nas nossas mãos, deixando-nos apenas o joio. Ninguem, entre aquelles a quem interessam as

artes, guarda duvidas a este respeito. Os unicos correctivos a este exodo de riqueza nacional são da attribuição do Estado. Tanto vale dizer que debalde esperariamos d'ahi o remedio. O Estado é, em Portugal, iconoclasta por tradição e por indole.

Inutilmente se tem appellado para elle, no sentido de empregar os meios repressivos á exportação de objectos de arte e simultaneamente facilitar a sua entrada no reino. A sua surdez é obstinada. Vivemos ainda no regimen de livre sahida e de importação sujeita a enormes direitos sumptuarios. O fisco fecha obstinadamente os olhos a tudo o que sahe e tem-os ferozmente, vigilantemente, abertos sobre tudo o que entra. A perdurar esse regimen absurdo restava um unico correctivo salvador a contrapôr-lhe: a acquisição, pelo Estado, por meio da licitação em hasta publica, ou por compra a particulares, dos objectos artisticos de reconhecido valor. O ridiculo subsidio dado ao Muzeu Nacional de Bellas-Artes antes parece, porém, traduzir um escarneo do ministerio que o sancciona do que a mingua do thesouro que o arbitra.

Em Portugal não são, geralmente, os homens ricos, quem collecciona os objectos de arte. São os homens de bom gosto. D'ahi a ephemeridade d'essas collecções. Como o *Cousin Pons* de Balzac, o artista adquire incessantemente todas as

obras bellas que encontra ao alcance da sua bolsa. Um bello dia póde encontrar-se arruinado, mas a sua casa é um muzeu. Só lhe resta vender o muzeu. E quando, como no caso presente, não é a indispensabilidade de converter em numerario a riqueza improductiva, que impõe a dispersão das obras de arte pacientemente reunidas, a causa nunca deixa de ser a desproporção entre esse capital morto e a fortuna do individuo. Foi por tel-o comprehendido, que o sr. marquez da Foz vendeu as collecções do palacio da praça dos Restauradores.

Por motivo identico, presumimos nós que o sr. conselheiro João Arroyo vende as collecções do palacio de Santo Antonio dos Capuchos. O artista encontrou-se um dia rodeado do luxo de um millionario. O homem de senso, que dormita no fundo de todo o artista, acordou. A venda, por mais que isso custe á paixão e á vaidade, impõe-se, decide-se, faz-se.

Todos aquelles para quem a arte não é indifferente, devem compartilhar do intimo pesar do sr. conselheiro João Arroyo, ao vêr imminente a dispersão de tanta preciosidade, que o seu gosto apuradissimo reunira n'essas salas, ainda tão saudosas das festas que o primeiro ministro dos estrangeiros do ultimo ministerio regenerador ali deu!

Quando as lampadas de ferro forjado e dourado da escadaria e os lustres de Veneza das

quatro formosissimas salas illuminavam os pannos de Arrás, os quadros, os estofos de seda e de brocado, os charões, os bronzes, as porcellanas, os crystaes e os moveis de *marqueterie*, o aspecto interior do palacio era, sem duvida, dos que ficam na imaginação e nunca mais se desvanecem da memoria.

A saudade dos antigos frequentadores da casa da rua de Santo Antonio dos Capuchos, evocará o pequeno atrio adornado com cadeiras de espaldar e arcas flamengas, o vestiario com os seus bancos de sola lavrada, a pequena escada, em cujo patamar se desdobra um panno de Arrás, tendo por thema *A Caridade*, em estylo quinhentista.

Depois, a galeria, com *A Virgem e o menino Jesus* de Guido Reni, uma *Batalha* assignada Von der Meulen, uma *Paizagem* de Zucarelli, a *Ceia*, attribuida — não sei porque — a Carrachio, o *Calvario* de Lucas de Leyde (?), um *S. Gonçalo* de Morales, o Divino, uma *Descida da Cruz* da escola de Dürer, duas *Paizagens* de Salvator Rosa, um *Retrato de dama* de Piazzetta, um *Retrato* de Jordäens, um *Interior* maravilhoso de Teniers!

Em frente abre-se o sumptuoso salão *Pêle-Mêle*, de paredes forradas a velludo lavrado, vermelho e côr de ouro, e de cujo tecto pende um lustre de Veneza — o lustre de Murano, que foi de Fernando Palha. Ao fundo da sala, desdo-

brado, o maravilhoso panno de Arrás, representando o *Triumpho de Scipião, o Africano*, com $5^{m},22$ de comprido por $3^{m},38$ de alto e a sua moldura em estylo raphaelesco, mal consente que a attenção se reparta pelos restantes adornos: — pequenos quadros gothicos da escola de Memling, de Métzsis, de Vivarini, expostos n'um buffete; as duas esplendidas commodas Luiz XIV, com bronzes assignados; o contador florentino da antiga collecção Bermudes; os contadores indiano e hispano-arabe; o admiravel contador italiano da primeira Renascença, todo de ebano e bronzes cinzelados, com pinturas gothicas; as duas soberbas talhas de fundo azul; os grupos rarissimos de antigas porcellanas da China, do Japão e da Corêa; o sophá e as cadeiras em estylo Luiz XIV, dignas de um paço real...

Á direita fica a salinha Luiz XVI, com as suas duas elegantissimas e preciosas commodas semi-circulares, floreadas de embutidos; a sua mobilia, branco e ouro, estofada de seda, com pinturas mythologicas; os seus *bibelots* de Sévres e de Saxe, as duas urnas admiraveis de porcellana de Buen Retiro, com guarnições de bronze. Á esquerda, a sala dos charões, com as paredes decoradas de tapetes da Persia e de Arrayolos, de colchas da China e de pannos lavrados de Genova, com cercaduras em estylo do Renascimento. A memoria perde-se entre tanta

abundancia de preciosidades. Uma espineta flamenga, de charão vermelho com ornatos dourados, attribuida, como a espineta preta do marquez de Vallada, ao mobiliario de madre Paula! Uma collecção infindavel de bronzes orientaes, esmaltados e incrustados de ouro! Tres bahus sumptuosissimos de charão! Uma commoda e uma papeleira acharoadas! Todo um muzeu que um millionario americano transportará talvez intacto para o seu palacio da 5.ª Avenida, em Nova York.

Finalmente, ao fundo, a sala Renascença, com o faustuoso armario de ebano, uma arca de couro lavrado e as duas vitrinas cheias de leques, esmaltes, vidros de Veneza, pequenas peças raras de Saxe, de Sévres, de Wedgewood, ourivesarias preciosas, a mais pequena das quaes vale as duas mãos cheias de libras!

São agora os quartos. Primeiro, um pequeno gabinete de *toilette* do sr. conselheiro João Arroyo, mobilado em estylo Imperio, com um toucador que madame Recamier invejaria; em seguida, o quarto de dormir, severo, em estylo Luiz XIII, com o leito de pau santo sob um baldaquino de velludo vermelho escuro, suspenso do tecto por cadeias de ferro trabalhado em espiraes e flores; depois o *boudoir* Luiz XV, o quarto de *toilette* Luiz XVI...

Impossivel seria, n'esta evocação rapida, demorar a vista em cada preciosidade, tantas ellas

são, surgindo e crescendo de toda a parte, de cada parede, de cada vão, de cima de cada movel, desnorteando o espirito mais methodico, desafiando a prodigalidade do mais avaro. Succedem-se os tremós, os espelhos, as placas de bronze cinzelado, as porcellanas, os crystaes, os pequenos sophás galantes do tempo das secias e das franças, as *bergéres*, os toucadores... E quando, d'essa atmosphera de galanteria, evocadora de cabelleiras empoadas e faces mosqueadas, se passa á sala de jantar, com o seu *lambris* guarnecido de louças da India, o fogão monumental carregado de pratas como um throno de altar-mór em domingo de Ramos e os seus dous soberbos armarios hollandezes, tem-se a impressão de caminhar ao avesso no tempo, n'uma revista retrospectiva das artes e dos costumes.

Este leilão é, pelo seu annuncio inesperado, um thema excellente para o exercicio eminentemente lisboeta da bisbilhotice. Em Cintra, nos Estoris e em Cascaes, até ao fim do outomno, o leilão do sr. conselheiro João Arroyo entrará nos *flirts*, nas conversas de casino e de praia, juntamente com o elenco de S. Carlos e as celebridades do D. Amelia.

Ha vinte annos, só as familias empobrecidas faziam leilão da mobilia. Hoje, é a gente rica.

Um leilão, em 1870, era motivo de dó. Hoje, é um titulo de vaidade. D'antes, chamava-se o leiloeiro em ultima extremidade. Hoje, é da praxe chamal-o na maxima prosperidade. Não se diz mais: *coitado, faz leilão!* Segreda-se, com inveja: *já faz leilão!*

Este conceito, que, á primeira vista, parece absurdamente paradoxal, corresponde, entretanto, a uma realidade ou, quando menos, a uma apparencia de realidade. Com excepção de meia duzia de grandes casas, que a prodigalidade dos chefes ou a loucura esbanjadora das mulheres arruinara ahi por volta de 1875, quando se apagaram quasi todos os lustres dos salões de Lisboa, o lisboeta só vira tremular a bandeira do leiloeiro na varandinha burgueza ou nas janellas da «familia que parte para o Brasil». Ia-se ao leilão, modestamente, para comprar um fogão de cosinha, uma cama de mogno, um guarda-vestidos de vinhatico. Mas um dia os bens de um rei são postos em leilão! Esse grande acontecimento nobilitou, de subito, o officio do leiloeiro, que principiou a apregoar, com a emphase do arauto do *Lohengrin: Um panno de raz! Uma talha da China, marca sangue! Um quadro de Teniers!*

Os exemplos salutares de D. Fernando e do conde de Salamanca propagaram, ha trinta annos, o amor sincero ou postiço pelas artes. Toda Lisboa foi contagiada pela doença da col-

lecção. Os conventos foram postos a saque. Arrancaram-se as talhas das capellas. Organisou-se a Exposição de Arte Ornamental. Fundou-se o muzeu das Janellas Verdes. Os banqueiros quizeram ter salas em estylo D. João V, gabinetes em estylo Imperio, *boudoirs* em estylo Luiz XVI, em memoria dos avós, que a esse tempo arroteavam terras, vendiam pannos na rua Nova ou faziam a barba aos familiares do Santo Officio. Uma nova industria appareceu, prosperou: a do objecto de Arte. Colleccionou-se tudo, desde o quadro á medalha, desde a cadeira á terrina. Colleccionou-se sem methodo, sem medida, sem paixão: por moda.

Foi uma aprendizagem ruinosa, antes que produzisse aptidões seleccionadoras entre a turba-multa dos atacados pela doença da colleccionação. Os incapazes principiaram a liquidar, em proveito dos competentes. Havia em Lisboa vinte, trinta, quarenta *Cousins Pons* a esgaravatar em ferros velhos, transportando todos os dias para casa, chegado ao seio, um leque, um relogio, um calice de Veneza, uma miniatura ou uma estatueta de velho Saxe. Esses eram os pobres, enamorados da eterna belleza, formigas laboriosas a encelleirar para as cigarras. O especulador medrava n'esse meio prospero. Durante dez annos, tudo o que tinha valor artistico, ou que simulava tel-o, se amontoou progressivamente nas casas dos colleccionadores

obscuros, para principiar depois a sahir, em liquidações successivas, para as casas dos colleccionadores abastados.

Essa primeira phase de mobilisação do objecto de Arte passou-se no silencio. Outros dez annos decorreram e o phenomeno repetiu-se com o colleccionador opulento, como já se déra com o amador sem recursos. É então que o leilão entra no seu periodo mundano, e o anno de 1895 se notabilisa pelas vendas successivas de grandes collecções.

Como que presentindo-as e adivinhando-as, fundara-se a Empreza Liquidadora, na Avenida. E, logo em fevereiro d'esse anno, começava ella a liquidar parte da collecção do dr. Rebello da Silva.

Lisboa ficou, a principio, surprehendida e preoccupada. A ideia de leilão estava no espirito publico associada ás ideias de fallencia, derrocada, exilio ou partilhas. Não se comprehendia que um individuo por outro motivo pozesse em hasta publica os seus moveis, as suas *cousas*.

Para esse primeiro leilão da grande serie, que termina com a dispersão das collecções Foz, Teixeira de Aragão e Arroyo, o lisboeta encontrara uma explicação, que, embora inveridica, o satisfez; eram feios os moveis e eram falsas as louças! Ao leilão, que se realisou no palacio de S. Sebastião da Pedreira, concorreu um publico

numeroso, ávido de presencear um espectaculo novo, sem precedentes. Mas o resultado das vendas não correspondeu á affluencia dos *mirones*. O dr. Rebello da Silva viu-se na necessidade de licitar em alguns dos seus moveis e objectos de Arte, para impedir que resvalassem, por quantias mesquinhas, em mãos de arrematantes mediocremente generosos.

É necessario, porém, attender a que a maioria d'esses moveis, offerecidos á venda, era de proporções desmesuradas, incompativeis com as bocetas, a que se convencionou chamar salas em Lisboa, accrescendo ainda, para tornar mais escabrosa a tarefa do leiloeiro, mesmo em relação aos amadores, o facto de não offerecer a maior parte do mobiliario o attractivo da antiguidade.

D'elle faziam parte bufetes de pau santo, com bilhardas torcidas, medindo $1^{m},75$, $2^{m},45$ e $3^{m},35$; uma secretária com $2^{m},30$ de comprido; uma estante em ebano de $3^{m},10$; uma bibliotheca, em castanho do norte, construida nas officinas do restaurador de antiguidades, Augusto José Barreira, composta de talha procedente de uma velha capella do seculo XVII, da freguezia de Paçô, com $5^{m},37$ de comprimento, por $3^{m},10$ de altura! Eram moveis para um palacio de cyclopes, em relação com os espelhos de Veneza, medindo $2^{m},30$ de largura, os *plateaux* de bronze dourado, constituidos por duzentas e setenta e cinco peças, os candelabros

de bronze com $2^{m},20$ de alto, os grupos de Saxe com $1^{m},25$ de diametro!

Logo a seguir a esse, outro leilão sensacional se annunciava: o das collecções do finado diplomata hespanhol Zea Bermudes, casado com a senhora viscondessa de Benavente, e de que faziam parte *A Sibyla de Cumes*, de Dominiquino; uma *Allegoria*, de Poussin; uma *Paizagem*, de Paulo Potter; uma *Marinha*, de Salvator Rosa; um *David e Golias*, de Guarcino; um *S. Sebastião*, de Rubens; um *Senhor da Canna*, de Morales; uma *Galatéa*, de Albano; uma *Sacra Familia*, attribuida a Murillo; uma *Flora*, attribuida a Raphael; um *Christo a caminho do Calvario*, de frei Sebastião del Piombo; uma *Allegoria*, de Buonarotti; uma *Paizagem*, de Breughel Avelludado; um *Retrato de Cesar Borgia*, de Julio Romano; uma *Sacra Familia*, attribuida a Corregio; um *Retrato de Godoy*, attribuido a Goya, sem falar nas faianças preciosas de Urbino, nos contadores italianos, em estylo Renascença, de ebano, com figuras de bronze; de pau santo e tartaruga; de teca e marfim; um cofre em porphyro, engastado de coralinas, agatas, granadas e turquezas; os vasos etruscos das escavações do principe do Canino; moveis, faianças e quadros procedentes das galerias do cardeal Fieschi, dos duques de Montebone, dos principes Falconiere, da familia romana dos Braschi, da rainha D. Carlota Joa-

quina, dos marquezes de Campana! A collecção Zea Bermudes era celebre. O precedente do leilão Rebello da Silva aquietara as curiosidades e os raciocinios do lisboeta. Por isso, á casa da rua Castilho foram apenas os ricos amadores de bellas-artes. Mas já o exemplo eloquente dos destinos, que esperavam as collecções excessivamente avultadas pela desproporção que attingiam com a fortuna dos seus possuidores, esfriara os enthusiasmos dos primeiros tempos. Os dous esplendidos contadores italianos foram vendidos por trezentos e setenta e cinco mil réis e duzentos e quarenta e seis mil réis; a *Sacra Familia*, de Corregio (?) por um conto e quinhentos e dez mil réis; uma *Visitação*, attribuida a Memling, por quatrocentos e cincoenta e um mil réis. Viu-se arrematar uma tela, assignada Poussin, por cem mil réis! Um quadro attribuido a Albano não encontrou quem désse por elle mais de cento e cinco mil réis!

No dia 24 do mesmo mez de fevereiro, seis dias depois do leilão Zea Bermudes, o martello do leiloeiro resoava nas salas do palacio Palha, á rua Lazaro Leitão.

De ha muito que a familia Palha, onde era hereditaria a inclinação nobre pelas artes, estava de posse de preciosos objectos artisticos. José Palha morrera ao desencaixotar porcellanas e bronzes, que comprara em Paris. Fernando Palha fôra sempre em vida um verdadeiro artista. Com

justificado motivo eram tidas na conta de excepcionalmente bellas as collecções, de que elle tanto se orgulhava e tanto encarecia com enlevos de um sybarita requintado. O catalogo do leilão continha setecentos e oitenta e um numeros, entre porcellanas, bronzes, crystaes, esmaltes, faianças, gravuras, marmores, moveis, pratas e quadros, onde sobresahiam treze pinturas de Ribera, um Sequeira, um Teniers, doze telas de Annunciação, um *Moysés transformando as varas em serpentes*, attribuido a Rubens e uma *Adoração dos pastores*, attribuida a Raphael!

O celebre leilão tomou o aspecto de uma festa mundana, de elegancia, de ostentação e de vaidade. Ali se feriram verdadeiros duellos de caprichos. Viu-se o sr. Ayres de Campos arrematar por duzentos e setenta e um mil réis um pequeno grupo em porcellana de Buen Retiro, que ha dous annos tornei a encontrar em Coimbra, no gabinete da senhora condessa do Ameal. Dous armarios hollandezes, um dos quaes está presentemente na sala de jantar do sr. conselheiro João Arroyo, foram vendidos por duzentos e noventa e sete mil réis. O quadro de Ocon, *O porto de Algeciras*, arrematado por setecentos e vinte mil réis, encontra-se agora n'uma das salas do sr. José Palha Blanco, em Villa Franca. Duas terrinas de louça da India, figurando um pato e um gallo, foram adquiridas por duzentos e setenta mil réis. As duas serpentinas de prata,

em estylo Luiz XVI, cinzeladas por Auguste, arremataram-se por um conto cento e cincoenta mil réis. O lustre de crystal antigo de Veneza, que pende hoje do tecto da sala *Pêle-Mêle* do sr. conselheiro João Arroyo, vendeu-se por duzentos e noventa mil réis. Tres cadeiras em estylo Luiz XV, da casa Villar de Perdizes, eguaes ás que possuia o sr. marquez da Foz e ás que ainda possue o sr. Palha Blanco, arremataram-se por duzentos e noventa e tres mil réis. Os Rubens e Raphael obtiveram lanços ridiculos. A *Adoração dos Pastores*, attribuida ao pintor de Urbino, vendeu-se por sessenta e tres mil réis! Em compensação, onze chavenas de porcellana Derby attingiam cento e setenta e dous mil réis e um par de talhas da India seiscentos e quarenta mil réis!

Durante alguns annos, o leilão Palha bateu o *récord* das grandes vendas, até que o leilão Foz o veio supplantar. Está ainda na memoria de todos o espectaculo que foi essa liquidação do mais bello palacio de Lisboa e ninguem esqueceu a serenidade com que o sr. marquez da Foz assistiu á dispersão de tantas maravilhas. Coube depois a vez ao nucleo de primorosas collecções do dr. Teixeira de Aragão. Essas vendas successivas, que tanto contribuiram para educar o gosto, como verdadeiros cursos de esthetica, consentiram ainda, pela grande mobilisação dos objectos de Arte, que se produzisse

entre elles uma rigorosa selecção, de onde resultou o apuramento progressivo das novas collecções. E d'esse facto provém o valor excepcional do precioso thesouro, encelleirado na casa da rua de Santo Antonio dos Capuchos, cuja venda se annuncia para o mez de novembro. O sr. conselheiro João Arroyo reuniu nas suas salas alguns dos melhores objectos de Arte que figuravam nos catalogos de el-rei D. Fernando, de Zea Bermudes e de Fernando Palha. E é quasi certo que essas peças seleccionadas com tanto apuro esthetico, sahirão d'esta vez de Portugal, para nunca mais voltarem!

Dirão os homens incultos, ainda em maioria n'um paiz de analfabetos, que pouco se perderá com isso. Não me parece facil fazer-lhes sentir toda a enormidade da perda, que representam essas emigrações de objectos de arte. Nem facil, nem proveitoso.

Será possivel estabelecer com precisão o valor de um objecto de arte? Esta pergunta, mil vezes formulada, tem obtido invariavelmente a mesma resposta negativa. Para estabelecer o valor de um objecto, a sua raridade é um elemento insufficiente de avaliação. Torna-se indispensavel que o desejo em possuil-o se não circumscreva, antes se generalise. No commercio de arte, como em todos os commercios, o preço resulta da relação entre o numero de pretendentes e o numero dos objectos pretendidos. É a

concorrencia dos primeiros que estabelece o preço dos segundos.

Para a avaliação de um objecto de merito estimativo, todos os factores são variaveis no espaço e no tempo. Posta em praça em Cabeceiras de Basto ou no Fundão, a Venus de Milo seria arrematada pelo preço de uma charrua. A *Madona dos Ansidei*, de Raphael, comprada pela Nacional Gallery, de Londres, pela somma fabulosa de trezentos e vinte contos, ao duque de Marlborough, não encontraria em Portugal quem désse por ella quinhentas libras.

O sr. marquez da Foz tem, vae para tres annos, exposto nas salas da Empreza Liquidadora, da Avenida, o formosissimo grupo, em marmore, *Paulo e Virginia*, do esculptor francez d'Epinay, sem que haja obtido até agora comprador para elle. A belleza soffre tambem os caprichos da moda. D'Epinay, que passa por ser, com inteira justiça, um dos maiores esculptores francezes do seculo XIX, não é procurado, actualmente, pelos colleccionadores. Como perguntassemos a um negociante allemão de objectos de arte, de passagem entre nós, o motivo porque não adquiria o *Paulo e Virginia*, respondeu-nos:—Que quer que faça d'essa estatua? D'Epinay não se vende. Os americanos não sabem quem elle é. Se ámanhã a moda o resuscitar, farei de proposito a via-

gem a Lisboa para compral-a, ainda que seja pelo triplo do preço actual.

A moda de hoje, são os tapetes persas. Todos os millionarios americanos querem ter um tapete persa nas suas salas. Por isso os cinco velhos tapetes de Santa Justa, rotos, carcomidos, desbotados, foram vendidos por quinze contos, a 29 de abril, e o tapete da Misericordia do Porto, que não é nenhum monumento de arte oriental, obteve uma offerta de dous contos e quatrocentos mil réis, que foi regeitada, como mesquinha! Mas estas modas duram, ás vezes, pouco; e podia bem acontecer que o velho trapo do Oriente, pelo qual os mezarios da Misericordia do Porto recusaram dous contos, como se se tratasse de alienar as minas do Peru, não obtivesse ámanhã comprador por duzentos mil réis, como a obra do grande e esquecido d'Epinay! Teem-se visto cousas bem mais extraordinarias no mercado dos objectos artisticos.

Millet, o pintor do *Angelus*, que os millionarios do mundo inteiro haviam de disputar mais tarde, n'um enraivecido duello de lanços de ouro, não tinha com que comprar um feixe de lenha ao tempo em que pintava a sua tela sublime, e não encontrava facilmente quem lhe désse cem francos por um pequeno quadro, que vinte annos depois valia trinta mil!

Em 1852, na venda do marechal Soult, a *Assumpção* de Murillo foi adquirida pelo muzeu

do Louvre pela somma prodigiosa de quinhentos e oitenta e seis mil francos, não tendo custado a Soult mais do que o pequeno trabalho de pegar n'ella. Murillo tinha-a pintado pela centesima parte d'esse preço para a rainha de Hespanha. E Soult desculpava-se, dizendo ter vingado Murillo, roubando o quadro aos reaes successores d'essa rainha avara!

O famoso retrato de Rembrandt, uma das joias do Louvre, foi vendido em Amsterdam por menos de tres mil réis! A *Natividade*, do mesmo pintor, hoje guardada como um monumento do genio humano no palacio de Buckingham, vendeu-se na Haya por sessenta mil réis! Watteau dava dous dos seus quadros a um cabelleireiro para lhe pagar uma peruca! Corregio cedia a sua tela *Christo no horto das oliveiras*, em pagamento de uma divida de quatro escudos!

Em compensação, muitas vezes, a obra de pintores mediocres tem attingido preços e honras negados a obras immortaes. Quem conhece hoje Franz Fleris, que ganhava mil florins por anno, no tempo em que Rembrandt se debatia na miseria? Para que canto obscuro são desterrados nos muzeus os quadros de Antonio Moro, o amigo de Filippe IV de Hespanha, a quem el-rei D. João IV pagava seiscentos ducados por tres retratos?

E não é que a retribuição da obra de arte

seja, nos tempos modernos, mais equitativa. Raphael viveu como um principe e legou aos parentes e discipulos uma fortuna consideravel. Rubens habitava em Anvers um immenso palacio, com jardins povoados de estatuas, fontes, obeliscos, rotundas e lagos, no gosto da Renascença. As paredes das suas salas eram forradas de tapeçarias flamengas, os pavimentos recobertos de tapetes do Oriente, eguaes aos que Affonso de Albuquerque mandava para Portugal, um seculo antes.

No seu *atelier*, pomposo como uma sala do throno, os visitantes iam encontral-o, vestido como um principe de Hespanha, rodeado de uma côrte de discipulos reverentes e deslumbrados, ou lendo Tacito como um cardeal erudito do Sacro Collegio, ou pintando ao som de orchestras, sentado em frente a uma mulher de prodigiosa belleza, desvendada perante elle como deante de um Deus. Nas suas cocheiras de marmore relinchavam cincoenta cavallos arabes, andaluzes e flamengos, escolhidos um a um, como modelos de plastica. Para enriquecer o seu muzeu, subvencionava escavações na Italia, na Sicilia e na Grecia. E além do palacio de Wapper, Rubens possuia mais sete casas em Anvers, doze propriedades na provincia e o castello de Steen, perto de Malines, com granjas, florestas, lagos, fossos e ponte levadiça! Era tão grande o seu fausto, que d'elle se conta a se-

guinte historia, composta pela fantasia arrogante e desdenhosa de qualquer Gongora filippino: Tendo-o convidado o duque de Bragança para passar uns dias em Villa Viçosa, tão atemorisado ficara com o sequito immenso que o pintor arrastava atrás de si, como um soberano, e receioso das despezas de uma tão ruinosa hospitalidade, que lhe enviou um emissario com um presente de cem pistolas, encarregado de o dissuadir de continuar a viagem, e a quem o pintor respondera, negando-se a receber o mesquinho presente, que era seu intento proseguir a jornada e vir repousar uns dias a Villa Viçosa, para cujo fim trazia comsigo um milhão de pistolas!

A anecdota, diversas vezes narrada em biographias de Rubens, é inteiramente destituida de veracidade. Não ha memoria de similhante viagem de Rubens a Portugal, nem o fausto de principes em que sempre viveram os duques de Bragança, se compadece com a vaidade ostentosa da resposta dada pelo opulento artista de Anvers, ao tempo embaixador officioso da rainha Isabel, governadora da Flandres, secretario do seu conselho privado, amigod os reis de Hespanha e de Inglaterra e pintor da rainha Maria de Medicis, ao emissario do duque de Bragança.

Mas se a anecdota é inverosimil, — como essa outra que attribue a el-rei D. Luiz o ter ido mostrar ao duque de Tremoilles, na copa da

Ajuda, a baixella Germain, depois do banquete de gala pelo casamento do principe real D. Carlos com a princeza de França, D. Amelia,— tem a vantagem de pôr em evidencia à riqueza de um pintor, perto do qual a maioria dos banqueiros portuguezes são uns pobretões!

E ao lado d'essa opulencia, vê-se Stéphan Lochner, o maior dos pintores entre os primitivos allemães, cujas obras os muzeus da Europa disputam actualmente, morrer no hospital de Colonia; vê-se o Perugino arrastar dias de penuria e Rembrandt, tão grande como Rubens e Raphael, morrer inscripto como um dos soccorridos pela Sociedade de Beneficencia de Amsterdam. Cuyp succumbiu á miseria, no meio de obras primas. Ruysdael, cujas paizagens valem hoje dezenas de contos, expirou, incomprehendido, n'um quarto de hospital, pobre como Camões. Guido de Reni chegou a vender quadros ao seu alfaiate por seis escudos. Carrachio cedia a sua grande *Resurreição* por um almude de vinho e um alqueire de trigo!

Em todos os tempos, a moda, a celebridade, bem ou mal adquirida, justa ou injustamente merecida, foi e ficou sendo o factor essencial para a avaliação da obra de arte. Simultaneamente, a riqueza do paiz onde se realisa a transacção tem uma influencia decisiva sobre o preço do objecto.

A existencia de grandes quantidades de nu-

merario superfluo, consentindo a immobilisação de capitaes avultados na acquisição de objectos inuteis, é condição essencial ao alto preço do objecto artistico. Por isso os tres grandes mercados de arte são actualmente, pela sua ordem, Londres, Nova York e Paris. Mas — e não é demais repetil-o, — a belleza do objecto e a opulencia do comprador não bastam para a valorisação estimativa da obra de arte. É preciso que a opinião ou a moda adoptem um pintor, um estatuario, um entalhador, um cinzelador ou ebanista, para que, ás vezes ephemeramente, a sua obra attinja uma valorisação prodigiosa. Finalmente, uma das principaes causas determinantes do alto preço de certos objectos consiste, como na actualidade com os tapetes persas, nos caprichos rivaes de tres ou quatro duzias de individuos, empenhados no *sport*, eminentemente moderno, da raridade.

Se essas quatro duzias de individuos desapparecessem da superficie do globo ou se, bruscamente, se arruinassem, o valor todo convencional do objecto artistico desceria muitissimo. Sem duvida, toda e qualquer especie de valor é convencional, mas quando essa convenção é estabelecida entre milhões de homens, póde dizer-se que este universal desejo dá ao objecto um valor intrinseco. Já o mesmo não acontece quando o capricho, o vicio de exhibição e a moda imperam, exclusivos, na sua avaliação.

Não tentemos enganar-nos. Tudo ou quasi tudo o que hoje possuimos no paiz, em obras de arte, está fóra da esphera das grandes cubiças dos colleccionadores americanos e inglezes. Á parte meia duzia de quadros da escola flamenga, o *Fons Vitae* da Misericordia do Porto e os paineis da Sé de Vizeu incluidos, de alguns velhos tapetes da Persia, de alguns raros pannos de Arrás, de uma ou outra joia antiga, salvada do saque perseverante dos judeus allemães, o nosso espolio artistico em louças, moveis e pinturas não sobresahiria nos salões de venda da rua de La Rochefoucauld, em Paris.

Nunca tivemos pintores de renome universal, como Velasquez, como Murillo, como Watteau, como Poussin, como Rembrandt, como Rubens, como Durer, como Raphael, como Leonardo de Vinci. E o mesmo diremos de todos os outros ramos das artes: nem um esculptor como Donatello e Celline, nem um entalhador como Risenner. Á nossa vaidade é forçoso confessar que as faianças do Rato não valem as faianças de Urbino; que as porcellanas da Vista Alegre não valem as porcellanas de Sévres, de Saxe, de Buen Retiro; que os tapetes de Arrayolos não valem as tapeçarias dos Gobelins, de Beauvais, da Savonnerie; que os esmaltes do Porto não valem os esmaltes de Limoges; que os vidros da Marinha não valem os vidros de Murano. As nossas illusões de

bric-à-braquistas deixam-nos acreditar ainda no grande valor de algumas poucas collecções de arte, que possuimos. Essa illusão depressa se desvanece, ao folhearmos os boletins de venda do Hotel Drouot e ao verificarmos que simples homens de negocio, como Sedelmeyer, ao liquidar a sua galeria, expõem á venda a *Grande Madona Colonna*, de Raphael, o *Retrato do Cardeal Infante de Hespanha*, de Rubens, telas de Salomão e Jacob Ruysdael, de Rembrandt e de Constable! No que respeita a mobiliario, seria absurdo sahirmos da reserva a mais modesta. A Italia e a Hollanda nos seculos XV e XVI, a França nos seculos XVII e XVIII, exerceram uma realeza absoluta, sem partilha, no movel de arte europeu.

Das madeiras da India e do Brasil, com que lastravamos as naus, não soubemos tirar o partido que a França tirou das madeiras da Guyana. O nosso luxo foi todo importado. D. João V mandava vir as proprias perucas de Paris. Debalde Pombal tentou crear uma manufactura real de porcellanas, que rivalisasse com a fabrica de Sévres e chegou a pensar em fazer vir da China, da India e do Japão esmaltistas e pintores. Os mestres do Rato eram hollandezes, educados na escola de Delft. O ouro, as especiarias e os diamantes, que as frotas desembarcavam no Tejo, consentiam-nos ir comprar nos mercados da Europa os luxos que não

tinhamos. No nosso periodo de maior esplendor, os estrangeiros que nos visitavam, todos, unanimemente, admiravam o desconforto e a fealdade da casa portugueza. A nossa ostentação reduzia-se a comer em baixellas de prata, a ter cem cavallos nas estrebarias, a alimentar outros tantos famulos, escudeiros, egoariços e parasitas. Os governos e vice-realezas do ultramar pouco vagar davam aos fidalgos para cuidar do adorno dos palacios; e quando principiavamos a ser sybaritas, a decadencia chegou, com as invasões, as guerras, a fuga, o saque e o exilio!

No tempo em que Carlos I de Inglaterra, os Filippes de Hespanha, os Valois de França luctavam em gentileza e prodigalidade para attrahir os grandes pintores da Renascença, nós principiavamos apenas a sahir da barbarie das aventuras e das conquistas gloriosas. Nunca em Portugal existiu uma obra artistica de universal renome, fóra da architectura e da ourivesaria.

Não foi pois uma opulencia que nos arrebataram — e nos estão ainda arrebatando, — os mercadores estrangeiros de objectos de arte. Mas opulento ou não, tinhamos por dever a obstinada defeza do nosso patrimonio historico. Se hontem eramos pobres, hoje somos pauperrimos. A cada collecção que se dispersa, a nossa penuria aggrava-se. Por isso, nunca serão demais as lastimas com que deploremos o desapparecimento, em breves dias, da collecção do

sr. João Arroyo. Para a reunir, em França, na Italia ou na Inglaterra seria sufficiente ter dinheiro. Em Portugal já não basta hoje ter dinheiro e será por completo inutil o possuil-o d'aqui a um seculo ou menos...

XIII

As recitas de amadores — Do sarau das Picôas á recita do palacio de Santo André — No tempo de Alcipe — A sociedade portugueza de 1840 — A decadencia — As festas do conde de Farrobo, dos marquezes de Penafiel e do conde de Carvalhal — O theatro do Dafundo — Salões Asseca, Murça e Abrantes — D. Maria Kruz — Uma tradição que morre — O reinado de D. Maria II — A influencia da mulher na sociedade portugueza — A recita de 1 de maio em D. Maria — As comedias *El Porfiado, Les deux Veuves* e *D. Beltrão de Figueirôa* — O desempenho — Madame Morales de los Rios — As senhoras condessa de Arnoso e D. Celeste Jardim Anjos — As senhoras D. Luiza Mayer de Mello e condessa de Arge — A *pavana* — A graciosidade da mulher portugueza — A recita no theatro da Trindade — Um programma *vieille roche* — O *Procopio Baeta* — A recita dos srs. viscondes de Carnaxide — Os bailes dos srs. condes de Azambuja.

Deu-se na vida de Lisboa, durante o seculo XIX, um phenomeno de explicação difficil, sob o ponto de vista dos costumes.

Lisboa, que era, em 1800, uma verdadeira escola de sociabilidade, apresenta, em 1900, um dos mais caracteristicos exemplos da vida dispersiva das grandes cidades modernas.

Os habitos sociaes transformaram-se radicalmente n'um curto periodo de trinta annos. Depois da queda do ministerio Loulé, em 1870, sem que seja possivel encontrar sombra de relação entre o acontecimento politico e o facto

social, os salões hospitaleiros de Lisboa começaram a fechar as suas portas. Dez annos depois, da antiga vida só restava uma saudade entre os que a viveram e uma tradição galante para os que se lhes seguiram.

Na pintura do seu outeiro nocturno e sarau musical no solar das Picôas, pertencente á familia Freire de Andrade, o velho marquez de Resende, com tão pouco respeito pela chronologia como tão grande poder evocativo, faz-nos assistir a um vistoso serão, durante o reinado de D. Maria I. Propositadamente, o historiador reune n'esse quadro pittoresco as mais gradas personagens da côrte e entretem-as, segundo a moda delicada do tempo, em recreios poeticos e musicaes, glosando motes, cantando chacaras, dansando minuetes. Os mais illustres fidalgos, como o marquez de Penalva, as mais graciosas damas, como D. Maria Carcome Lobo, a condessa de Oyenhausen e D. Catharina de Sousa entram n'esse torneio das Musas, dando motes rimados a Tolentino e Bocage. Passa-se a noute, compondo redondilhas e dedilhando cravo, ouvindo Glück e Cimarosa.

A elegancia d'essa vida, cheia de requintes amaveis, prosegue inalteravel até á mudança da côrte para o Brasil. Na Ajuda, em Queluz, em Mafra succedem-se os serenins e as representações. As princezas são musicas eximias. D. Maria Francisca Benedicta pinta retabulos para a

basilica da Estrella. Os mais graduados fidalgos são socios da Academia. Póde essa era de gentileza, que deu Alcipe, não se notabilisar na politica, na arte, nas sciencias, mas comprehendeu e *viveu* a vida com o mais consummado espiritualismo. Toda essa galante sociedade de casacas de setim e de cabello empoado foi supremamente distincta e delicada.

De 1807 a 1833, as invasões, as guerras, as luctas intestinas, dispersaram essas atticas colmeias de douradas abelhas, mas mal serenam os ares, logo todas voltam, n'um borborinho de azas, voar sobre os canteiros rescendentes da belleza.

Durante trinta e cinco annos, a tradição renasce e resiste. O conde de Farrobo edifica nas Laranjeiras o seu theatro. Recomeçam os bailes e os graciosos serões. A conversa, esse luxo das aristocracias, reapparece. A expressão popular *dar á lingua* aristocratisa-se na phrase pittoresca *dar á divina*, de onde o chamar-se aos cavacos nocturnos do velho palacio de S. Christovão, presididos pelo marquez de Ponte de Lima, a *Rosa divina*. Os marquezes de Vianna, os condes de Carvalhal e de Penafiel preparam as mais brilhantes festas do seculo, aonde concorre uma sociedade espirituosa e mundanissima, com janotas rivaes dos Antonys e dos Brummels, com mulheres dignas de inspirar a penna de um Goncourt. Era o tempo de

D. João de Menezes, do conde de Vimioso, de D. José de Mello e Castro, de José Vaz de Carvalho, de Duarte de Sá, de D. José Coutinho de Lencastre, das capas á lord Byron, dos albornozes de estamenha de Argel, das casacas azues e côr de bronze, das cabelleiras á *sansimonieuse*, das calças de lemiste e dos colletes bordados. O janotismo convivia com o patriciado litterario. O estylo era na litteratura como na moda um titulo de nobreza. Cultivava-se o espirito com o mesmo escrupulo com que se cultivava a *toilette*. Os *dandys* mais intrepidos na estroinice nunca perdiam a linha e com o mesmo desembaraço raptavam uma bailarina, batiam-se em duello, retorquiam a um epigramma, representavam o *Frei Luiz de Sousa* e cantavam o *Duque d'Olonne*.

A essa geração de homens elegantes dava brilhantemente a replica uma pleiade de mulheres, que reinavam nos salões pela formosura e pelo talento: verdadeiras rainhas, que decretavam a gloria e que dispunham, na politica como nas artes, da celebridade dos homens. E quando já essas mulheres intelligentes e esses homens gentis não representavam mais a *Mademoiselle de Belle Isle* no theatro do conde de Carvalhal e a *Maria Jeanne* no theatro Thalia, ainda os serões e as festas das casas Palmella, Penalva e Vianna sustentavam com grandeza as tradições d'essa Lisboa brilhante e animada. No

palacio dos condes da Figueira, a Santo André, era fervoroso o culto das artes litterarias. O palacio dos condes de Sabugosa, a Santo Amaro, passava por uma succursal da Academia. Nas salas forradas a pannos de Arrás dos viscondes de Asseca, nos salões dos condes de Murça e do marquez de Abrantes, nunca faltaram os artistas. Os Palhas davam representações ensaiadas pelo visconde de Almeida Garrett nos seus palcos improvisados do Dafundo e de Santa Apolonia. Mendes Leal lia as suas *Indianas* no palacio historico da *Flor da Murta*. D. Maria Kruz, nos seus salões da rua Formosa, recebia embaixadores e poetas, philosophos e ministros, marechaes e janotas. E de repente, inexplicavelmente, tudo acaba. Vão-se apagando as velas dos lustres, fechando as portas dos salões hospitaleiros. A conversa declina e succumbe. A sociedade despede-se e dispersa-se. A tradição esmorece e morre. Um incendio consome o theatro das Laranjeiras. Os janotas passam as noutes no club, deante de pequeninas mezas verdes, a jogar cartas. O espirito evapora-se. Um grande tedio contagia, como uma epidemia, a nova geração. A ceremonia — essa mascara dourada do egoismo, — preside como uma lei inflexivel ao simulacro da nova sociedade, que se organisa. E Bulhão Pato, que conheceu os grandes janotas e beijou a mão ás mulheres de espirito, evocando esses tempos brilhantes e comparando-os á vulgaridade de

agora, diz com desconsolo: «Hoje, o que para ahi ha é uma *ensalada de varias ervas*, sem ser de Miguel Leitão, mas *ensalada de ervas*... rasteiras!»

Na primeira serie d'estas cartas incessantemente se lastimou que a moderna sociedade portugueza tivesse perdido os habitos de requintada sociabilidade, com todos os seus prazeres, recreios e passatempos predilectos, que a distinguiram sempre na Historia e que ainda nos meados do seculo XIX imprimiram á primeira geração do liberalismo um tão notavel cunho de graciosidade. Esse caracter de galanteria é por tal maneira o distinctivo d'essa época, que o historiador tem de narrar a cada passo os saraus, as recitas e os bailes, se quizer pôr alguns acontecimentos politicos do tempo nos seus scenarios apropriados. Essas espirituosas e vivas mulheres, vestidas na Levaillant, na Lombré, na Elisa, que tão lindamente souberam usar os chapeus á Bolivar e tão intelligentemente souberam dispôr da sua graça e da sua belleza, essas bailarinas infatigaveis dos salões das Laranjeiras, essas actrizes consummadas do theatro do conde de Carvalhal, essas espectadoras buliçosas das touradas de fidalgos no campo de Sant'Anna, tiveram o poder de animar singularmente, de um prestigioso encanto, a vida portugueza, que decorre de 1830 a 1860. Por toda a parte encontramos vestigios da sua omnipotencia. O reinado de D. Maria II foi por

tal fórma o reinado da mulher, que as proprias revoluções populares, como a da *Maria da Fonte*, se orgulhavam de a terem, real ou fantasiosamente, como instigadora ou padroeira. Mas, aos poucos, essa realeza foi-se deixando desthronar e, á medida que o homem se emancipava da sua tutela amavel, a vida ia perdendo todos os encantos, como um jardim abandonado, que deixa em breve de dar flores. Por isso, eu saudo com alvoroço o regresso da mulher, com a sua gentileza, a sua affabilidade, a sua fantasia e a sua alada graça espiritual, á presidencia de uma sociedade, que a direcção dos homens ameaçava tornar em breve fallida de espirito, de ideal e de belleza. As recitas dos dias 1 e 3 de maio, em D. Maria, marcam a subida da mulher novamente ao poder; foram a sua mais completa proclamação.

Era agora o momento do dissertar sobre as vantagens, que resultariam da intervenção da sua poesia na lucta cada vez mais inclemente e odiosamente material, que caracterisa as sociedades modernas. Em contraste com o homem, cada diá mais aspero e mais soffrego, para quem a existencia se transmudou n'um immenso campo de batalha, a mulher conserva-se a mesma melindrosa creatura, governada pelo sentimento, perpetuamente seduzida pela bondade e pela ternura, para quem o amor parece ser o unico destino da vida.

Os cinco contos, que approximadamente produziram as duas recitas, podiam, com menos despeza, com menos esforço, com menos trabalho, reunirem-se, á hora do jogo, n'um *club* elegante, ou á hora do negocio, n'um escriptorio de banqueiro. O homem teria mandado escrever e distribuir uma circular, e os cinco contos seriam summariamente cobrados em cheques ao portador, depositados nos cofres da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, com uma pequena noticia nos jornaes. Isso teria, infallivelmente, feito o homem.

Mas a mulher procedeu inversamente. Por esse dinheiro dos pobres, quiz dar o seu espirito, a sua formosura, a sua graça. Para obter esse parco subsidio á pobreza, não se poupou aos maiores sacrificios, não recuou deante das maiores difficuldades. Para obter a esmola, offereceu-se em espectaculo e por esse facto resgatou a humilhação indelevel da esportula dos ricos. Nenhum homem seria capaz de levar mais longe a subtileza na piedade. E n'isto visivelmente se reconhece a superioridade do seu sentimento sobre o nosso raciocinio.

As recitas no theatro Normal — no theatro de Gil Vicente, como Garrett queria que se lhe chamasse, e a que o cortezanismo dos liberaes deu o nome de D. Maria II — mereciam ficar archivadas pela narração de uma penna primorosa, ao mesmo tempo palaciana e arguta, ama-

vel sem lisonja, galante sem affectação, que soubesse, com clareza e finura, com sagacidade e brilho, descrever-lhes o encanto e extrahir-lhes o conceito.

Essas duas festas de galanteria e de espirito vieram revelar aptidões e talentos, que obstinadamente se occultavam sob apparencias quer rigorosas, quer frivolas, e deixaram largamente entrevêr n'uma sociedade, que apenas parecia distinguir-se pela pratica dos prazeres da vida, uma intima e luminosa attracção pela belleza e uma intensa sensibilidade artistica. Este era um thema, que maravilhosamente se prestaria a variações sem fim, pela minuciosa analyse de uma classe, cuja vida parece estar em contradicção com os seus verdadeiros sentimentos: obra vasta, para occupar volumes e não algumas paginas apenas, acompanhando a sociedade portugueza no seculo XIX, desde a morte de el-rei D. João VI, principiando na regencia da infanta D. Isabel Maria.

Outros virão a escrevel-a, talvez; e alguns capitulos ha d'ella que se acham escriptos por Bulhão Pato, Pinto de Carvalho, D. Thomaz de Mello, Julio Cesar Machado, Palmeirim e Visconde de Benalcanfor, sendo de lastimar que um mal entendido escrupulo, por parte dos seus possuidores, conserve enterrados nos archivos de familia subsidios de inapreciavel merito para a historia dos costumes portuguezes, e que um

preconceito, que outra cousa não representa senão a falta de coragem de opinião, nunca tenha deixado desenvolver-se em Portugal o genero litterario das *Memorias*, tão honrado na litteratura franceza e que conquistou em Inglaterra a voga, já centenaria, de uma verdadeira tradição familiar.

Assim, por exemplo, todos os successos da côrte de D. José se acham archivados na correspondencia, em fórma de diario, que D. Joanna Francisca Antonia Perpetua de Bragança, marqueza de Cascaes, sustentou, durante annos seguidos, com seu irmão, D. João Carlos de Bragança, 2.º duque de Lafões, exilado na Austria, dando-lhe conta de tudo quanto de importante se passava na côrte e no reino: correspondencia conservada em poder do sr. D. Caetano de Bragança. São do mais alto valor, ainda hoje, no genero epistolar, os archivos dos condes de Tarouca e da Ribeira, avultando, no d'esta ultima casa, a correspondencia da princeza D. Maria Francisca Benedicta, viuva do principe D. José e irmão da rainha D. Maria I, com a marqueza de Ponta Delgada, e uma copiosa correspondencia da marqueza de Alorna.

Não faltará, d'aqui a cincoenta annos, um chronista elegante ou um panfletario rigoroso, que para flagellar a decadencia do talento, do espirito e da graça na sua geração, cite, como um estimulo, o recente espectaculo em D. Ma-

ria, como até aqui nós faziamos, rememorando as festas dos condes de Farrobo e Carvalhal. E desde já é necessario dizer que, se a tradição do palco se quebrara nas altas classes, que a tinham, no principio do seculo XIX consagrado, nunca ella se perdera entre a burguezia e o povo. Ha actualmente perto de cem associações e clubs, em Lisboa, cujo divertimento predilecto consiste na representação de sainetes e comedias, na organisação de espectaculos e concertos, para o que dispõem de salões com tablado especialmente improvisado a esse fim (1). D'essas

(1) Club Fernando de Lacerda, Gremio Recreativo Estrella, Grupo Dramatico José Ricardo, Academia Instructiva dos Operarios Municipaes, Club Dramatico União, Grupo Cesar Dias, Grupo Carlos Lima, Sociedade Dramatica Musical União e Recreio, Sociedade Alumnos de Apollo, Sociedade d'Instrucção Guilherme Coussoul, Club Ferreira da Silva, Grupo Dramatico União e Alegria, Grupo Dramatico Familiar Liberal, Sociedade Alumnos de Minerva, Academia 1.º de Janeiro, Sociedade Philarmonica João Rodrigues Cordeiro, Sociedade Musical Ordem e Progresso, Club Dramatico, Club Recreativo de Beneficencia 8 de Maio, Club Recreativo do Calvario, Grupo Familiar Alegre, Academia Musical 10 de Agosto, Gremio Recreativo União Familiar, Grupo Dramatico 1 de Março, Associação dos Empregados Commerciaes e Industriaes, Circulo Catholico, Academia Recreio Artistico, Academia Recreativa Operaria Baetense, Club Antonio Maria Baptista, Real Associação Musical 11 de Março, Grupo

recitas de amadores teem vindo para o palco dos principaes theatros de Lisboa algumas das suas melhores actrizes e dos seus melhores actores d'estes ultimos trinta annos.

E que de todo se não obliterara na aristocracia a moda tão eminentemente lisboeta do palco, provam-o as duas recitas de 1877 e 1892, que ligam os espectaculos fidalgos de 1905 aos espectaculos mundanos de 1860. A primeira d'essas recitas, promovida pelos srs. duque de Palmella e D. Luiz de Carvalho Daun e Lorena, depois marquez de Pomares, a favor do cofre dos inundados e offerecida á rainha senhora D. Maria Pia, realisou-se no theatro D. Maria, em 25 de janeiro de 1887, e n'ella se representaram a comedia de Octavio Feuillet, traducção de Rebello da Silva, *A Fada*, desempenhada pela senhora D. Maria Manoela de Brito, hoje marqueza de Pomares, e pelos srs. barão da Regaleira, marquez de Bellas, Jorge Cabedo e Polycarpo Anjos, e o *Frei Luiz de Sousa*, de Garrett, com a seguinte distribuição:

Familiar de Sargentos, Sociedade Recreio Operario da Fabrica de Portugal, Grupo Dramatico Cesar Dias, Grupo Dramatico do Bairro Operario, Grupo Dramatico Amisade, etc., etc.

D. Magdalena	D. Adelaide de Tavora e Noronha
D. Maria	D. Anna de Noronha
Manoel de Sousa Coutinho .	Jorge Cabedo
Telmo Paes	Marquez de Bellas
Frei Jorge	D. João da Camara
Romeiro.	José Antonio de Freitas
Prior de Bemfica	Carlos Munró
Irmão Converso.	Conde das Antas
Miranda.	Antonio Pessoa de Amorim
Arcebispo de Lisboa . . .	José Torresão
Pagens	D. Luiz da Costa (Mesquitella) e D. Luiz da Costa (Villa Franca)

O espectaculo, que teve de ser repetido no dia 27, abriu com a symphonia da *Aïda*, executada por uma orchestra de amadores sob a regencia de D. Fernando de Sousa Coutinho, hoje marquez de Borba. No primeiro intervallo, o marquez de Bellas, que era um *diseur* primoroso, feito n'essa escola dos salões, onde tinham recitado Garrett, Mendes Leal, Bulhão Pato, Thomaz Ribeiro e Gonçalves Crespo, disse uma poesia de Luiz de Campos, dedicada á Rainha.

A segunda d'estas recitas realisou-se a 24 de fevereiro de 1892. O programma compunha-se, além da parte musical, das tres comedias *Les Brébis de Panurge*, de Meilach e Halevy, *La Fleur Tlemcen*, de Legouvé e *Furnished Apartment*, com a seguinte distribuição:

LES BRÉBIS DE PANURGE

Marthe Nervil	D. Maria Antonia Ferreira Pinto
Gabrielle Dorcey	Baroneza da Regaleira
Jacques Durand.	Komarow, secretario da legação da Russia
Baptiste	Paulo Regaleira

LA FLEUR DE TLEMCEN

Julie	D. Branca Ferreira Pinto
Miss Jackson.	D. Maria Antonia Ferreira Pinto
Coronel de Saqueville . . .	Barão da Regaleira

Condessa da Cunha Mattos, D. Maria Francisco Trigoso e Carlos Regaleira

FURNISHED APARTMENT

M.me Taupin	D. Anna de Serpa Pimentel
Celestine	D. Branca Ferreira Pinto
M.me Carambá	D. Maria Isabel Ennes
Victoire	Baroneza da Regaleira
Taupin	Komarow
Carambá	Carvajal, addido á legação de Hespanha
Sir John	W. Gorchen, secretario da legação ingleza

As recitas d'este anno em nada desmerecem d'essas recitas memoraveis e já quasi esquecidas pelas actuaes gerações.

O espectaculo de 1 de maio, em beneficio do Hospital de Repouso para Tuberculosos, ficará na memoria de todos como a saudade de uma hora da mais rara belleza, vivida n'um mundo cada vez menos bello. A assistencia compunha-se de tudo quanto Lisboa conta de mais illustre na aristocracia, na politica e na litteratura. Nunca se viu plateia com tanta marqueza e condessa. Dir-se-hia que fôra o mordomo da Casa Real quem distribuira os convites. Nos dous camarotes de bocca assistiam as rainhas D. Amelia e D. Maria Pia, El-Rei, o principe real e os infantes D. Affonso e D. Manoel. Eram nove e um quarto quando a senhora D. Branca Ferreira Pinto — que já na recita em beneficio das *Dames de charité*, desempenhando o papel de *Julia* na comedia de Legouvé, *La Fleur de Tlemcen*, se revelara uma actriz consummada, — abriu o espectaculo, recitando uma poesia do sr. Alberto de Oliveira. A doce voz de sortilegio, a inspiração de verdadeiro talento com que foram recitados esses versos, trouxeram-nos á lembrança a Bartet da *Nuit d'Octobre* e a Sarah da *Phédre*. Raros serão os poetas portuguezes a quem terá cabido a ventura de ouvir as suas estrophes transfiguradas por voz de tanta melodia em tão cariciosos e sonoros accordes.

Como a doença de *madame* Morales de los Rios, que se achara subitamente rouca, fizera recear a impossibilidade de se representar a co-

media hespanhola de Eusebio Blasco, *El Porfiado*, a senhora D. Maria do Patrocinio de Barros Lima convidara para preencher o espectaculo, com a comedia *Zaragueta*, o grupo de amadores, dirigido pelo sr. conde da Figueira (D. Luiz), de que fazem parte algumas das mais salientes figuras da aristocracia de Lisboa.

Entretanto, a senhora D. Amelia Burnay Morales de los Rios multiplicava as inhalações e as pulverisações, que cada vez a deixavam mais aphonica, e conseguia, recorrendo á desprestigiada homœopathia, recobrar, á ultima hora, a voz, e apparecer em scena ás onze horas para jogar com seu marido o fino duello de epigrammas, a que se resume o sainete de Eusebio Blasco.

Abençoada homœopathia, porque, se não fosse a sua milagrosa cura, ficariamos privados de assistir a uma das mais graciosas manifestações do talento feminil!

A comedia é um desafio de subtilezas, que termina, á velha maneira de Labiche, por um casamento entre primos. Póde-se-lhe chamar uma peça de exame para uma actriz e um galan. É uma verdadeira prova de concurso. Todos os jornaes fizeram justiça á suprema arte com que essa tão fina senhora desempenhou, auxiliada por seu marido e por Edgard Plantier, a espirituosa comedia. Mas o que os jornaes não poderam traduzir em palavras bastante li-

sonjeiras foi todo o encanto subtil com que *madame* Morales de los Rios sublinhou cada verso, pousando uma intenção em cada phrase, illuminando com um sorriso cada silencio.

É impossivel dizer com mais delicada malicia, com mais airosa graça, esse papel de *coquette* fatigada de adoradores, que vem procurar fóra da cidade um refugio contra os apaixonados e encontra um primo a arder de amores e tão teimoso, tão *porfiado*, que alcança, depois de uma batalha de epigrammas, a mão da esquiva viuvinha.

Já perto da meia noute o panno subiu de novo, deixando vêr a mais sumptuosa salinha, que jámais se compôz em palcos portuguezes. O bom gosto do sr. Alfredo Guimarães soube distribuir as colchas antigas, o mobiliario de estylo Luiz XVI, os vasos da India com ramalhetes de rosas, os *bibelots*, as lampadas de *abat-jour*, as plantas ornamentaes, com um d'esses talentos de decorador, que honram um artista.

A scena era digna, pelo seu luxuoso requinte, do torneio de gentileza, de elegancia flexuosa, de perfumado espirito, que ia começar entre as senhoras condessa de Arnoso e D. Celeste Jardim dos Anjos, no desempenho da comedia *Les deux Veuves*.

Bartet e Jane Hading não representariam melhor a comedia maliciosa de Mallefille. Estavam em scena duas actrizes, como por certo

nunca passaram eguaes pelo tablado mundano do theatro Thalia, nas mais bellas festas das Laranjeiras!

Antes do *D. Beltrão de Figueirôa*, que Julio Dantas escrevera, ha tres annos, para o beneficio de Lucilia Simões, a senhora D. Branca Ferreira Pinto recitou ainda o monologo em verso, de Pailleron, *La Poupée*, com a mesma voz harmoniosa e o mesmo radiante talento com que dissera os versos do sr. Alberto de Oliveira, ao abrir o espectaculo.

No desempenho do *D. Beltrão de Figueirôa* entraram as senhoras condessa de Arge (Celimena), D. Luiza Mayer de Mello Sabugosa (Duenha), e os srs. marquez do Lavradio (D. Beltrão), José de Mello Sabugosa (Marquez), conde de Santar (Frei André) e José de Castro Guimarães, que fez o pequeno papel do pagem.

Tanto na interpretação do *D. Beltrão*, como na execução espectaculosa da pavana da côrte, com que fechou a festa, as senhoras mostraram vantagens manifestas sobre os homens. Emquanto estes esqueceram o segredo de gentileza com que os seus avós faziam as cortezias e tiravam o *sombrero* de plumas, as mulheres não perderam a sciencia de collocar a *mouche* na face, de fazer as sumptuosas venias, de trazer com airosa graça o *verdugadim* e o *pannier*. Se os homens precisam de recorrer ás cabelleiras para representar as decorativas figuras do

seculo XVII, ás mulheres basta modificar o penteado, vestir um trajo anachronico, e logo parecem descer de uma tela de Rubens ou Van Dick ou sahir de um sarau no paço da Ribeira, em tempos d'el-rei D. João IV. Ninguem diria que a senhora condessa de Arge, com os seus laços côr de rosa no cabello, não fosse o authentico, precioso e adoravel modelo de Velasquez para a sua Infanta de Hespanha; assim como Luiz XIV não notaria, ao encontrar a senhora D. Luiza Mayer de Mello n'um corredor de Versailles, o menor anachronismo na sua *toilette*. A impressão que tivemos, ao subir o panno, foi de que uma viera da côrte de Filippe II e a outra de uma comedia de Molière.

E ambas honravam a sua procedencia: não se é mais gentil do que *Celimena;* não se representa melhor do que o fez a espirituosa *Duenha*. Velasquez ficaria satisfeito. Molière teria applaudido.

Por ultimo, os dez pares invadiram a scena para dansar a pavana, que fechou o espectaculo com um quadro sumptuoso, em cujas figuras pareciam ter collaborado o Veroneso das *Bodas de Canaan* e o Velasquez das *Méninas*.

Ainda nos parece vêr passar, em ceremoniosas venias, no passo magestoso da pavana, a figurinha, preciosa como um Saxe, de D. Isabel de Mello Sabugosa, vestida de turgidos damascos côr de rosa, e tão coberta de

joias, que toda ella, a cada mesura, fulgurava, ao cruzar-se com sua tia, D. Luiza Mayer de Mello, vestida de velludo preto lavrado, graciosa como uma d'essas grandes fidalgas da côrte de Luiz XIV, que o Rei Sol apresentava ao embaixador da Prussia como as maiores maravilhas da França.

Fôra, com certeza, o bastão dourado de Gongora, que batera as tres pancadas classicas, antes do levantar do panno para o ultimo acto; e sem duvida que, se a senhora condessa de Arge tivesse vivido na côrte de Filippe II, D. Diego Velasquez da Silva lhe teria pedido a honra de a immortalisar, no seu trajo de setim côr de rosa, com a sua fina juba enfeitada de laços e o seu signalsinho no queixo...

Dir-se-hia que regressamos aos meados do seculo XIX, ao tempo das tempestades politicas e das recitas nas Laranjeiras. Emquanto as senhoras dansam pavanas, vestidas á Maria de Medicis, os jornaes fumegam como baterias em guerra.

Os theatros animaram-se. As *jotas* aragonezas da languida e pequena Ignez Muñoz causam sensualissimos delirios. Os jantares diplomaticos *batent leur plein.* No Colyseu cantam-se a *Tosca* e a *Gioconda* pelo mesmo preço por que se viu a *Fléche humaine* e as phocas ames-

tradas. Vitaliani encarrega-se, em D. Maria, para completar a illusão de um retrocesso a 1870, de representar a *Vida de um rapaz pobre* e a *Maria Antonietta:* o reportorio de Emilia Adelaide e de Manuela Rey! No theatro da Trindade, um grupo de amadores aristocraticos canta o *Procopio Baeta*, adaptação velhissima da operetta franceza *Monsieur de Champ Fleuri passe la soirée chez lui*, com que Francisco Palha fez rir na mocidade os senhores nossos paes.

Com o *Procopio Baeta* na Trindade, a *Vida de um rapaz pobre* em D. Maria, o *Baile de mascaras* no Colyseu, a censura prévia na Imprensa, a intriga politica na Arcada, quem se não ha de suppôr contemporaneo dos marechaes, vivendo no reinado de D. Maria II?

Depois de lermos o jornal da manhã, podemos recear que ao sahir de casa encontremos de novo as traquitanas e seges de bandeirinha, bamboleando sobre grossas correias, o bolieiro á sella, de nisa e bota de canhão com espora de roseta; os grilhetas a trabalhar, com uma funebre resonancia de cadeias, no embrechado do Rocio, «que Eusebio Candido gizára sobre o risco das *Thermas de Caracala*»; os aguadeiros a encher os canecos no chafariz do Chiado; os janotas, de *badine* e calça flor de alecrim, a discutir o ultimo collete de Garrett; as mulheres, de cuia e crinoline, agasalhando-se do sol com sombrinhas minusculas e franjadas.

Pois não se representa outra vez o *Morgado de Fafe*, de Camillo; a *Morgadinha de Valflôr*, de Pinheiro Chagas; o *Procopio Baeta*, de Francisco Palha; a *Maria Antonietta*, de Giaccometti?

Ainda bem! Porque resuscitaram decerto o Tasso, o Santos Pitorra, o Rosa pae, a Emilia das Neves, o Antonio Pedro! Ha *quadros vivos* no Trindade, com fidalgas *pur sang?* Optimo! Devemos estar por volta de 1850. É com certeza o Farrobo o organisador da festa! Os jornaes são perseguidos? Então não ha duvida; governa o conde de Thomar e vamos ter, não tarda nada, a *Maria da Fonte!*

Já por toda a parte os antigos recreios da sociedade renascem e restauram-se. São os habitos passados que voltam. São os tempos mortos que resuscitam. A desenvoltura, a graça, o espirito estão outra vez em moda. Representam-se comedias nos palacios dos condes da Figueira, da condessa de Almedina, dos viscondes de Carnaxide, e ha recitas de amadores em verdadeiros theatros, com verdadeiras condessas... Nos programmas reapparecem os nobres appellidos dos Bellas, dos Pombeiros, dos Azambujas, dos Ribeiras, dos Pombaes, dos Paratys, dos Sabugosas, dos Castellos-Novos, dos Belmontes... Póde ser esta a mesma Lisboa de ha cinco annos, ceremoniosa e insipida, insociavel e retrahida?

Quando se realisou a recita do D. Maria em

beneficio do Hospital de Repouso no Lumiar, já o grupo aristocratico do palacio de Santo André annunciara a sua recita em beneficio das Officinas de S. José.

Ha, porém, entre estas duas festas, separadas por pouco mais de quinze dias, uma differença profunda. Ambas encantadoras, sim, mas cada uma com o seu caracter inconfundivel. A recita do D. Maria foi toda de elegancias modernas, de requintes e liberdades espirituosas. A recita do Trindade foi toda de ingenuidade, de anachronismo e de prudencia. Sente-se que um espirito excessivamente mundano presidiu á organisação da primeira. Adivinha-se que um preconceito de tradição, convencional e regressivo, influenciou a segunda. Invencivelmente, o nosso espirito retrogradava para outros tempos, já meio apagados na memoria, ao vêr resurgir a velhissima operetta *Monsieur de Champfleuri passe la soirée chez lui!* A propria inclusão de *Quadros vivos* no programma dava-lhe um perfume anachronico, trazia á lembrança as *redoutes* da imperatriz Eugenia, as festas de Compiègne e das Tulherias, onde as elegantes do segundo imperio, presididas pela marqueza de Gallifet e pela princeza de Metternich, reproduziam os quadros de Watteau e de David ou figuravam proverbios com guarda-roupas orientaes. Por certo que nem a galante *Visite au marché,* onde D. Margarida Moser, vestida de

bergère Luiz XV, tão encantadoramente faz menção de ouvir o galanteio de um peralta, de casaca bordada a matiz, nem a primorosa reconstituição do piedoso *Chemin de Croix en Catalogne*, são para comparar na sua innocente e casta intenção, ao *Embarquement pour Cythère*, fielmente reproduzido em Compiègne pela côrte pouco escrupulosa de Napoleão III.

Mas é que os *Quadros vivos* accrescentavam ao programma um caracter discreto de antiguidade. Sente-se que presidiu á confecção de todo elle um espirito intelligente mas regressivo, um espirito fidalgo, por excellencia, irresistivelmente seduzido pelo passado, para quem as audacias e as liberdades das gerações actuaes escandalisam. Foi uma festa onde transpareciam o preconceito e as tradições do theatro de Salvaterra —as criminosas, exceptuadas!...

Este facto vem revelar mais uma vez o que não é segredo para ninguem: Lisboa, com o seu aspecto nivelador e cordeal, conserva ainda o seu *faubourg de Saint Germain*. Ha ainda um *clan* de velha nobreza, que, embora acceitando politicamente o novo regimen, resiste com obstinado conservantismo a todas as infracções da pragmatica, a todas as audacias do pensamento contemporaneo, destruidor da velha e veneravel tradição de classe e de familia. D. Maria foi a festa espirituosa da elegancia; a Trindade foi a festa preconceituosa da *vieille-roche*. Não ca-

bem dous proveitos n'um sacco, diz o antigo rifão. Por isso, aquella teve a animação, a vivacidade, a desenvoltura, que lhe imprimiu uma sociedade emancipada de convenções e preconceitos de casta; e esta conservou o caracter ingenuo, antiquado, *vieux jeu*, fóra de moda, que lhe imprimiu uma sociedade eminentemente tradicionalista. Outra differença fundamental as distingue. Em D. Maria, foram as senhoras casadas que vieram ao palco. No Trindade, quasi tudo se passou entre meninas solteiras. A experiencia da vida revelou áquellas outras actrizes improvisadas thesouros de attitudes, gestos e expressões, que as suas camaradas innocentes nunca, por mais esforços que empregassem, poderiam egualar nos seus candidos *bouts de rôle*.

E essa ingenuidade foi um dos encantos da festa promovida pelas senhoras marqueza de Rio Maior e condessa de Azambuja e organisada pelo sr. conde da Figueira (D. Luiz). Por muito tempo, no palco da Trindade, errará o perfume d'aquellas flores aristocraticas, d'essas fidalgas devotas e juvenis, que com tanta uncção religiosa reproduziram o quadro *Un chemin de Croix en Catalogne*, ou que, com os seus fios brandos de voz, cantaram o côro napolitano *Funiculi Funiculá*...

A recita do Trindade fechou a serie de festas d'este inverno.

Agora, sob este ceu de esmalte azul, tudo

vae debandar. Já se annuncia a partida da côrte para Cintra. Vão começar os cirios e as romarias. Ceres e Pomona succedem a Thalia e Terpsycore.

Quinze dias mais de animação, com as *parejas* aragonezas da Muñoz e os bailes andaluzes da desenvolta Imperio, e Lisboa entrará a despovoar-se, serão assignados armisticios nas guerras jornalisticas, a intriga politica adormecerá no regaço maternal do governo. Da Lisboa de agora só ficarão as touradas do Campo Pequeno e os sorvetes do Martinho.

XIV

Lisboa de verão — O verão de 1836 — Uma tradição que se perde — As merendas nas hortas, no tempo de Bocage — O verão dos arcades e dos romanticos — Uma Lisboa deserta.

A phrase espirituosa de um escriptor portuguez, que uma noute, nos jardins do *Sporting Club*, como lhe perguntassem porque passava os dias em Lisboa, respondeu: «porque era o sitio mais fresco de Portugal!» não é totalmente isenta de verdade. A porção de exaggero, que ha n'ella, não basta para ajuizal-a de absurda. É uma verdade desfigurada pelo espirito.

Por toda a parte onde a cidade ergue ás aragens do mar muros de casaria, parapeitos e trincheiras de tijolo, pedra e telha, o calor é tropical e abraza. Mas basta sahir do dedalo do Bairro Alto ou do xadrez da Baixa, para que se torne indispensavel segurar o chapeu, apertar o casaco. O vento sacode as folhagens das arvores, como um satyro que quizesse despir uma nympha. Nuvens de poeira revolteiam, tão baças, que parecem erguidas sobre as areias abundantes de um deserto. Se o sol terrivelmente

escalda, a sombra desmedidamente refrigera. Assim Lisboa se parece com esses *chaud-froid*, que são a gloria do cosinheiro italiano da rainha senhora D. Maria Pia e a iguaria mais requintada dos almoços de Cintra e dos jantares da Ajuda. Quem se arreceia de sahir de dia, com o sol no ceu, tem de envergar um sobretudo para se aventurar de noute pelas ruas, á luz do gaz, do luar e das estrellas. A noute de verão, em Lisboa, lembra um sorvete, que miraculosamente tivesse sahido de um forno.

A constipação, mal se entra em julho, torna-se endemica. O defluxo e o espirro teem o seu periodo de maxima expansibilidade em agosto, no mez canicular, e decrescem rapidamente em outubro. Tudo isto concorre para fazer da capital, n'estes cento e cincoenta dias dedicados ás thermas, ás praias e ás villegiaturas, uma cidade insipida como nenhuma outra.

É um erro suppôr-se que alguem deserte dos bairros ventosos de Buenos Ayres, Estrella, Avenida, Campo Grande e S. Sebastião da Pedreira, fugindo ás calmas suffocantes de um clima de Africa. O vento espaneja Lisboa permanentemente, como uma escrava a sua sultana. E é do vento das tardes e do arrepio das noutes que se foge, n'um exodo unanime, que abandona a cidade aos infelizes. Por diversas vezes se tentou estabelecer recreios de verão, ao ar livre. Foi primeiro no jardim de S. Pedro de Alcan-

tara, depois no terraço do sr. marquez da Foz. Mas nas noutes caniculares, o vento e o frio dispersavam o publico, deixavam desertas as mezas d'esses alegres botequins estivaes. E nem as pernas das bailarinas, nem as canções gaiatas de uma franceza conseguiram reter entre a ventania os lisboetas n'esses cafés-concertos tão dispendiosamente improvisados para os divertir. Foi necessario renunciar a essa unica distracção e Lisboa recahiu na insipidez. Mal assomam os calores de junho, as companhias, que exploram de inverno os nove theatros da cidade, embarcam para o Brasil. A vida de Lisboa aquieta-se como a de um pequeno burgo sertanejo. Os proprios jornaes, á falta de assumpto, principiam a viver dos acontecimentos estrangeiros.

E entretanto, ha cincoenta annos, a vida de Lisboa, de junho a setembro, era ainda cheia de animação. S. Carlos estava aberto quasi todo o anno. Em 23 de junho de 1828, era ordenado o encerramento de S. Carlos... «por ser assim conveniente á tranquillidade publica!» É durante o verão que o marquez de Niza rapta *mademoiselle* Menay, a Jenny Olivier, e tenta raptar a Perelli.

Em junho de 1837, em pleno setembrismo, cantava-se em S. Carlos a *Beatriz de Tenda*, o *Guilherme Tell* e *Os Puritanos*, dansava-se a *Duquesa d'Argyles* com a Pontiroli e a Velluti.

No Salitre, estreava-se uma companhia hespanhola com a tragedia *Lamusa*, do duque de Rivas. No *Tivoli* da rua da Flor da Murta e no circo do Avrillon havia todas as noutes enchentes. As revoltas, as conspirações, as campanhas jornalisticas feriam-se, de preferencia n'esses dias de sol. A calma não affectava os homens nem a politica. Havia duellos em agosto e golpes de Estado em setembro.

Hoje, Lisboa adquire, chegado o verão, um aspecto novo. A animação das ruas desloca-se. O Chiado é uma passagem erma. As clientes das casas de modas estão em Cintra, estão em Vichy, estão nas Caldas da Rainha. Os janotas do *Turff* estão no Monte Estoril, na Figueira ou n'uma *cabine* do *sud-express*. De tempos a tempos, uma victoria ou landau, guiados por um batedor, desce ou sobe a trote, conduzindo allemães com o Bœdeker aberto nos joelhos. Os caixeiros dormitam, encostados aos balcões. Espreitam ás janellas dos primeiros andares homens em mangas de camisa, senhoras de penteador. Os empregados da Camara alagam, enlameiam as ruas com o esguicho das mangueiras. No silencio ambiente, os pregões das varinas ascendem, mais musicaes, como vocalisações de *prima-donas*. Tal uma fonte, abundante no inverno e reduzida a um fio de agua em agosto, o verão exhaure Lisboa. A sua vaga humana reduz-se á ondulação de um quieto

lago. Ha momentos em que o ruido morre, se extingue, se reduz a um leve murmurio, como nos circos, durante a exhibição de um *numero* sensacional. Na Arcada, quasi ninguem. Os continuos dormitam á porta das secretarias...

Quando a madrugada dos domingos tinge o ceu e apaga os ultimos astros das noutes de sabbado, um anceio immenso de liberdade desperta os tresentos mil enclausurados, que ainda habitam Lisboa e a cidade transporta-se toda do centro á peripheria. Os *tramways* da linha de cintura começam a baldear para o arrabalde esse exercito de sitiados. É a villegiatura dominical dos pobres, contagiados pelo exemplo dos ricos. Das janellas da minha nova casa, que de um lado se debruçam sobre a avenida Antonio Augusto de Aguiar, passagem forçada dos que, de americano, a pé ou de carro, vão para Bemfica, Bellas e Porcalhota, para o Jardim Zoologico ou para o Velodromo, e do lado opposto abrangem a linha de Sacavem, a praça de touros e o Campo Grande, todos os domingos vejo rolar e espraiar-se essa onda marulhante de povo, essa dominical emigração de familias operarias á procura das innumeras *hortas*, que desde o Cabo Ruivo ao Lumiar, desde o Lumiar a Sete Rios, offerecem á sua sede e á sua fome, sob caramancheis de cannas, em frente a paizagens bucolicas, o vinho de Torres e o peixe frito com alface: a alface dos alfacinhas!

Este costume de passar o domingo nas hortas é antigo. Já no seculo XVIII era velho. D. João V não ia nos domingos a Odivellas. Havia muita gente nas estradas. Mas a familia lisboeta dos reinados de D. João V, de D. José I e de D. Maria I levava para as hortas o seu farnel, acampava a uma sombra, comprava ao hortelão o vinho e a alface, dansava o lundum, ao som de violas, e regressava a entoar um romance aos olhos de uma Cloris, glosas a qualquer mote brejeiro, dado por uma secia traquinas da rua dos Fanqueiros ou Capellistas. No seculo XVIII,. era o burguez que ia passar o domingo aos Olivaes, a Marvilla, ao Lumiar, a Campolide, ás hortas do Ferro de Engommar e da Rabicha. Tolentino e Bocage entravam na sucia, muitas vezes. Essas merendas campestres, dignas das telas galantes de um Watteau, degeneravam com frequencia em outeiros poeticos, com desafios de vates e amores bucolicos de arcades e franças, de preciosas e peraltas. Moleques de libré transportavam as merendas em grandes cestos de verga. As damas iam de sege ou liteira. A merenda da horta foi o *pic nic* classico do seculo da Arcadia e das anquinhas e o mais genuinamente nacional de quantos passatempos enfeitaram a vida do burguez de Lisboa.

Mas o novo regimen acabou com todas essas diversões delicadas e ingenuas. O novo burguez

do liberalismo principiou a levar as filhas ao Passeio Publico e ao circo Price, ás touradas do Salitre e do Campo de Sant'Anna, ás recitas da companhia franceza da rua dos Condes. A Arcadia extinguiu-se. Desencordoaram-se as violas. Espartilharam-se as secias. Fecharam-se as hortas. Os omnibus, os americanos e depois os comboios começaram despejando para os suburbios, aos domingos, os ranchos de proletarios, successores dos burguezes. Deante d'essa invasão de vandalos destruidores, os hortelãos trancaram os portões das quintas e a tasca e a taberna adornaram-se com o nome poetico e rural, tão grato ao velho mercador da rua Nova e ainda tão prestigioso dos versos maliciosos de Elmano a Armania. Corrompida na taberna, a horta é hoje uma escola perigosa de vicio, uma arena de rixas, onde o operario vae jogar o sôco e embriagar-se, longe da policia e do governo civil.

Ao cahir da noute, quando os romeiros regressam á cidade, é na estação do Rocio, pelas estradas de Sete Rios e Cruz da Pedra, do Lumiar e dos Olivaes, um bamboar sinistro de ebrios, a que se apegam, chorando, as mulheres e as creanças. O anoutecer dos domingos, em Lisboa, n'estes mezes de verão, reveste aspectos tragicos, que o talento de um Steinlein ou de um Forain archivaria em paginas angustiosas.

Mas a impressão que o forasteiro leva dos domingos de Lisboa é a do regresso das touradas, dos passeios no Campo Grande, das tres largas avenidas, banhadas de sol e refrescadas de aragens, que do Rocio conduzem magestosamente, entre arvores alinhadas como soldadinhos de chumbo e aparadas como pyramides de buxo, até á vasta rotunda arborisada, onde a praça de touros do Campo Pequeno eleva os quatro zimborios azues acima do seu redondel vermelho de tijolo, arrendado em janellas mouriscas. E agora, a essas mesmas tardes de touros, que foram a gloria do reinado de D. Miguel, faltam animação e concorrencia. São raros os trens que se aventuram até ao Campo Grande. Hoje, em Lisboa, estão apenas os ministros, a burocracia e o proletariado. Parece que é justamente o necessario para que a vida, com a sua lucta, a sua ambição, o seu tormento e as suas victimas prosiga inalteravel.

Envolta nas suas nuvens de pó ou enlameada pelas mangueiras municipaes, Lisboa tomou o aspecto somnolento e triste de uma cidade devastada por uma epidemia, e é quasi necessario ir a Cintra ou Cascaes para se ter o ensejo de tirar o chapeu a um conhecido!

INDICE

PAG.

Capitulo I — O palacio Palmella — Catalogos da galeria do Calhariz — Um muzeu de pintura portugueza — A obra de Sequeira, de Vieira Portuense, e de Vieira Lusitano — Os Sousas Calharizes — Uma dynastia intellectual — Academicos, diplomatas e amadores de bellas-artes — Palacios do Rato, do Calhariz e da Arrabida — As cartas do conde de Raczinsky — Uma maravilhosa collecção de esmaltes de Limoges — Um quadro de Raphael e de Julio Romano — O S. Miguel Archanjo, de Grão Vasco — O S. Paulo Eremita, de Guido Reni — Santa Rosa de Viterbo, de Balestra — As quatro grandes telas de Sequeira — Um quadro de Teniers — Os dois retratos de sir Thomas Lawrence — O gabinete do sr. duque de Palmella — As porcellanas e as faianças — A baixella do conde da Povoa — Um presente de Luiz Filippe — A sr.ª duqueza de Palmella esculptora e ceramista . 27

Capitulo II — Hugo Mac-Donell — Uma figura excentrica — O antigo secretario da legação de Inglaterra — A elegancia ingleza — O *gentleman* — As civilisações latina e anglo-saxonica — O principe de Cariatti — A proposito de Botticelli — Lady Mac-Donell — O reinado victorino — A supremacia da Inglaterra no mundo moderno — A arte ingleza — Burne-Jones e Ruskin — A nobreza e o povo — Um antagonismo secular — Hugo Mac-Donell poeta, desenhista e gravador — Um typo superior de homem moderno — Uma poesia inedita 83

Capitulo III — O palacio da Rosa — Um lar de sete seculos — O ultimo marquez de Ponte de Lima — Decadencia das grandes familias — O neto do successor de Pombal, amigo de boleeiros e alquiladores — A venda de um dominio historico a um algibebe, por uma andaina de briche — O palacio dos Cerveiras albergue de mendigos — A restauração do sr. marquez de Castello Melhor — O retrato do ministro de D. Affonso VI — Um magnifico relogio de bronze — As louças do conde de Mafra — Uma meza de jogo notavel 105

Capitulo IV — Uma viagem no Alemtejo — Evora rica — Uma omnipotencia regional — A cidade de Diana — A comitiva d'El-Rei — Azevedo Coutinho — O par do reino Francisco Barahona — Pastores, campinos, maioraes, rabadões e manageiros — Uma multidão medieval n'um scenario do seculo XV 119

Capitulo V — O palacio dos Cesares, a Santo Amaro — Seus edificadores — Sua historia — Cesares contra Mascarenhas — Lucta de gigantes — Uma estirpe de guerreiros e de sabios — Os velhos solares da nobreza — Os palacios das familias Castro Marim, Louriçal, Castello Melhor, Fronteira, Pombal, Lavradio, Ribeira Grande, Lafões, Sabugal, Galveias, Rezende — O modelo do *Ramalhete* d'*Os Maias* — A bibliotheca do conde de S. Lourenço — Um Christo de Machado de Castro — Uma surprehendente sala de jantar 127

Capitulo VI — O carnaval de Lisboa em 1800 e 1900 — Do sr. Pina Manique ao sr. D. João d'Alarcão — A pulha — O chéché — O entrudo dos tremoços e o entrudo das flores — A absorpção pelas altas classes de uma festa popular — O chéché como satyra politica — Do capitão-mór aos Cabraes — A Maria da Fonte em pastorinha — As comedias do palacio de Santo André — A revista *Exposição de S. Luiz* — O Zé janota — O actor Augusto Rosa — Uma parse em Lisboa 147

PAG.

Capitulo VII — O palacio de Queluz — Um pequeno Versailles — Os architectos e decoradores de Queluz — Os Jardins — O canal — Do infante D. Francisco ao infante D. Miguel — O paço do miguelismo — Ameaças de ruina — As salas dos serenins e do throno — Uma restauração engenhosa — As pinturas dos *boudoirs* de vidro — A sala das audiencias 167

Capitulo VIII — Madame Selda Potocka — Um consultorio de belleza — O recurso das feias — Do elixir de formusura á electrolyte — Da imperatriz Popea á bailarina Tortejada — Banhos de leite, de champagne, de malaga, de agua de chuva e de chá — O banho de Anna Bolena — Ninon de Lenclos aos oitenta annos — Seios que reflorescem — Rugas que se desvanecem — Uma aula de riso — A electricidade ao serviço da belleza . . 187

Capitulo IX — Os concertos Lamoureux — Lisboa melomana — Junot e S. Carlos — D. João IV compositor de oratorias e D. João VI cantor de cantochão — A musica na dynastia de Bragança — O tecto da sala das talhas, em Queluz — Desde os *Te-Deum* de D. João V aos boleros de Antonita — Os espectadores dos concertos — O culto da musica — A cavalgada das Walkirias — A symphonia heroica, de Beethoven 201

Capitulo X — Os parques da Avenida e do Campo Grande — Um plano abandonado — As economias da Camara Municipal — A nova Lisboa — Os bairros modernos — O novo Jardim Zoologico — A quinta das Laranjeiras — O palacio Farrobo — O theatro Thalia — A casa dos espelhos — Ruinas de uma grandeza — Do conde de Farrobo ao duque de Abrantes 211

Capitulo XI — O Imperador da Allemanha em Lisboa — Um Cesar fardado de coronel — Um guerreiro de aspecto timido — Uma desillusão consoladora 233

Capitulo XII — O leilão do sr. João Arroyo — Progressiva dispersação das collecções de arte — O que desappareceu e o que fica — A casa de um artista — O salão *Pêle-Mêle* — A sala Luiz XVI — A sala dos charões — Um quarto de cama em estylo Luiz XIII — Os quadros — O leilão Rebello da Silva — O leilão Zea Bermudes — O leilão Fernando Palha — O preço da obra de arte — Uma anecdota — Rubens em Villa Viçosa — O *Paulo e Virginia* de d'Epinay — O tapete persa da Misericordia do Porto — O que nos resta em obras de arte 241

Capitulo XIII — As recitas de amadores — Do sarau das Picôas á recita do palacio de Santo André — No tempo de Alcipe — A sociedade portugueza de 1840 — A decadencia — As festas do conde de Farrobo, dos marquezes de Penafiel e do conde de Carvalhal — O theatro do Dafundo — Salões Asseca, Murça e Abrantes — D. Maria Kruz — Uma tradição que morre — O reinado de D. Maria II — A influencia da mulher na sociedade portugueza — A recita de 1 de maio em D. Maria — As comedias *El Porfiado, Les deux Veuves* e *D. Beltrão de Figueirôa* — O desempenho — Madame Morales de los Rios — As senhoras condessa de Arnoso e D. Celeste Jardim Anjos — As senhoras D. Luiza Mayer de Mello e condessa de Arge — A *pavana* — A graciosidade da mulher portugueza — A recita no theatro da Trindade — Um programma *vieille roche* — O *Procopio Baeta* — A recita dos srs. viscondes de Carnaxide — Os bailes dos srs. condes de Azambuja. 269

Capitulo XIV — Lisboa de verão — O verão de 1836 — Uma tradição que se perde — As merendas nas hortas, no tempo de Bocage — O verão dos arcades e dos romanticos — Uma Lisboa deserta 295

Livraria Classica Editora

20, Praça dos Restauradores, 20

LISBOA

Alfredo Bensaude

Uma Concepção Evolucionista da Musica — As canções de F. Schubert 30

C. Malheiro Dias

O Filho das Hervas, 1 vol. 80

Os Telles de Albergaria, 1 vol. 80

Paixão de Maria do Céo, 1 vol., 2.ª edição no prélo.

Cartas de Lisboa, 1.ª serie 60

Cartas de Lisboa, 2.ª serie 60

O Grande Cagliostro (Aventuras de José Balsamo em Portugal), 1 vol. 80

Amor de Mulher, romance (no prélo).

Conde de Paçô Vieira

Discursos parlamentares (1890-1903), 3 vol. . 1$50

Caminhos de Ferro Portuguezes, subsidios para a sua historia (esgotado), 1 vol. . . . . 1$00

João Ribeiro

Crepusculo dos Deuses — Contos e historias traduzidas do allemão, 1 vol. ¾. 50

Paginas de Esthetica, 1 vol. cart. 50

M. Teixeira-Gomes

Inventario de Junho (esgotado), 1 vol. 50

Cartas sem moral nenhuma, 1 vol. 50

Agosto Azul, 1 vol. 50

Sabina Freire, comedia 50

Anna Rosa, romance (no prélo).

Olavo Bilac

Critica e Fantasia, 1 vol. 80

[redacted]